

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL

MICHELE NEVES MENESES

**‘EXPERENCIAR EM AÇÃO’:
SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO POPULAR NO FAZER E AGIR DO
AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE**

Porto Alegre

2019

MICHELE NEVES MENESES

**‘EXPERENCIAR EM AÇÃO’:
SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO POPULAR NO FAZER E AGIR DO
AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Linha de pesquisa: Processos de Ensino na Saúde

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

MENESES, MICHELE NEVES
'EXPERENCIAR EM AÇÃO': SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO
POPULAR NO FAZER E AGIR DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE
/ MICHELE NEVES MENESES. -- 2019.
135 f.
Orientadora: Ramona Fernanda Ceriotti Toassi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de
Pós-Graduação em Ensino na Saúde, Porto Alegre, BR-RS,
2019.

1. Educação Popular em Saúde. 2. Ensino na Saúde.
3. Sistema Único de Saúde. 4. Agente Comunitário de
Saúde. 5. Educação Permanente em Saúde. I. Toassi,
Ramona Fernanda Ceriotti, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação a todos e todas que não desistem de lutar por uma sociedade mais justa,
humana e solidária.

Às educadoras populares...
Aos educadores populares...

Aos que resistem...

Aos que colocam sua arte, sua espiritualidade, seu cuidado, seus cachimbos, seus maracás, seus xales, suas ervas, seus cocares, seus tambores, suas redes, seus pandeiros, suas flautas, suas guias, suas vozes, suas bandeiras, seus corpos e mentes, suas palavras e ações...
a favor da resistência!

Aos que colocam suas vidas a favor da resistência!

Aos que resistem amando!

É preciso resistir, mas também criar a mudança!

Enfim, dedico esse trabalho à Ana Clara, razão de eu não desistir de amar, lutar e viver!

Se eu tivesse que nascer, eu nasceria

Se eu tivesse que viver, eu viveria

Se eu tivesse que morrer, eu morreria

Se eu tivesse que matar

Eu poesia!

Eu poesia!

Eu poesia!

Outro mundo é possível!

AGRADECIMENTOS

À ancestralidade que me trouxe até aqui. Grande Deusa, Grande Espírito, Guias e Mestres que me iluminam e dão força na caminhada.

Às medicinas da floresta que nos acolhem, curam, ensinam, desvendam a vida, mostrando o caminho em equilíbrio com todos os seres e a sagrada Pachamama.

À Ana Clara, menina dos olhos atentos e do sorriso largo que tenho a honra de ser mãe. Tens parte na Educação Popular, fazendo sua primeira imersão aos 6 meses na Tenda Paulo Freire. Perdoa-me pelos momentos de ausência física. Amo-te mais que todo o universo!

À minha família na terra mãe, mano e Pam por me amarem, aceitarem e auxiliarem nos cuidados com a Aninha nessa reta final. A minha família “do céu”, pai e vó, espero sempre honrar vocês com muito amor. À Marrie (nossa gata) por acompanhar nas noites em claro.

À Adri, por ser minha parceria nos cuidados com a Aninha e por compartilharmos altos e baixos nesses dois anos, uma sempre incentivando a outra a seguir em frente.

À Ju, pelas noites de conversa, trocas de experiências sobre a Educação Popular e sobre a vida, oportunizando-me afeto, amizade, solidariedade e o exercício da *práxis*.

À Neidi, por ser “abuelita”, auxiliando-me no caminho sagrado e não desistindo de mim, dando força e segurança nos momentos difíceis.

À Eli, que mesmo distante, é uma amiga e irmã do coração que fez questão de estar presente nesse momento tão importante na minha vida. Minha família mexicana e “hermana latinoamericana”.

Aos integrantes do Coletivo Povaréu Sul, MOPS e ANEPS que dão sentido à caminhada de luta pela Educação Popular e Saúde.

À Fer, Maria Lose, Conceição, Angélica, Joice, Lia, Claudinha, Jenny, Robertinha, Maria Paula, Etel, Deka pela amizade, companheirismo, incentivo e partilha na luta. Ao Sandro e Johan pelo carinho, amizade, parceria e mesmo horizonte que outro mundo é possível. Aos meus amigos e irmãos do trabalho: Katita, Toninho e Marcinha por não serem apenas colegas, mas semeadores de sonhos.

Ao querido Ray Lima, que me sensibilizou com a cenopoesia, fazendo-me perceber o quão necessário é a arte para resistir na luta e na vida.

À aldeia Guarani Para Roke que tem me acolhido, em especial minha há'i Mbya Talcira que me ensina cada dia a ‘ser mais’ e seguir o caminho da simplicidade e da alegria.

Aos ‘pousos solidários’, pois sem eles não poderia cursar o mestrado. Gratidão eterna às amigas Ana Lúcia e Sinara que sempre me acolheram com carinho e amor em suas casas e vidas.

Aos colegas do PPGEnSau, em especial à Sabrina, ao Léo, Valter, Zé, Helena e Renyelle pelas parcerias, afetos, inquietações, alegrias e tristezas.... por acreditarem que sempre é tempo de anunciar e denunciar e que a nossa luta não será em vão!

Aos ACS educandos e educandas do EdPopSUS Rio Grande, a quem tenho profundo respeito e admiração, são parte fundamental deste trabalho, pois a partir de vocês essa pesquisa possui tamanha boniteza.

Às professoras Cris Famer e Carmen, por me acompanharem ao longo dessa caminhada.

À querida professora e orientadora Ramona, com sua firmeza, cuidado e carinho nas trocas de ensinamentos, orientações, questionamentos, sempre pontuando e estimulando a reflexão, o pensar e o agir. Gratidão pela enorme paciência, pelo afeto de sempre e por mediar as mais diversas situações ao longo desses dois anos.

GRATIDÃO

(Canção de Marie Gabriella)

Eu agradeço, eu agradeço...
Se as flores se misturam nos canteiros
Os ideais podem também se misturar
Se as cores se complementam nos desenhos
As diferenças podem se complementar

Não há melhor, não há grande nem pequeno
O que há é muito o que trabalhar
Cada um fazendo o seu direito
Só alegria e belezas vão brotar

Deste jardim cujo sou o jardineiro
E de amor eu sempre vou regar
És a fonte deste amor tão verdadeiro
O meu herdeiro, quem eu vou sempre cuidar

Só lhe peço verdade e respeito
Com aquele que te fez e te criou
Esse é um sábio procedimento
Para poder aumentar o seu valor

O resto é só lembrar de agradecer
Para ter sempre paz no coração
Aproveitar tudo o que merecer
E deixar a vida em minhas mãos

Eu agradeço, eu agradeço, eu agradeço!

RESUMO

INTRODUÇÃO: O Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) é uma das estratégias prioritárias do plano operativo da Política Nacional de Educação Popular para o Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). É direcionado, sobretudo, à formação de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Agentes de Combate às Endemias (ACE). Busca favorecer a atuação dos trabalhadores nos processos de conquista de direitos à saúde da população e no fortalecimento da participação social. Esta pesquisa traz esse Curso para a análise, focando no ACS. **OBJETIVO:** Compreender o significado da experiência de formação no EdPopSUS para ACS. **METODOLOGIA:** Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa (estudo de caso), realizada com ACS e gestores da saúde e do EdPopSUS. O local do estudo foi o município do Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Participaram da pesquisa 17 ACS educandas(os) que finalizaram o curso, em 2017, além de quatro gestores, sendo dois da saúde e dois do curso (n=21). A amostragem foi intencional, determinada pelo critério da saturação. A produção de informações envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas individuais e análise documental (cartas de expectativas inicial e final de cada educando e do material didático do curso). O material textual de pesquisa foi interpretado pela análise de conteúdo de Bardin, à luz do referencial teórico da Educação Popular. A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa. **RESULTADOS:** As experiências no EdPopSUS foram expressas por descobertas, reflexões, discussões, despertando emoções que foram significando essa formação e construindo um novo processo de aprendizado pessoal e profissional aos ACS, ancorado na realidade vivida. A Educação Popular incentivou a reflexão, o diálogo e a afetividade, potencializando a criatividade e autonomia dos ACS em um espaço educativo de autoconhecimento e de construção do conhecimento individual e coletivo, interagindo com o mundo experienciado. Houve a valorização das vivências pessoais e profissionais dos ACS e o aprendizado do ouvir o outro e do ouvir-se, em um exercício contínuo de ação-reflexão-ação. As saídas de campo, as rodas de conversa da Educação Popular e as ‘Tendas do Afeto Popular’, ambas atividades mediadas pelo educador popular em uma proposta de problematização da realidade, foram destacadas como potencialidades do curso. Os ACS reconheceram aprendizagens significativas no resgate das memórias, práticas e saberes populares construídos nas tradições familiares e sociais de suas comunidades. Desafios foram identificados no retorno dos ACS para o trabalho junto às equipes de saúde, havendo dificuldades dessas equipes que não participaram do curso em acolherem as ideias de Educação Popular trazidas pelos ACS. **PRODUTO:** Três produtos técnicos foram construídos a partir dos fundamentos da Educação Popular: seminário, proposta de curso de formação para profissionais de saúde e da elaboração da política pública municipal de Educação Popular em Saúde. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A Educação Popular foi reforçada, nesta pesquisa, como uma prática pedagógica e social que fortalece pessoas, movimentos, equipes, práticas de cuidado e, portanto, o próprio SUS. Processos de formação na saúde fundamentados na Educação Popular devem envolver não apenas uma categoria profissional e, sim, todos os integrantes das equipes de saúde, para que possam ter oportunidades compartilhadas de aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Agentes Comunitários de Saúde. Educação Permanente. Educação Popular em Saúde. Sistema Único de Saúde.

ABSTRACT

INTRODUCTION: The Qualification Program in Popular Education for Health (EdPopSUS) is one of the main strategies of the operational plan from the Popular Education of National Policy to the National Health Service (PNEPS-SUS). It is specially aimed at the formation of Health Community Agents (ACS) and Agents to combat endemics (ACE). It intends to favor the participation of workers in accomplishing their due rights for the health of population and the strengthening of social participation. This study brings this Course to an analysis, focusing on ACS. **OBJECTIVE:** To understand the meaning of the formation experience at EdPopSUS for ACS. **METHODOLOGY:** It is a research for qualitative approach (case study), carried out by ACS along with health and EdPopSUS managers. The place of study was the city of Rio Grande in the State of Rio Grande do Sul. Seventeen (17) Health Community Agent (ACS) students who concluded the course in 2017, participated the study. Besides, four managers (two for Health and two others for the course – n = 21) were also invited to participate. The sampling was intentional determined by saturation criteria. The information production involved semi-structured, individual interviews and document analysis (letters of initial and final expectations of each educator and course material). The research text material was interpreted by Bardin's content analysis, based on a Popular Education theoretical reference. The research was approved by the Ethics and the Research Committee. **RESULTS:** The experiences on EdPopSUS were expressed by discoveries, reflexions, discussions, awakening emotions which became an essential part of this formation constructing a new, personal and professional growth to ACS, anchored on their own reality. Popular Educations has encouraged reflexion, dialogue and affection enabling creativity and autonomy to the Health Community Agents (ACS) in an educational environment of self-learning and the building of an inner and collective knowledge interacting with the experimented world. People's personal and professional experiences were of great value and the act of listening to the other person and to oneself as a continuous action-reaction-action exercise. Highly discussed as positive were The field trips, the Popular Education conversation groups, and the so- called 'Popular Affection Tents' both monitored by the popular educator to show the problems of our reality. The ACS recognized some meaningful lessons to rescue memories, practices and popular wisdom built in family and social traditions of their communities. Challenges were identified in the ACS Agents return to work along with the health teams. The teams that did not join the course had more difficulties to accept the new ideas of Popular education brought by the ACS. **PRODUCT:** Three technical products were built from the foundations of Popular Education: seminar, proposal of training course for health professionals and the elaboration of the municipal public policy of Popular Education in Health. **FINAL CONSIDERATIONS:** Popular Education was reinforced in this research as a pedagogical and social practice that strengthens people, movements, teams, care practices and the National Health Service itself. Processes of health formation based on Popular Education must involve not only a professional category but all the health teams so they can have more shared learning opportunities.

KEYWORDS: Community Health Workers. Continuing Education. Popular Education in Health. Unified Health System.

RESUMEN

INTRODUCCIÓN: El Programa de Calificación en Educación Popular en Salud (EdPopSUS) es una de las estrategias prioritarias del plan operativo de la Política Nacional de Educación Popular para el Sistema Único de Salud (PNEPS-SUS). Se dirige sobre todo a la formación de Agentes Comunitarios de Salud (ACS) y Agentes de Combate a las Endemias (ACE). Se busca favorecer la actuación de los trabajadores en los procesos de conquista de derechos a la salud de la población y en el fortalecimiento de la participación social. Esta investigación trae ese curso para el análisis, enfocándose en los ACS. **OBJETIVO:** Comprender el significado de la experiencia de formación en EdPopSUS para ACS. **METODOLOGÍA:** Se trata de investigación de abordaje cualitativo (estudio de caso), realizada con ACS y gestores de la salud y del EdPopSUS. El local del estudio fue el municipio de Rio Grande, en Rio Grande de Sur. Participaron en la investigación 17 ACS educandos que finalizaron el curso, en 2017, además de cuatro gestores, siendo dos de la salud y dos del curso ($n = 21$). El muestreo fue intencional, determinado por el criterio de la saturación. La producción de información involucró la realización de entrevistas semiestructuradas individuales y análisis documental (cartas de expectativas inicial y final de cada educando y del material didáctico del curso). El material textual de investigación fue interpretado por el análisis de contenido de Bardin, a la luz del referencial teórico de la Educación Popular. La investigación fue aprobada por el Comité de Ética en Investigación. **RESULTADOS:** Las experiencias en el EdPopSUS fueron expresadas por descubrimientos, reflexiones, discusiones, despertando emociones que fueron significando esa formación y construyendo un nuevo proceso de aprendizaje personal y profesional a los ACS, anclado en la realidad vivida. La Educación Popular incentivó la reflexión, el diálogo y la afectividad, potenciando la creatividad y autonomía de los ACS en un espacio educativo de autoconocimiento y de construcción del conocimiento individual y colectivo, interactuando con el mundo experimentado. Hubo la valoración de las vivencias personales y profesionales de los ACS y el aprendizaje del oír al otro y del oírse, en un ejercicio continuo de acción-reflexión-acción. Las salidas de campo, las ruedas de conversación de la Educación Popular y las 'Carpas del Afecto Popular', ambas actividades mediadas por el educador popular en una propuesta de problematización de la realidad, fueron destacadas como potencialidades del curso. Los ACS reconocieron aprendizajes significativos en el rescate de las memorias, prácticas y saberes populares construidos en las tradiciones familiares y sociales de sus comunidades. Los desafíos fueron identificados en el retorno de los ACS para el trabajo junto a los equipos de salud, habiendo dificultades de esos equipos que no participaron del curso en acoger las ideas de Educación Popular traídas por los ACS. **PRODUCTO:** Se construyeron tres productos técnicos a partir de los fundamentos de la Educación Popular: seminario, propuesta de un curso de capacitación para profesionales de la salud y la elaboración de la política pública municipal de Educación Popular en la Salud. **CONSIDERACIONES FINALES:** La Educación Popular fue reforzada, en esta investigación, como una práctica pedagógica y social que fortalece a personas, movimientos, equipos, prácticas de cuidado y, por lo tanto, el propio SUS. Los procesos de formación en salud fundamentados en la Educación Popular deben involucrar no sólo una categoría profesional, sino todos los integrantes de los equipos de salud, para que puedan tener oportunidades compartidas de aprendizaje.

PALABRAS CLAVE: Agentes Comunitarios de Salud. Educación. Continua. Educación Popular en Salud. Sistema Único de Salud.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AB	Atenção Básica à Saúde
ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ACS	Agente Comunitário de Saúde
ANEPOP	Articulação Nacional de Extensão Popular
ANEPS	Articulação Nacional de Movimentos e Práticas em Educação Popular em Saúde
APS	Atenção Primária à Saúde
APTAFURG	Associação de Professores e Técnicos Administrativos da Universidade Federal do Rio Grande
CEBS	Comunidades Eclesiais de Base
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CMCE	Central de Marcação de Consultas Especializadas e Exames
CNEPS	Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
CURG	Central Única Riograndina
EdPopSUS	Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
EPS	Educação Popular em Saúde
EPSJV	Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
ERIP	Estágio Regional Interprofissional
ESF	Estratégia Saúde da Família
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LAMAC	Laboratório Municipal de Análises Clínicas
MS	Ministério da Saúde
MAEA	Metodologias ativas de ensino-aprendizagem
MOPS	Movimento Popular de Saúde
NUMESC	Núcleo Municipal de Educação e Saúde Coletiva
OMS	Organização Mundial da Saúde

PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PNAB	Política Nacional da Atenção Básica
PNEPS-SUS	Política Nacional de Educação Popular em Saúde
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PSF	Programa Saúde da Família
RENAFRO	Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde
SEGEP	Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
SGTES	Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação em Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDF	Tratamento Fora do Domicílio
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
VEPOP	Vivências em Educação Popular
VER-SUS	Vivências e Estágios na Realidade do SUS

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	12
2 PROBLEMA DE PESQUISA	17
3 OBJETIVOS	18
3.1 OBJETIVO GERAL.....	18
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
4 REFERENCIAL TEÓRICO	19
4.1 POLÍTICA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE	21
4.2 POLÍTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE.....	25
4.3 AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE	31
4.4 PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE (EdPopSUS)	35
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS	41
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
6.1 CONTEXTUALIZANDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	45
6.2 APRENDIZAGEM PELA EXPERENCIAÇÃO: O ‘EXPERENCIAR EM AÇÃO’ QUE TRAZ A PERCEÇÃO E O QUERER DE SEMPRE BUSCAR MAIS	48
6.3 AVENTURA DE CONSTRUIR UM CAMINHO DE APRENDIZADO MEDIADO PELA PLURALIDADE DE ABORDAGENS, COM COERÊNCIA E NA COLETIVIDADE.....	55
6.3.1 (Re)aprendendo histórias, memórias e saberes das comunidades: processo vivencial que dialoga com a formação e o trabalho do ACS	70
6.4 (RE) CONSTRUÇÃO DO TODO: A IRRADIAÇÃO DESSA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM.....	80
6.5 DESAFIOS A SEREM SUPERADOS E POTÊNCIAS DESVELADAS	95
7 PRODUTOS TÉCNICOS	102
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	117
ANEXO A – TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA	126
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DE APROVAÇÃO CEP UFRGS	127
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	130
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EDUCANDOS (ACS)	132
APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA PARA GESTORES DA SAÚDE	133
APÊNDICE D – ROTEIRO ENTREVISTA PARA GESTORES DO CURSO	134

1 APRESENTAÇÃO¹

É coisa preciosa a saúde, e a única em verdade,
que merece que em sua procura empreguemos
não apenas o tempo, o suor, a pena, os bens, mas
até a própria vida; tanto mais que sem ela a vida
acaba por tornar-se penosa e injuriosa.
(MONTAIGNE, 1533-1592, Ensaios)

A educação está presente desde os primeiros relatos do ser humano na Terra. Formou-se por meio das experiências e interações da nossa espécie com o meio. Revelar ao outro a produção e conservação do fogo, fundamental para a preservação da espécie, era educação. Ensinar o manejo dos artefatos para caçar, se alimentar, fazer uma vestimenta, também era educação. A disseminação de hábitos, crenças, formas de convívio, organização social e a produtiva são decorrentes de processos educativos. É processo educativo tudo que envolve conhecimentos, habilidades e valores necessários para a formação do ser humano (TONET, 2007).

Por isso, a educação é cultura e ideologia. Pode servir para aproximar e afastar pessoas e classes sociais. Logo, também é uma forma de poder. Assim, parodiando a assertiva do marxista italiano Antônio Gramsci (1975), para quem somos todos filósofos, posso afirmar, também, que somos todos educadores, enquanto construtores de nossas próprias histórias.

Desses movimentos de ação, reflexão e discussão originam-se tessituras que vão acontecendo, tecendo a vida e dando-lhe sentido. É necessário, também, implicar para escrever e descrever esses processos. A implicação, nesse sentido, vem como uma motivação, um tecer que nos move a compartilhar com outros e outras o ‘nosso vivenciado’ no cotidiano do processo de trabalho, bem como de militância pela saúde, pela Educação Popular e pela vida.

Surge, dessa forma, a ideia de *práxis*², do agir consciente, instrumentalizado por uma visão de mundo coerente, onde o exercício prático deve realizar-se de modo coincidente com o discurso. Um dos grandes tecedores dessa teia da *práxis* e da coerência com o que se diz e se faz foi e é Paulo Freire. Freire (2016) afirmava que não devemos estar no “mundo para simplesmente a ele [nos] adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem certo sonho ou projeto de mundo” (p. 36). Devemos usar todas as possibilidades para ir além de nossa utopia, mas, e inclusive, participar de práticas com ela coerentes. Inspirada nesses princípios é que foi

¹ Este texto inicial foi escrito em primeira pessoa em função da pesquisadora se colocar imersa no processo da pesquisa enquanto aprendiz e construtora da mesma.

² Para Gramsci, a “filosofia da *práxis*” é definida pelo vínculo inseparável entre a teoria e prática, o pensamento e a ação, sendo, de acordo com seu entendimento, uma característica central do legado de Marx (MONASTA, 2010).

construído e proposto a presente pesquisa. Seu objetivo e problema surgem das práticas vivenciadas na formulação e execução das políticas de Educação Popular e de Educação Permanente em Saúde.

Há, ainda, a inspiração que vem de minha trajetória com o campo da educação e saúde, a qual iniciou na graduação em Enfermagem, a partir de um projeto de extensão intitulado ‘Vivências em Educação Popular’ (VEPOP³). Após, dei continuidade a este trabalho com formações lato senso na Educação Permanente, Gestão e Educação Popular, chegando atualmente no mestrado profissional de Ensino na Saúde. Venho, também, da luta pela vida com respeito ao outro e a outra nas singularidades e especificidades participando do Coletivo Povaréu Sul, do Movimento Popular de Saúde – MOPS/Rio Grande, da Frente Brasil Popular, do Movimento de Mulheres e da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas em Educação Popular e Saúde - ANEPS. Dessa forma, articulo os aprendizados acadêmicos com as lutas populares, dando sentido às escritas e sendo coerente na luta.

Venho das lutas populares, do movimento estudantil e da Educação Popular em Saúde. Venho da classe trabalhadora que luta pelo Sistema Único de Saúde (SUS) que fomente verdadeiramente práticas de saúde e educação, pois creio que não há separabilidade. Venho de um Coletivo que promove reflexão, discussão e ação de outras formas de cuidar e viver, a partir de práticas de cuidado em saúde. Venho de tantos lugares e tenho ido para outros tantos, e não me sinto só! Vamos indo juntos, caminho com aqueles que têm os mesmos ideais de ‘sonhAÇÃO’. No sentido utilizado por Freire (2014, p. 93) em que sonhar “não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar. Significa arquitetar, significa conjecturar sobre o amanhã” tendo como pano de fundo desse sonho a AÇÃO – atividade humana de significação e apreensão da realidade e “uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2014, p. 96).

Não obstante, escrever sobre o que nos move não é tarefa fácil, pois além da experiência ou da vivência, os movimentos de reflexão que são feitos e provocam sentimentos, por vezes inquietantes, mas é preciso circular e aqui *cirandar* para então compartilhar. Também, que em tempos ‘obscuros’ como o que o Brasil vivencia, com uma tendência de decréscimo de

³ VEPOP é o projeto de extensão que visava inserir estudantes da graduação nas comunidades com experiências de Extensão Popular na linha da Educação Popular em Saúde, de maneira integrada com os espaços do Sistema Único de Saúde (SUS) e comprometida com a formação de trabalhadores para atuação com postura ético-política humanística, interdisciplinar e participativa. Nasceu em 2005 no contexto das ações de promoção da formação universitária em saúde na perspectiva do SUS, de forma articulada ao ‘Vivências e Estágios na Realidade do SUS’ (VER-SUS) e ao ‘Estágio Regional Interprofissional’ (ERIP) pela Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação em Saúde (SGTES). O projeto teve duração de um ano e não houve continuidade nos anos seguintes (VEPOP, 2016).

investimento público nas políticas sociais, uma constante criminalização dos movimentos sociais por forças de reação, trabalhos como este, que demonstram que outras formas de ensinar e aprender, levando à conscientização das pessoas, são, de certa forma, caminhos de resistência. Nesta tessitura, desafio-me a sistematizar a compreensão do significado da experiência de formação no Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) para os educandos (Agentes Comunitários de Saúde) da turma do Rio Grande, Rio Grande do Sul.

Acredito que os resultados obtidos com este trabalho de compreensão e sistematização poderão contribuir, efetivamente, para o fortalecimento, o aperfeiçoamento e a disseminação da política de Educação Popular em Saúde, consolidando um modelo de saúde que considere o ser humano em sua integralidade, não apenas como ‘paciente’, mas como agente na formulação das políticas públicas. Ainda, o estudo traz para a discussão acadêmica uma estratégia de educação na saúde que tenha como eixo a participação comunitária e efetiva da população para a construção de uma proposta de saúde e vida digna.

Saliento que a proposta que sustenta esta dissertação é a compreensão dos significados que os(as) ACS educandos(as) atribuíram a formação no EdPopSUS, desenvolvido no Município do Rio Grande, no ano de 2017. Na sua especificidade, a proposição ancora-se na análise dos significados que as vivências estabelecidas no Curso proporcionaram e na investigação dos significados atribuídos a essa experiência em suas vidas cotidianas e, especificamente, em sua atividade profissional, identificando potencialidades e desafios. Objetiva, tangencialmente, levantar subsídios que possam identificar se essa formação possibilita a implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no município, além de subsidiar uma reflexão sobre a aproximação da Educação Popular com a Educação Permanente na área da saúde.

O trabalho foi organizado em oito capítulos, com a intenção de melhor explicar o caminho percorrido na pesquisa. Nesse primeiro capítulo, busco, ao situar-me historicamente, mostrar as relações sociais que me constituem e que são essenciais para a compreensão do lugar social que ocupo que indica de onde vão partir as análises. No Capítulo 2, apresento o problema de pesquisa, o local onde ela se desenvolveu e os sujeitos que a compõem. No Capítulo 3, os objetivos que norteiam esse percurso são descritos. No Capítulo 4, dedicado ao referencial teórico, busco tramar Educação Popular e Educação Permanente em Saúde, o histórico e a importância dos Agentes Comunitários de Saúde e a apresentação do EdPopSUS. No Capítulo 5, apresento a trajetória metodológica que permitiu a fala dos pesquisados e a forma como as

informações produzidas foram trabalhadas, além de georreferenciar o município. No Capítulo 6, descrevo e analiso dialogicamente os dados apresentados, a partir das categorias que emergiram em suas falas, costurando teoria com seus achados (simbólicos e de conhecimento). No Capítulo 7, a produção técnica de materiais informativos, didáticos e políticos pertinentes à descrição desse caminho, tendo presente que em educação, o produto que se espera é sempre o conhecimento. No Capítulo 8, apresento minhas considerações finais, tendo presente que outros pesquisadores, com outros referenciais trilhariam distintos caminhos. Retomo, por fim, as análises das categorias (parte) na tentativa de (re)construir e significar a totalidade da experiência.

Dessa forma, estar imersa em processos educativos que visam à autonomia dos seres, potencializando o melhor de cada um, sendo um educar na esperança em tempos de desencanto, foi uma tarefa de resistência e desafiadora nesse ano de 2018, que será relatada de forma sistematizada nesses capítulos. Referencio a ‘Educação Popular’, lugar do inédito viável, que traz leveza e ao mesmo tempo a firmeza na caminhada de um trilhar a uma sociedade humanamente justa, em que pessoas não se reduzam a meras mercadorias. Que nos assegura em cada olhar, em cada corpo, mente e espírito que dessa roda de pertencimento da Educação Popular os que aqui estão e dela fazem parte que: ‘ninguém soltará a mão de ninguém’!

Ninguém solta a mão!⁴

**Ninguém solta a mão de ninguém! Ninguém solta a mão
Pode se chegar, pode vir celebrar ninguém solta a mão**

Povo trabalhador - ninguém solta a mão
Povo agricultor - ninguém solta a mão
Da comunidade - ninguém solta a mão
Da fé, da liberdade - ninguém vai soltar não
Do jovem da criança - ninguém solta a mão
Da teimosa esperança - ninguém solta a mão
Dos nossos direitos - ninguém solta a mão
De amor e respeito - ninguém vai soltar não
Desse povo oprimido - ninguém solta a mão
Que luta por justiça - ninguém solta a mão
Do Projeto de Deus - ninguém solta a mão
Nós somos filhos Seus - ninguém vai soltar não
Marias, Marielles - ninguém solta a mão
Índios e quilombolas - ninguém solta a mão

⁴ Música criada por Diego Noda para as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) e dos movimentos sociais. A canção foi disponibilizada ao Movimento de Educação Popular de Rio Grande (MOPS) - 2019. Essa canção foi escrita a partir de um momento histórico e político atual em que se torna necessário abraçar e lutar coletivamente pelas causas sociais e humanitárias.

Da história do povo - ninguém solta a mão
Esta terra tem dono - ninguém vai soltar não
Da diversidade - ninguém solta a mão
Da paz e da justiça - ninguém solta a mão
Nestes tempos de luta - ninguém solta a mão
Essa é nossa conduta - ninguém vai soltar não

2 PROBLEMA DE PESQUISA

A proposta de realização do Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) é uma das estratégias prioritárias do plano operativo da Política Nacional de Educação Popular para o Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS).

O curso é direcionado, sobretudo, à formação de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Agentes de Combate às Endemias (ACE). Ele busca favorecer a atuação dos trabalhadores nos processos de conquista de direitos à saúde da população e no fortalecimento da participação social e acontece em 13 estados brasileiros: Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Sergipe. Promove a qualificação da prática educativa de profissionais e lideranças comunitárias que atuam em territórios com cobertura da Atenção Básica do SUS (EDPOPSUS, 2017).

A pesquisa desenvolvida durante o percurso do Mestrado Profissional traz esse Curso para a análise, focando no ACS, visando contribuir com novos elementos para a implantação da PNEPS-SUS, entendendo-se que a qualificação profissional dos trabalhadores do SUS é um componente fundamental no processo de transformação qualitativa dos serviços de saúde pública no Brasil. Da mesma forma, é um importante instrumento inclusivo e de fomento da participação social. Assim, espera-se que este trabalho potencialize recursos e interesses para a solução dos problemas relacionados à implantação da PNEPS-SUS, incentivo à maior participação social e emancipação da população no que tange às Políticas Públicas de Saúde.

Considerando os elementos apontados, o problema de pesquisa que vai direcionar o conjunto da escrita será:

Qual (is) o (s) significado (s) da experiência do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) para seus protagonistas?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender o significado da experiência de formação no Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) para Agentes Comunitários de Saúde (ACS), no município do Rio Grande, Rio Grande do Sul.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como se estabeleceu o processo de formação no EdPopSUS, na perspectiva dos(as) ACS educandos(as), gestores do curso e do município, buscando compreender a relação do curso com o trabalho dos ACS.
- Identificar potencialidades e desafios da formação no EdPopSUS.
- Verificar se a formação no EdPopSUS está possibilitando a implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

[...]
 Muito lido e respeitado
 O Paulo Freire ainda vive
 Motivo que se o cultive
 Ele deixou o seu legado
 E continua arraigado
 Na práxis de muita gente
 A ferramenta potente
 Da Educação Popular
 E do verbo esperar
 Sorrindo pro que está dado.
 (Cordel sobre Paulo Freire, RAY LIMA, 2013)

Razões como a discriminação, o aumento da violência, do preconceito, da exclusão social permite-nos afirmar que um outro mundo é necessário, urgente e possível. Um mundo com superação da opressão, da desigualdade e do individualismo consumista e avassalador que dilaceram a sociedade. Um mundo que começa a ser engendrado nas lutas e ações dos movimentos sociais e populares, nas multidões que escrevem a história nascente deste século nos protestos, nas marchas, nas manifestações contra o globalitarismo excludente, por todos os lados, em Brasília, Porto Alegre, no Chile, no México, na Venezuela, na Argentina, na Espanha...

A exclusão tem se tornado invisível aos olhos da sociedade. Conforme Gentili e Alencar (2003, p. 29), “a exclusão e seus efeitos estão aí. São evidências cruéis e brutais mostradas nas esquinas, comentadas pelos jornais, exibidas nas telas. Entretanto, a exclusão parece ter perdido a capacidade de produzir espanto e indignação em boa parte da sociedade. Nos outros e em nós outros”.

Há uma crescente demanda por mais espaço de deliberação por parte da sociedade em vários espaços e, principalmente, nos espaços de gestão. Nesse sentido, a socióloga Soraya Cortês (2002) destaca o aumento da relevância que os mecanismos de fomento à participação social no desenvolvimento das políticas públicas, em especial as de saúde, inclusive com respaldo das agências internacionais.

Durante as duas últimas décadas, nos países desenvolvidos, a institucionalização de mecanismos participatórios tem sido vista como um complemento ou como uma alternativa às formas tradicionais de representação política nas democracias liberais. No mesmo período, as agências internacionais têm preconizado que nos países em desenvolvimento sejam promovidas a auto-sustentação econômica e a participação comunitária, vistas como meios para atingir o desenvolvimento. Os cuidados primários

de saúde seriam uma das principais estratégias para melhorar as condições de saúde nesses países. Uma de suas diretrizes centrais consiste no estímulo à participação comunitária. Tem sido questionada, no entanto, a possibilidade de serem criados mecanismos que permitam a participação dos setores populares no processo de decisão política em países em desenvolvimento e, particularmente, em países latino-americanos (CORTES, 2002, p. 19-20).

Quando se traz para o universo da participação a necessidade de coerência entre teoria e prática, abre-se um espaço de conexão de valores. Não pode haver espaço de aprendizagem desconectado desse conflito, dessa efervescência, dessa encruzilhada originalíssima da humanidade. A libertação, que acontece nas ruas, oficinas, palcos e escritórios, também se faz em rede. Acredita-se na libertação que se intercomunica, que reconhece as estruturas onde está inserida para superá-la, que se imbui da mística transformadora de um projeto militante e amoroso de resistência criativa, em todos os espaços e das mais variadas formas possíveis, inclusive nos ambientes de aprendizagens.

A importância da Educação Permanente e da Educação Popular em reanimar educadores e educadoras em saúde a prosseguir como militantes da utopia. Logo, não se pode educar para a autonomia através de práticas hegemônicas, não se pode educar para a liberdade a partir de práticas autoritárias e não se pode educar para a democracia a partir de práticas autocráticas (FREIRE, 2014).

A formação cidadã é um desafio ético e político, pois se deve pensar em valores, normas e direitos que configuram a práxis cidadã e que, indissociavelmente, devem constituir a práxis educativa.

A escolha da construção do referencial teórico foi cuidadosa em relação aos autores, pesquisadores e pessoas que têm prática com a Educação Popular em ato são, além de excelentes pensadores e escritores, educadores populares, militantes da saúde, da cidadania, construtores de uma sociedade mais justa, humana e menos desigual. Além da ‘boniteza’ de sua escrita, possuem boniteza na alma e nas suas ações cotidianas.

Logo, o referencial teórico abaixo apresentado, procura responder e dar embasamento aos objetivos e problema desta pesquisa, sendo organizado pelas Políticas de Educação Permanente e Educação Popular em Saúde, logo após o histórico do profissional Agente Comunitário de Saúde no Brasil e por último o Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS).

4.1 POLÍTICA DE EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE

A Educação Permanente em Saúde objetiva a transformação do processo de trabalho, orientando para a melhoria da qualidade dos serviços e para a equidade no cuidado e no acesso aos serviços de saúde, possibilitando uma acumulação do conhecimento que influencia no trabalho e na vida (RIBEIRO; MOTTA, 2002; CECCIM 2005; MORAIS FILHO et al., 2013). O Ministério da Saúde (MS) recomenda que esta seja vista e trabalhada como uma estratégia de transformação das práticas de formação, de atenção, de gestão, de formulação de políticas, de participação popular e de controle social, no campo da saúde (BRASIL, 2009). Além disso, afirma que a Educação Permanente em Saúde baseia-se na aprendizagem significativa no trabalho que acontece no cotidiano do trabalhador e trabalhadora e das instituições, ou seja, uma aprendizagem em que o processo se dá pela construção de novas informações (um novo conhecimento) que vai se relacionar de maneira não arbitrária e substantiva à estrutura cognitiva do aprendiz, produzindo sentidos que resultarão na problematização do vivido (AUSUBEL, 1963; CAMPOS, 2003; CECCIM 2005; MORAIS FILHO et al., 2013).

É sabido que os processos educativos e de aprendizagem não acontecem somente em espaços educacionais formais. Dialogar com a Educação Popular e a educação não formal como campos educativos que se complementam nas necessidades dos sujeitos que deles se utilizam é ouvir a multiplicidade de suas vozes e olhar para o chão onde têm suas raízes. O que equivale dizer que estas modalidades educativas, como também a educação geral, são dependentes da intencionalidade de quem as propõe. No campo da saúde, parte-se do pressuposto que o trabalho acontece em vários ambientes, como na rua, na operacionalização e na construção das políticas públicas. Neste processo, entende-se o trabalhador de saúde também como um usuário ou um militante (se esse for o seu desejo), mas sempre como um ator social.

Segundo Moretti (2018), apesar da ‘militância’ não ser uma categoria na obra freireana como um todo organizado, suas ideias nos dão pistas a partir de termos recorrentes quais sejam: engajamento, compromisso e comprometimento, luta, radicalidade, defesa de ideias, consciência, entre outras. Salienta que para ele, militância tem a ver com solidariedade, com implicação política a ponto de, já no exílio, se definir como um militante da educação. Nesse sentido, a militância vista na sua perspectiva é a ação de quem se prepara e se organiza para a prática, é a de quem luta por direitos e protesta contra as injustiças. É a de quem vive “a história como tempo de possibilidade e não de determinação” (FREIRE, 2014, p. 73).

O trabalhador em saúde ao significar sua ação (militância) militante com a base conceitual do SUS, pode se implicar e agir advogando pela saúde como direito universal e valorização da vida humana, para além do seu trabalho. Neste sentido, a Educação Permanente tem como foco a formação em serviço, que pode ser, então, em espaços mais amplos que se ocupem não somente da atenção/assistência, mas da gestão, do controle social e da organização dos serviços, sob o prisma da viabilização de um projeto popular com afetos, ao encontro das necessidades daqueles sujeitos participantes (CECCIM, 2005).

A Educação Permanente propõe que os processos de educação dos profissionais da saúde sejam estruturados a partir da problematização do seu processo de trabalho e que objetive a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho, tendo como referencial as necessidades de saúde das pessoas, a gestão setorial e a promoção da saúde sob suas diversas formas, ainda que consiga trabalhar com as singularidades e especificidades daqueles trabalhadores e trabalhadoras em saúde, para que não seja apenas mais um espaço de discussões vazias de verdadeiro sentido (CAMPOS, 2003; CECCIM, 2004; OLIVEIRA et al., 2011; MORAIS FILHO et al., 2013) . Desse modo, faz-se necessário uma reflexão permanente sobre o que está acontecendo no serviço, na sociedade e na vida e, o que precisa ser (re)pensando e transformado (BRASIL, 2004a).

É percebida como a educação no trabalho, pelo trabalho e para o trabalho em qualquer circunstância, tendo como finalidade a melhora da saúde de todos, não excluindo os trabalhadores (ROVERE, 1994; OLIVEIRA et al., 2011; MORAIS FILHO et al., 2013). Considerando-se que o SUS tem o papel de gestor federal em relação à legislação e à ordenação do pessoal para o setor saúde (BRASIL, 2004a), acredita-se que os trabalhadores da área da saúde possam vir a ter uma grande contribuição dos princípios da Educação Permanente em Saúde, nos seus processos de transformação das práticas vividas nos serviços de saúde, pois através da reflexão diária de seu cotidiano, fazendo a relação do aprender/ensinar, auxiliam na superação do modelo biomédico para o modelo da integralidade (CECCIM; FEUERWERKER, 2004; OLIVEIRA et al., 2011; MORAIS FILHO et al., 2013).

Enquanto política pública, a Educação Permanente, surge como proposta de contribuição para a transformação do processo de trabalho, no sentido de avançar rumo ao acesso e à equidade dos serviços de saúde e da consolidação do SUS. Estimula igualmente a produção de saberes, a partir do incentivo e da valorização das práticas de trabalho em saúde, em um dado contexto e

com uma postura crítica acerca dessa realidade (OLIVEIRA et al., 2011; MORAIS FILHO et al., 2013).

Ao refletir-se acerca dos problemas relativos ao trabalho, na maioria das vezes, identificamos seus principais determinantes e o que precisamos fazer para transformá-los. Para isto ocorrer, além de espaços para estas reflexões no próprio ambiente de trabalho, outros dispositivos podem ajudar neste processo com o “olhar estrangeiro”, que faz perguntas (des) interessadas que podem produzir deslizamentos significativos no processo de aprendizado, na produção de sujeitos e subjetividades e na produção de saúde.

É nesse contexto que podem surgir demandas que nos permitirão avaliar se, de fato, o problema deriva, parcial ou integralmente, de lacunas no/do conhecimento dos trabalhadores. A partir disso, busca-se organizar respostas de formação ajustadas às necessidades detectadas (MOTA; DOSEA; NUNES, 2014). Nessa perspectiva, quando se fala em relações de trabalho, remete-se a relações sociais, que envolvem diversos atores, com diferentes intencionalidades. Impossível não considerar, portanto, o trabalho imerso em diferentes conflitos. Entretanto, não se pode ver como algo a ser encoberto e, sim, como um elemento importante na compreensão de como se produz o trabalho pelos diferentes atores.

Isso implica imaginar que trabalhadores e trabalhadoras de saúde têm diferentes visões sobre o mundo e o trabalho e que as práticas que desenvolvem são coerentes com seus sistemas culturais. E que, no ‘mundo do trabalho’, tais diferenças se encontram. Por isso, transformar as práticas provoca em transformações de si, e requer, portanto, a abertura de espaços para o reconhecimento dessas diferenças e em que medida elas obstaculizam ou facilitam a concretização das mudanças desejadas. Sem essa compreensão, corre-se o risco de assumir uma proposta teórico-metodológica vinculada à Educação Permanente, mas que, na prática, apenas repete os procedimentos da Educação Continuada⁵ sem que seja devidamente problematizada a dimensão da subjetividade e do conflito de interesses.

Ainda, de acordo com o MS, o pressuposto pedagógico que orienta a Educação Permanente é que as práticas são definidas por múltiplos fatores que têm como objetivo principal

⁵ A ‘Educação Continuada’ representa uma continuidade do modelo escolar ou acadêmico, centralizado na atualização de conhecimentos, geralmente com enfoque disciplinar, em ambiente didático e baseado em técnicas de transmissão, com fins de atualização. Já a ‘Educação Permanente’ tem o enfoque em todo processo de trabalho colocando os trabalhadores como atores reflexivos de suas práticas laborais, problematizando o próprio fazer, ao invés de apenas receptores de conteúdos e atualizações (DAVINI, 2009).

a transformação da prática de trabalho. As práticas educativas são construídas de forma ascendente, levando em conta as necessidades específicas dos trabalhadores em saúde (BRASIL, 2005b) e da população. Para Ceccim (2005, p. 162), o foco central da Educação Permanente é

[...] sua porosidade à realidade mutável e mutante das ações e dos serviços de saúde; é sua ligação política com a formação de perfis profissionais e de serviços, a introdução de mecanismos, espaços e temas que geram autoanálise, autogestão, implicação, mudança institucional, através da reflexão e experimentação.

É nessa perspectiva que a Educação Popular conversa com a Educação Permanente refletindo um posicionamento frente a diferentes correntes de pensamento sobre a saúde, a educação de adultos e a educação profissional, campos que permeiam o debate e a prática sobre a formação de pessoas. A Educação Permanente apresenta-se como uma nova perspectiva para o redimensionamento e ressignificação das práticas em saúde, buscando promover a interação entre os atores e atrizes envolvidas nessa construção e, a partir daí fazendo com que sejam incorporadas novas atitudes, como o pensar, o fazer, o refletir, a interação, a integração e a (re) construção com outros e outras, o que por sua vez, também compreende a Educação Popular.

A Educação Permanente partindo do pressuposto da aprendizagem significativa que propõe que as transformações das práticas profissionais devem estar baseadas na reflexão crítica sobre as práticas reais das instituições de saúde e não, em algo imposto pelas gestões em serviço aos trabalhadores. As demandas para o processo de qualificação surgem a partir dos problemas de organização do trabalho, fazendo com que haja problematização do processo de trabalho e uma maior qualidade da assistência em saúde (CECCIM, 2005; OLIVEIRA et al., 2011; MORAIS FILHO et al., 2013).

A política vai ao encontro do pensamento de Freire (2014), ao afirmar que para existir um verdadeiro processo de educação, este só pode ser estabelecido por meio de uma análise das necessidades reais da população envolvida. A política da Educação Permanente em Saúde, ao procurar integralizar o processo educativo, prevê a participação dos diversos segmentos sociais, em especial, os prestadores dos serviços e os sujeitos usuários, estabelecendo-se o objetivo primordial: a consolidação e o fortalecimento do SUS.

De modo geral, relacionam a proposta educativa, aos princípios que orientam o SUS, ou seja, a construção descentralizada; a universalidade; a integralidade e a participação popular. A Educação Permanente busca possibilitar o desenvolvimento pessoal e institucional, assim como

fortalecer as ações de formação com a gestão dos serviços e com o controle social (BRASIL, 2005a) e a promoção da equidade.

4.2 POLÍTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

A construção dos caminhos da Educação Popular em Saúde (EPS) vem se desenhando desde a década de 60, por meio de ações desenvolvidas pelos movimentos sociais, profissionais de saúde, entre outros, durante a construção do SUS e do próprio processo de construção da democracia no país. As experiências de Educação Popular também sofreram repressão, principalmente na ditadura no Brasil, sendo construída a partir de resistência de lutas populares a partir dos anos 80, com o processo de redemocratização (CRUZ, 2018).

Também, carrega a “coerência política da participação social e das possibilidades teóricas e metodológicas” que visam a transformação das tradicionais práticas de educação em saúde em práticas pedagógicas que induzam à superação das iniquidades que limitam o viver (BRASIL, 2007, p. 7).

A Educação Popular em Saúde constitui um movimento que se expressa nas práticas de cuidado, na produção de conhecimentos compartilhados e na constituição de sujeitos e atores políticos no campo da saúde. Possibilita a aproximação e diálogo entre o saber popular, o saber médico científico, os profissionais e as instituições de saúde (BONETTI; PEDROSA, SIQUEIRA, 2011).

Os caminhos trilhados para a construção de uma política institucional de Educação Popular foram longos e árduos, tendo início com a criação da Rede Nacional de Educação Popular em Saúde no ano de 1998. Já em 2000, foi criado o Grupo Temático de Educação Popular da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Em 2002, com um governo popular de esquerda, foi encaminhada uma carta ao Presidente eleito, para expressar a intencionalidade política do movimento em participar da consolidação do SUS, evidenciando, com isso, a Educação Popular como prática necessária à integralidade do cuidado, à qualificação da participação social e às mudanças necessárias aos processos formativos dos profissionais da saúde (BRASIL, 2012a).

Posteriormente, o movimento de Educação Popular segue avançando. Em 2003, é criada a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e, em 2005, a Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). Em 2009, na Secretaria de

Gestão Participativa/Ministério da Saúde, estabelece-se o Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde (CNEPS) “com a missão de qualificar a interlocução com os coletivos e movimentos de EPS, bem como, acompanhar o processo de formulação” (BRASIL, 2012a, p. 8) da Política Nacional de Educação Popular no contexto do SUS.

Sendo fruto de um trabalho conjunto entre Ministério da Saúde e o movimento social, a Política Nacional de Educação Popular para o Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS), em junho de 2012 é aprovada no Conselho Nacional de Saúde, sendo instituída pela Portaria MS nº 2.761 de 19 de novembro de 2013. A PNEPS-SUS tem por objetivo geral a implementação da Educação Popular em Saúde (EPS) no âmbito do SUS, contribuindo com a participação popular, com a gestão participativa, com o controle social, o cuidado, a formação e as práticas educativas em saúde. Reafirmando como diretrizes pedagógicas o diálogo, a participação e a amorosidade como elementos para a consecução do compromisso com a construção do projeto democrático e popular centrado na emancipação.

Propõe uma prática político-pedagógica para orientar as ações voltadas para a [...] “promoção, proteção e recuperação da saúde, a partir do diálogo entre a diversidade de saberes, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos [...]” (BRASIL, 2013a, p. 14).

O marco político-pedagógico da Educação Popular em Saúde, de base sócio construtivista, vem com um conjunto de saberes e práticas, considerando que a aprendizagem é um processo complexo que se dá no contexto diário vivido por meio da interação entre atores sociais, ativos e criativos, que vivenciam experiências novas as quais são confrontadas com outras já vividas favorecendo, assim, o desenvolvimento de novos esquemas mentais expressos em conhecimentos individuais e coletivos (BARILLI; PESSÔA, 2013). Soma-se a este, o marco da pedagogia crítica (FREIRE, 1997) que, sobretudo, entende a educação como prática de liberdade que, através da compreensão crítica da realidade, torna o sujeito emancipado e politicamente a libertar-se das formas de opressão (SANTIAGO, 2012), entendendo que o saber como pertencente a um ato maior, o de conhecer, colocando, assim, o elemento epistemológico da ação de aprender.

A Política de Educação Popular é um engajamento político e social que fortalece a democracia e participação social. Nela se pressupõe o ato de compartilhamento do poder, troca e construção compartilhada de saberes e fazeres, criação e estabelecimento de relações solidárias

entre gestores, trabalhadores e usuários do SUS. Tem como um dos seus objetivos a efetivação do SUS, fazendo-o uma realidade concreta e vivida a partir do protagonismo de todos os sujeitos. Ela se propõe a despertar o protagonismo fazendo com que os sujeitos percebam o mundo e a si mesmos e de atuarem sobre ele, com autonomia e consciência (BRASIL, 2013a).

A Educação Popular em Saúde constitui-se uma ferramenta estratégica de apoio aos processos de redução das desigualdades regionais e das iniquidades sociais, além de fortalecer as construções em prol das diversidades culturais e das possibilidades de estar e ser no mundo. Potencializa a ampliação da participação social e da gestão compartilhada, extremamente necessária nas relações entre os gestores e destes com os trabalhadores e usuários do SUS, auxiliando-os no resgate de sua cidadania e a se tornarem sujeitos atuantes nos processos de construção de uma sociedade melhor (BRASIL, 2013a).

A Educação Popular, por sua vez, vem a ser um instrumental indicado para a dialogicidade que se impõe e ratifica o seu papel de transformação, sem negar a leitura do mundo dos cidadãos, imbricada nas vidas, nem o poder de serem mais ou de serem críticos, autônomos, cientes de que o ato educativo é um ato político que indica o rompimento com o senso de que o educador é o que sabe, pensa, diz a palavra, disciplina, tem a autoridade do saber e funcional, e os(as) educandos(as) são os que não sabem, são os pensados, os que escutam docilmente, os disciplinados, os que não têm liberdade e que devem adaptar-se às determinações daquele, qual fossem os sujeitos, apenas objetos do processo, segundo se interpreta na Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2005).

Pode-se destacar que dentre os princípios da Educação Popular há a defesa intransigente da democracia em contraposição ao autoritarismo.

[...] a articulação entre os saberes populares e os científicos promovendo o resgate de saberes invisibilizados no caminho de um projeto popular de saúde onde haja o sentido do pertencimento popular ao SUS; a aposta na solidariedade e na amorosidade entre os indivíduos como forma de conquista de uma nova ordem social; a valorização da cultura popular como fonte de identidade; a concepção de que a leitura da realidade é o primeiro passo para qualquer processo educativo emancipatório que vise contribuir para a conquista da cidadania (BRASIL, 2013a, p. 18).

A PNEPS-SUS traz a compreensão que a Educação Popular se faz como perspectiva teórica orientada para a prática educativa e o trabalho social emancipatórios, intencionalmente direcionada à promoção da autonomia das pessoas, à formação da consciência crítica, à cidadania

participativa e à superação das desigualdades sociais. Ainda, é revolucionária ao colocar em uma política pública princípios como do diálogo, da amorosidade, da problematização, da construção compartilhada do conhecimento, da emancipação e do compromisso com a construção do projeto democrático e popular que estão inseridos na PNEPS-SUS (BRASIL, 2013a).

O diálogo se faz de uma maneira horizontal, que fortalece o encontro de conhecimentos construídos culturalmente ao longo da história. É a síntese do processo educativo. É a troca de experiências, “é o encontro dos homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu/tu e por seu inacabamento o sujeito está sempre se construindo mediatizado pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 78). O diálogo pressupõe o amor ao mundo e às pessoas, o respeito às diferentes culturas, sem negá-las, ampliando a capacidade em conviver no mundo diverso. Acontece quando há disposição entre cada um para ampliar o conhecimento crítico de ambos, construindo juntos, de forma respeitosa, caminhos para a reflexão e contribuindo com os processos de transformação. Esse diálogo que se propõe implica em escuta interessada, como também humildade e disposição em aprender, “amorosidade para o encontro, esperança na mudança de si, do outro e da realidade. O diálogo é colaboração, troca, interação e se faz numa relação horizontal em que a confiança de um no outro é consequência” (BRASIL, 2012a, p. 15).

O diálogo, pelo entendimento da Educação Popular, respeita e reconhece as pessoas que o fazem, não nivelando, muito menos reduzindo um ao outro, não sendo apenas um bate-papo ou uma conversa desinteressada. Há criticidade. Há pensamento crítico. Nele há o exercício do poder das palavras, das suas significâncias, trazendo a riqueza da historicidade de cada ser e seu posicionamento frente à vida.

Trata-se de uma perspectiva crítica de construção do conhecimento, de novos saberes, que parte da escuta do outro e da valorização dos seus saberes e iniciativas, contrapondo-se à prática prescritiva. O diálogo não torna as pessoas iguais, mas possibilita nos reconhecermos diversos e crescermos um com o outro; pressupõe o reconhecimento da multiculturalidade e amplia nossa capacidade em perceber, potencializar e conviver na diversidade (BRASIL, 2012a, p. 15).

A valorização da amorosidade, do afeto incorporando às trocas emocionais como elemento estruturante na ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa. A relação educativa que é mediada pela afetividade é uma relação que desperta e dá significado, pois estimula o despertar da consciência e “o agir das pessoas envolvidas, ampliando o

compromisso, a compreensão mútua e a solidariedade, não apenas pela elaboração racional” (BRASIL, 2012a, p.15). Amorosidade enquanto reconhecer que a produção de saúde possui dimensões com subjetividade e espiritualidade, que estimula um processo subjetivo de elaboração, não totalmente consciente, trazendo percepções, motivações e intuições sobre a realidade.

A amorosidade é intencional e política, pois tem o lado da vida, da libertação da opressão. Ela leva à criação de vínculo com o outro, fortalecendo o reconhecimento, pertencimento e o acolhimento das diferenças. Uma compreensão recíproca de solidariedade entre os sujeitos envolvidos no diálogo e na prática, levando à superação de práticas desumanizantes e criando novos sentidos ao se trabalhar com pessoas. Da mesma forma,

o afeto e a humildade, constituintes da amorosidade, se diferenciam das situações de submissão presentes nas relações de dependência emocional, não podendo ser confundida com sentimentalismo ou infantilização das relações de cuidado. Ao contrário, fortalece o compromisso com a superação de situações de sofrimento e injustiça. Enquanto referencia para a ação política, pedagógica e de cuidado, a amorosidade amplia o respeito à autonomia de pessoas e de grupos sociais em situação de iniquidade, por criar laços de ternura, acolhimento e compromisso que antecedem às explicações e argumentações. Assim, traz um novo significado ao cuidado em saúde, fortalecendo processos inovadores já em construção no SUS como humanização, o acolhimento, a participação social e o enfrentamento das iniquidades em saúde (BRASIL, 2012a, p. 15-16).

A problematização é o exercício da análise crítica da realidade a partir das experiências de vida das pessoas, levando em consideração que as histórias prévias contribuirão para a identificação dos problemas e, com isso, o encontro de soluções e potencialidades para a transformação. Segundo o Ministério da Saúde, “a problematização implica a existência de relações dialógicas e enquanto um dos princípios da PNEPS propõe a construção de práticas em saúde alicerçadas na leitura e análise crítica da realidade” (BRASIL, 2012a, p. 16).

A emancipação e a construção compartilhada do conhecimento perpassam o processo de fomentar relações participativas e coletivas, possibilitando a superação e libertação de todas as formas de opressão, buscando uma sociedade justa e democrática. Emancipação é o incentivo da autonomia e do protagonismo por meio da reflexão, afirmando que a libertação só é construída na relação com o outro. A construção compartilhada do conhecimento consiste em reconhecer a importância de todos os saberes, do popular ao acadêmico, valorizando-os na mesma perspectiva e construindo-os coletivamente (BRASIL, 2012a).

A construção do projeto democrático popular como princípio de horizonte, expressando o compromisso social com a vida, superando as situações de iniquidade, exploração, alienação, violência que produzem adoecimentos, mortes e injustiça. Valorizando o ser humano na sua integralidade e especificidade. Um projeto que busque a soberania nacional com respeito à diversidade étnico-cultural, de gênero, sexual, religiosa e geracional. Preservando a biodiversidade em um desenvolvimento sustentável e que tenha protagonismo, organização e democracia participativa. Poder popular como essencial na sua consolidação, com organização solidária da economia e da sociedade.

A PNEPS reafirma o compromisso de construção de uma sociedade justa, solidária, democrática, igualitária, soberana e culturalmente diversa que somente será construída por meio da contribuição das lutas sociais e garantia do direito universal à saúde no Brasil, tendo como protagonistas os sujeitos populares, seus grupos e movimentos, que historicamente foram silenciados e marginalizados (BRASIL, 2012a, p. 17).

O exercício da PNEPS-SUS não está dissociado do cotidiano da organização dos serviços de saúde, tanto da gestão como da atenção. Longe disso, é essencialmente

[...] potente para a promoção de atos que contribuam para a garantia da integralidade, ampliando e diversificando as práticas em saúde por incorporar os moldes populares e tradicionais de cuidado, além de fortalecer a atenção básica como ordenadora das redes regionalizadas de atenção à saúde (BRASIL, 2013a, p. 10).

Os principais profissionais ligados a EPS são o ACS e o ACE, pessoas que nasceram, vivem e atuam nos territórios, entendendo-lhes a realidade e necessidades de saúde. Esta atuação, entretanto, vem se deparando com diretrizes cristalizadas e autoritárias que preconizam o simples combate à doença ao invés de trabalhar as suas causas junto às populações. Logo, os princípios político-pedagógicos da PNEPS-SUS são tomados como ferramentas de agenciamento para participação em defesa da vida e como estratégias para a mobilização social pelo direito à saúde. Esse papel agenciador se faz pelo pinçar e fomentar atitudes de participação no sentido de sempre mudar realidades, tornando-as vivas, criativas e correspondentes ao desejo de uma vida mais feliz.

Corroborando com Pedrosa (2007, p. 15), entende-se que a EPS está implicada com

[...] atos pedagógicos que fazem com que as informações sobre a saúde dos grupos sociais contribuam para aumentar a visibilidade sobre sua inserção histórica, social e

política, elevar suas enunciações e reivindicações, conhecer territórios de subjetivação e projetar caminhos inventivos, prazerosos e inclusivos.

Acredita-se, portanto, que a Educação Popular continua sendo um instrumento metodológico fundamental para uma reorganização mais radical do SUS, no sentido da construção de uma atenção à saúde integral em que as pessoas e os grupos sociais assumam um maior controle sobre sua saúde e suas vidas e em que a racionalidade do modelo biomédico dominante seja transformada no cotidiano de suas práticas. Nesse sentido, a Educação Popular não é mais uma atividade a ser implementada nos serviços, mas uma estratégia de reorientação da totalidade das práticas ali executadas, na medida em que investe na ampliação da participação que, dinamizada, passa a questionar e reorientar tudo.

4.3 AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE

A Declaração de Alma Ata, introduziu o conceito da promoção da saúde, enquanto uma nova concepção de saúde instigou a comunidade internacional a desenvolver os cuidados básicos de saúde da população, por meio da Atenção Primária à Saúde, que deveria prevalecer sobre o atendimento hospitalar, ou de alta complexidade (OMS, 1978).

Nesse contexto, a Atenção Primária ou Atenção Básica caracterizada pelo desenvolvimento de um conjunto de ações de promoção e proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação e a manutenção da saúde, tendo como objetivo o desenvolvimento da atenção integral que permita impactar na situação de saúde e autonomia das pessoas e nos determinantes e condicionantes de saúde das coletividades (BRASIL, 2011). Essa foi sendo implementada e consolidada aos poucos no país, por meio dos Programas de Agentes Comunitários de Saúde e outros já na década de 70.

Nas décadas de 1970 e 1980, principalmente por iniciativa de entidades religiosas, organizações não governamentais e instituições acadêmicas que desenvolviam atividades na saúde pública e comunitária, deram passo as experiências para as primeiras formas de trabalho e formação de Agentes Comunitários (MARTELETO; DAVID, 2014). Importante salientar, que nessa época o Brasil estava sob regime ditatorial e quem fazia a resistência junto as camadas populares eram grupos religiosos, que conseguiram se preservar da repressão política, pois os movimentos estudantis, partidários e sindicatos tiveram um esvaziamento em função da repressão (SCOREL, 2012).

Nesse âmbito, em que as liberdades democráticas eram cerceadas, junto com o descaso do Estado com os problemas populares, vão se configurando iniciativas de busca de soluções, em que o morador da comunidade, então agente de saúde, passa a ter uma importância fundamental na articulação entre as ações de saúde e as comunidades (MARTELETO; DAVID, 2014).

Em 1987, no Ceará, foi desenvolvida a experiência de Agentes de Saúde, inovadora em dois aspectos:

[...] por ter sido a primeira vez que se trabalhou em ampla escala com os ACS e por ter transformado um plano emergencial para a seca, em que se empregavam temporariamente pessoas das regiões atingidas, em um programa de promoção da saúde, utilizando os mesmos recursos de fundos emergenciais do governo federal. Foram contratados 6.113 trabalhadores, dos quais a grande maioria era de mulheres, oriundos de 118 municípios diferentes do sertão do Ceará (MARTELETO; DAVID, 2014, p. 21).

A partir da experiência institucional positiva na região da seca, o Ministério da Saúde, em 1991, acaba expandido para todo território nacional, sendo transformado em política nacional e criado então o Programa Nacional de Agentes Comunitários de Saúde (PNACS). Em 1992, é alterado para Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) (BRASIL, 2009).

Lavor (2010) traz a perspectiva que, após 1991, surge um novo personagem institucional na saúde no Brasil, que de acordo com Mendonça, Sousa e Santana (2004), vem com o objetivo de estender as ações básicas de saúde às famílias, em seu próprio domicílio, dentro de cada contexto familiar e comunitário, realizando com isso uma ligação entre eles e os serviços de saúde.

Já em 1994, alguns anos depois da implantação do PACS, foi lançado o Programa Saúde da Família (PSF), que posteriormente passou a se chamar Estratégia da Saúde da Família (ESF), sendo que a ESF era uma proposta de se levar a atenção básica às famílias brasileiras, reorientando o sistema de saúde na lógica de prevenção e promoção em saúde, aproveitando as experiências desenvolvidas no país e que contemplasse os ACS (GIRADE, 2010). Destarte, a ESF vem como uma estratégia capaz de contribuir para a reorganização e o fortalecimento da Atenção Básica como o primeiro nível de atenção à saúde no SUS, por meio da ampliação do acesso, qualificação e reorganização das práticas das ações e serviços nos territórios, o mais próximo possível das famílias brasileiras (SOUZA, 2010). Então, o ACS, faz parte da equipe mínima de Saúde da Família, juntamente com médico, enfermeiro, técnico ou auxiliar de enfermagem (BRASIL, 2012b).

Com a publicação da Portaria nº 1.886 de 16/12/1997, do MS, aprovando normas e diretrizes para o PACS e o PSF, o Ministério da Saúde reconhece no PACS e no PSF importante estratégia para contribuir com a consolidação do SUS. Esta portaria estabelece alguns critérios para ser ACS, por exemplo, o de ser morador da área que atua. O Decreto Federal nº 3.189/99 fixou diretrizes para o exercício de suas atividades, reafirmando caber aos ACS atividades de prevenção e promoção da saúde. Posteriormente, a elaboração de um projeto para a Lei Federal nº 10.507, de 10 de julho de 2002, que cria a profissão de agente comunitário de saúde, exclusivamente no âmbito do SUS (BRASIL, 2004b), atividade profissional essa que só foi regulamentada com a Lei nº 11350/2006, reafirmando a necessidade do ACS residir na área de atuação.

Há pessoas que nasceram, vivem e atuam nas comunidades brasileiras, entendendo-lhes a realidade e as necessidades de saúde, tais como os ACS e os ACE, os quais são parte importante no processo da Educação Popular. Esta atuação, entretanto, vem se deparando com diretrizes cristalizadas e autoritárias que preconizam o simples combate à doença ao invés de trabalhar as suas causas junto às populações (SILVA; DALMASO, 2004).

No trabalho do ACS não existem protocolos de como deve ser a abordagem em saúde ou como desenvolver as ações descritas nas suas atribuições. Situações do cotidiano de trabalho trazem dilemas culturais, religiosos e, relacionados à educação. Podemos entender, dessa forma, a diversidade de realidades com as quais esse profissional tem de lidar e a complexidade do seu trabalho, que muitas vezes transcendem o campo saúde, já que traz condições de vida que abrangem a atuação intersetorial (LAVOR, 2010; BORNSTEIN; STOTZ, 2008). Além disso, o trabalho do ACS prevê conhecimento sobre educação em saúde, saber relacionado às Ciências Humanas, Sociais e Políticas e, articulado com saberes biomédicos relacionados à Medicina, Biologia e Epidemiologia (REIS; BORGES, 2016).

Tomaz (2002), entretanto, ressalta que os ACS têm tido seu papel distorcido, já que toda e qualquer ação relacionada às famílias e ao território é atribuída a esses profissionais. O autor relaciona esse fato com o processo inadequado de qualificação dos ACS, com treinamentos pontuais e fragmentados, fora do contexto e sem uma sequência lógica. A falta de preparo e capacitação para lidar com seu trabalho também foi trazida por Wai e Carvalho (2009) que observaram, por meio de entrevistas com ACS, que esses estavam sofrendo sobrecarga emocional e também frustrações relacionadas ao trabalho.

Em 2010, o Ministério indica para a integração do processo de trabalho da Atenção Básica em que as ações de vigilância em saúde devem ser articuladas às ações da atenção. Logo, em 2012, com a publicação da Política Nacional de Atenção Básica, que vem ressaltando a relevância do papel do ACS nas ações em saúde no contexto dos territórios da ESF. Os ACS trabalham diariamente nos territórios, em contato direto com a população, sendo um dos fatores mais importantes para garantir o sucesso do trabalho (BRASIL, 2012b).

Ainda, existe uma importante discordância a ser refletiva em relação aos saberes populares, pois os ACS relatam que, por meio da formação que recebem, têm mais acessibilidade ao saber biomédico, considerado mais valorizado do que o conhecimento popular por aqueles que trabalham na Estratégia Saúde da Família (ESF). Há uma incongruência em relação a esse pensamento, já que a compreensão característica e mais importante do ACS é justamente o saber popular e o conhecimento sobre a dinâmica social da sua comunidade, tendo como a centralidade do seu fazer a dimensão educativa (BORNSTEIN; STOTZ, 2008).

Com a expansão da ESF e do trabalho dos ACS e ACE, há uma inserção de milhares de trabalhadores de saúde no cotidiano da dinâmica de adoecimento e de cura na vida social, em que estes profissionais de saúde estão sendo ‘provocados’ sobre a eficácia do modelo biomédico tradicional, em que se deparam com as questões populares, vivenciando terapias e processos de cuidado ancestrais nos territórios de vida (TORRES, 2009).

É importante salientar que a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), vigente até 2017, estabelecia como eixo central do trabalho do ACS o processo educativo, por meio do desenvolvimento de ações de promoção da saúde, além de ser o elo com a comunidade e reconhecer o território com excelência. Era o único profissional da Atenção Básica a não ter atribuições clínicas/assistenciais. Já pela nova PNAB, reorganizada em 2017, sua função será também assistencial, centrada em doenças. Trata-se de um fazer saúde baseado na execução de técnicas específicas. Como exemplo disso, a atual PNAB traz novas atribuições a esse profissional impactando no cuidado em saúde e na priorização do foco do seu trabalho, que deixa de ser apenas educativo e passa a ser prestador de alguns serviços assistenciais. A exemplo, a execução da aferição de temperatura axilar e pressão, realização de medição de glicemia capilar e orientações relacionadas à administração de medicamentos (BRASIL, 2017a), sendo estas, funções da competência legal dos profissionais de Enfermagem, previstas na Lei do Exercício

Profissional nº 7498/86 (COFEN 1986) e seu Decreto Regulamentador nº 94.406/87 (COFEN, 2001).

Também, a realização de curativos e cuidados com feridas, foram agregadas às novas atribuições dos ACS, que, até então, são competência da equipe de Enfermagem e apresentam normatização específica, segundo a Regulamentação do Exercício da Enfermagem (COFEN, 1986) e a Resolução COFEN nº 567/2018 (COFEN, 2018).

Os ACS auxiliam na consolidação diária do SUS, sendo o elo com a comunidade, com a unidade de saúde, com a gestão, contudo, ainda é necessário avançar para questões além da pontualidade e do processo de doença e ir para um patamar de consciência política para corroborar com muitas questões do SUS. Portanto, além de possuir o vínculo com a população, um dos componentes da integralidade do SUS, é, muitas vezes, a voz da comunidade dentro do sistema de saúde, pois apenas com ele se consolida a relação saber e fazer popular em ato, valorizando questões culturais da comunidade, integrando o saber popular e o científico (BRASIL, 2009).

Desde 2014, Bornstein et al. já traziam a preocupação com a precarização do trabalho, bem como a excessiva normatização do trabalho do ACS, que acabavam dificultando o desenvolvimento de atividades educativas, sobretudo aquelas características da Educação Popular. Portanto, em relação à conjuntura atual, com a implementação da nova PNAB, as possibilidades de os ACS realizarem um trabalho educativo em saúde por meio de mediações transformadoras podem esbarrar em inúmeras dificuldades.

Nesse sentido, torna-se necessário identificar as possibilidades de pautar e fortalecer a atuação dos ACS qualificando sua intervenção na comunidade como agente de promoção da saúde em um modelo que dialogue com as pessoas e que atue nas desigualdades em saúde, a partir de uma concepção de Educação Popular em Saúde. Defender o papel do ACS de educador popular em saúde e promotor da saúde é defender o SUS, a democracia, em uma perspectiva de sociedade justa, igualitária e equânime.

4.4 PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE (EDPOPSUS)

Como principal estratégia para contribuir com a consolidação da PNEPS-SUS, dentro do seu Plano Operativo, foi lançado, em outubro de 2013, o Programa de Qualificação em Educação

Popular em Saúde – EdPopSUS (EDPOPSUS, 2017). Estabeleceu-se a partir da parceria entre a Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (SEGEP) do Ministério da Saúde, a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), essas últimas unidades integrantes da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Instituição federal vinculada ao Ministério da Saúde com sede na cidade do Rio de Janeiro e mais seis centros regionais no território nacional.

O Programa foi organizado de forma coletiva a partir de oficinas com participação dos movimentos populares e sociais, coletivos de Educação Popular em saúde e representantes de escolas técnicas do SUS, tendo na sua reformulação a colaboração de participantes da primeira edição do curso. Surge para qualificar as práticas educativas do campo da Atenção Básica por meio a formação dos ACS e ACES que, referenciados nos princípios do SUS, desenvolvem estas práticas voltadas para a mobilização social, promoção da saúde e equidade, tendo como referencial político-pedagógico a Educação Popular em Saúde.

Primeiramente o curso teve por objetivo uma sensibilização à PNEPS-SUS, com carga horária de 53 horas. Já no segundo momento, como um curso de aperfeiçoamento totalizando 160 horas de aprendizagem. O curso foi realizado ao longo de três anos, com a participação de aproximadamente 12 mil educandos(as) desde o seu início, e 610 educadores participaram diretamente no EdPopSUS 2, em 15 estados do Brasil.

Salienta-se que as características do projeto político pedagógico do curso são muito importantes para caracterizar o processo de formação. É indicado que, no processo de formação, sejam trabalhadas estratégias educativas individuais e coletivas que valorizem a troca de saberes e experiências para que o aluno, futuramente, respeite a autonomia dos usuários e que não enfatize somente os aspectos biológicos do processo saúde-doença (FREITAS et al., 2015). Nesse sentido, o curso tem como pilares dessa construção: o diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com a construção do projeto democrático e popular.

A formação dos profissionais de saúde sempre esteve muito pautada no modelo tradicional, onde o foco está apenas nos processos biológicos do processo saúde-doença e o curso para capacitar os ACS tem um desenho que contempla as metodologias ativas, buscando uma maior autonomia do aluno (NASCIMENTO; CORRÊA, 2008). As metodologias ativas colocam o(a) educando(a) na posição de protagonista do processo, desenvolvendo sua curiosidade, senso

crítico, estimulando tomadas de decisões individuais e coletivas, além de aprimorar habilidades sociais (BORGES; ALENCAR, 2014).

O EdPopSUS está fundamentado em uma proposta pedagógica democrática e libertadora em que propõe uma aprendizagem integral, tendo a horizontalidade na relação educador-educando, valorizando as culturas locais, incentivando a conquista da autonomia e da dialogicidade. Portanto, partindo de processos participativos em saúde, o caminho político pedagógico proposto pela Educação Popular “requer o envolvimento corresponsável de todos os participantes na construção, na apropriação e na multiplicação de conhecimentos” (BRASIL, 2016, p. 26). Ainda, o Ministério da Saúde traz também, que o fazer em Educação Popular

[...] tem relação direta com a cultura e com a vinculação às fontes da vida e da morte das comunidades: criação de laços solidários e comprometidos com a libertação, elo que articula saberes diferenciados, sensibiliza os diferentes atores envolvidos e exprime as representações que o ser humano constrói a partir da sua leitura do mundo na perspectiva de conhecer e intervir sobre a realidade (BRASIL, 2016, p. 27).

O EdPopSUS 2 tem uma duração aproximada de 4 meses, totalizando 160 horas na modalidade presencial. É dividido em 136 horas presenciais e 24 horas de trabalho de campo. Sendo, aproximadamente 17 encontros semanais de 8h cada, intercalados com trabalhos de campo no território.

A estrutura do curso foi organizada a partir de seis eixos temáticos (Tabela 1), que foram divididos em momentos presenciais e trabalhos de campo. Os eixos foram divididos em turnos de oito horas, semanalmente, denominados de ‘encontros’. Os eixos são subsidiados teoricamente pelo material didático do curso, composto por um Guia e por um livro de Textos de Apoio, que organiza e disponibiliza o conteúdo considerado fundamental para a caminhada de formação no curso. A estruturação difere de outras propostas curriculares por apresentar um conteúdo aberto a percepções e novas construções resultantes da aprendizagem. Possui apenas eixos norteadores, com ensaios, textos, revisões de literatura e indicações de materiais complementares disponibilizados principalmente pela *internet*, como vídeos, entrevistas, curtas, filmes, documentários, músicas e sites considerados estratégicos para o subsídio das discussões, auxiliando no processo de aprofundamento e na busca e fundamentação de reflexões durante o trilhar da aprendizagem no EdPopSUS (BORNSTEIN et al., 2016).

Tabela 1 – Descrição dos eixos temáticos e carga horária do EdPopSUS.

EIXOS TEMÁTICOS	CARGA HORÁRIA		
	PRESENCIAL	TRABALHO DE CAMPO	TOTAL
Eixo I: A construção da gestão participativa como fio condutor do processo educativo	16h	4h	20h
Eixo II: A Educação Popular no processo de trabalho em saúde	16h	4h	20h
Eixo III: O direito à saúde e a promoção da equidade	24h	4h	28h
Eixo IV: Território, lugar de história e memória	16h	4h	20h
Eixo V: Participação social e participação popular no processo de democratização do Estado	24h	4h	28h
Eixo VI: O território, o processo saúde-doença e as práticas de cuidado	32h	4h	36h
Encerramento	8h	--	8h
CARGA HORÁRIA TOTAL	136h	24h	160h

O EdPopSUS vem com a intencionalidade que não basta o ‘saber fazer’, ou seja, vem com a construção que esse saber seja difundido e generalizado nas instituições de saúde, construindo caminhos administrativos e de formação profissional e institucional que superem a fase em que os saberes e práticas de saúde mais integradas à lógica de vida da população aconteciam apenas em experiências alternativas, pontuais e transitórias. Indo ao encontro da ideia de Mitre et al. (2008, p. 2141), de que “somente por meio de uma prática reflexiva, crítica e comprometida pode-se promover a autonomia, a liberdade, o diálogo e o enfrentamento de resistências e de conflitos”. Vem ao encontro dos princípios da Educação Popular, entendendo-a como um saber importante para a construção da participação popular, servindo não apenas para a criação de uma nova consciência sanitária, como também para uma democratização mais radical das políticas públicas. Logo, a Educação Popular se faz na prática, não sendo apenas um estilo de comunicação e metodologia de ensino, mas também, um instrumento de gestão participativa que permite um reconhecimento da sua história, identificando seu lugar no mundo e sua responsabilidade social (MITRE et al., 2008). Os ACS, enquanto pessoas da comunidade, possuem papel estratégico e fundamental nessa implementação da formação no EdPopSUS.

O curso fundamenta-se em uma metodologia participativa, considerando que todos os participantes são educadores e educandos, realizando um processo mútuo e dialógico de produção do conhecimento. Adota como referência a Educação Libertadora e Emancipatória, em que o principal autor é Paulo Freire e, como prática pedagógica democrática fundada nos princípios de

liberdade, autonomia, da igualdade, equidade, da fraternidade e compaixão, que seja extremamente “ética, crítica, reflexiva e transformadora, ultrapassando os limites do treinamento puramente técnico, para efetivamente alcançar a formação do homem como um ser histórico, inscrito na dialética da ação-reflexão-ação” (MITRE et al., 2008, p. 2134). É baseado na problematização da realidade, considerando as experiências dos participantes, entendendo que todos são sujeitos ricos de vida e de história. Acreditando que em um processo educativo busca não apenas estimular a participação dos envolvidos, mas também, sendo uma forma de estimular sua autonomia, capacidade de reflexão e criando possibilidades para a transformação social (BORNSTEIN et al., 2016).

Ainda, “as atividades foram pensadas no sentido de criar provocações iniciais que possam nos conduzir aonde queremos chegar. Nesse sentido, priorizamos como método a realização de trabalhos coletivos [...]” (BORNSTEIN et al., 2016, p. 15). Dessa maneira, o processo formativo presencial foi organizado de forma coletiva, sendo conduzido a partir de Rodas de Conversa para a discussão dos eixos centrais, dos ‘Círculos de Cultura’⁶ como método participativo e de incentivo à autonomia, da Cenopoesia⁷ para reflexão e ‘cocriação’ e das Oficinas possibilitando a horizontalidade no diálogo e a democratização dos saberes.

Em todas as atividades presenciais, as quais são chamados de ‘encontros’ no material guia do curso, houve dinâmicas de acolhimento/encerramento⁸, atividades de teatro e dramatização, plenárias de discussão, mostra de documentários e vídeos. Também, como forma de construção compartilhada da rede de significados, sempre foi organizada uma mística⁹ em todos os encontros. Além dos encontros presenciais, o curso possibilitou algumas saídas de campo para conhecimento e vivências em variados territórios, fazendo parte da formação do EdPopSUS, como visitação em Assentamento do Movimento Sem Terra, Aldeia Indígena, Ilhas, museus e comunidades locais.

⁶ O Círculo de Cultura é uma metodologia que propõe uma aprendizagem integral, pois estão fundamentados em na democratização do diálogo e nas experiências dos atores-sujeito. Tem como princípios norteadores o respeito ao outro, a conquista da autonomia e a dialogicidade. Nele se apreende e aprende na interação com o outro, problematizando e problematizando-se (BRASIL, 2016).

⁷ Cenopoesia é uma linguagem que se produz a partir de uma articulação de linguagens (BRASIL, 2013b).

⁸ Corredor do Cuidado, cirandas, meditação, dançaterapia, reiki, massagem coletiva, yoga, entre outras atividades fizeram parte de todo o processo de acolhimento/encerramento das atividades do curso.

⁹ Mística servindo de referência e identificação enquanto cocriadores do espaço coletivo, significando as causas que lutamos, também como visualização/agregação de elementos que são importantes nesse processo de construção coletiva de saberes (MENESES, 2017).

A avaliação da aprendizagem individual experienciada no curso perpassa ao longo do curso, por ser considerada, também, como processo formativo, dado posto que o princípio essencial seja a valorização das vivências pessoais e profissionais de cada educando(a). Também, entendendo como momento fundamental do processo pedagógico, uma avaliação parcial da trajetória do curso foi sugerida, na metade do caminho, no sentido de possibilitar uma reflexão do trilhar coletivo e a fim de que se possa garantir que a trajetória formativa siga de acordo com a proposta pedagógica do curso, de forma que se atribua valor ao que já foi feito e o que está por ser construído (BORNSTEIN et al., 2016).

Por fim, uma das premissas do EdPopSUS é que o caminho se faz ao caminhar, pois nele temos vidas, vidas pulsantes, vidas que vão (re)existindo e sendo experienciado por cada turma uma forma de vivência do percurso formativo, bem como a experiência de cada participante será única, pois será complementada com a história trazida, vivida e ressignificada por cada um.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nunca uno, jamais foi um só;
 multiverso, infinito ao redor,
 são muitos os mundos,
 agora sei, são muitos os mundos,
 resta-me ser.
 (RAY LIMA, 2018)

É no sentido de travessia, de caminho que se constrói na caminhada, com todas as dúvidas e medos proporcionados pelo novo que se estabeleceu esta pesquisa. Freire (2014) adverte que ninguém faz sua travessia em termos totais e, principalmente, sem a ajuda do outro. Por isso, a importância de cada um e cada uma na construção desse momento de percurso metodológico, que não pretendeu ser um monólogo, mas um diálogo tecido a várias mãos – desde as autoras aos participantes.

Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizada como um estudo de caso, que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade, em seu contexto de vida real (YIN, 2010), que é a formação do Agente Comunitário de Saúde fundamentada pela Educação Popular em Saúde. Teve como campo de atuação o espaço da Atenção Primária do SUS, no município do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, local de trabalho dos ACS.

O município do Rio Grande possui uma população estimada de 209.378 mil habitantes, segundo dados de estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2017 (IBGE, 2017). Compõe o território de abrangência da 3ª Coordenadoria Regional de Saúde da Secretaria Estadual de Saúde, na Região de Saúde de nº 10 e ainda não possui gestão plena de todos os serviços sob o seu território.

A Secretaria de Município da Saúde (SMS) do Rio Grande está organizada de acordo com os níveis de complexidade dos serviços prestados, em três divisões: Superintendência de Atenção Primária sendo responsável pelos serviços de Atenção Básica à Saúde (ABS) que engloba os Programas de Saúde, Assistência Farmacêutica e Unidades Básicas de Saúde (UBS); Superintendência de Média e Alta Complexidade responsável pelo gerenciamento e/ou monitoramento dos serviços de Atenção Secundária e Terciária, composta pelo Tratamento Fora do Domicílio (TFD), Rede de Atenção Psicossocial, Central de Marcação de Consultas Especializadas e Exames (CMCE) e a Rede de Urgência e Emergência, realizando a interlocução com as Unidades Hospitalares do município para garantia e continuidade da assistência e; superintendência de Vigilância em Saúde que se relaciona com as práticas de atenção e promoção

da saúde de toda a população, bem como à prevenção de doenças, possuindo estruturada as quatro vigilâncias, sendo a Vigilância Sanitária, Vigilância Epidemiológica, Vigilância Ambiental em Saúde e Vigilância em Saúde do Trabalhador, também faz parte o Laboratório Municipal de Análises Clínicas (LAMAC) Rio Grande. No que tange à Atenção Primária, as unidades assistenciais são divididas em seis Unidades Básicas de Saúde (UBS) do modelo Tradicional e 24 Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF), que cobrem 61% do município, nas áreas: rural, zona oeste, litorânea e portuária. São 36 equipes de Saúde da Família, doze dessas com equipes de saúde bucal e 145 Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

Importante considerar que o município, a partir do apoio da gestão local, proporcionou processos formativos voltados ao trabalho pela construção do conhecimento de forma coletiva, horizontal, numa perspectiva emancipatória, essenciais para o aperfeiçoamento do cuidado em saúde por permitir a recuperação da dimensão essencial do cuidado que é a relação entre os seres humanos. O EdPopSUS, nesse contexto, foi acolhido pela gestão municipal desde 2013, tendo recebido a certificação de mais de 200 profissionais locais no curso, até o ano de 2018. Foram convidados a participar da pesquisa os ACS, educandos(as) do EdPopSUS, que concluíram o processo educativo em 2017, além de gestores do curso e da saúde do município.

A produção de informações da pesquisa incluiu a análise documental e entrevistas. A análise documental contribuiu com a contextualização do EdPopSUS e consistiu na análise do material didático do curso, da carta de expectativas dos(as) educandos(as) inicial e carta final.

Já as entrevistas foram individuais, realizadas por uma única pesquisadora, no local de trabalho dos participantes, em sala reservada, em data e horário previamente combinados, não interferindo no andamento do processo de trabalho desses profissionais. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). As entrevistas foram guiadas por um roteiro norteador semiestruturado (Quadro 1) (APÊNDICES B, C e D).

Quadro 1 – Questões norteadoras do roteiro das entrevistas.

QUESTÕES NORTEADORAS (ACS)	INFORMAÇÕES
Perfil demográfico	Sexo, idade
Perfil de formação	Escolaridade, formação complementar
Aspectos relacionados ao trabalho	Ano de ingresso como ACS no município Tempo que atua na Unidade de Saúde que atua
Aspectos relacionados ao curso	Percepções sobre a participação como educando(a) na formação do EdPopSUS (lembranças do início do curso, expectativas e a percepção após a conclusão do curso) Desdobramentos do EdPopSUS no cotidiano dos serviços e da vida do ACS Expressões culturais das comunidades e sua relação com o processo de trabalho do ACS Percepções sobre o material didático do curso Percepções sobre as estratégias de avaliação do curso Vivências marcantes no curso, aprendizados e sentimentos Potencialidades e desafios do processo educativo do EdPopSUS
QUESTÕES NORTEADORAS (GESTORES)	INFORMAÇÕES
Perfil demográfico	Sexo, idade
Perfil de formação	Escolaridade
Aspectos relacionados ao trabalho	Tempo de serviço
Aspectos relacionados ao curso	Percepções sobre a participação como gestão municipal de saúde e do EdPopSUS (lembranças do início do curso, expectativas e a percepção após a conclusão da formação) Desdobramentos do EdPopSUS no cotidiano dos serviços Papel do EdPopSUS para a formação de trabalhadores Papel da Educação Popular para a gestão Vivências marcantes no curso, aprendizados e sentimentos Potencialidades e desafios do processo educativo do EdPopSUS

A amostra foi intencional. Todos os 27 ACS que concluíram o curso em 2017 foram convidados a participar do estudo. Esse convite foi realizado por ligação telefônica ou aplicativo de mensagem, informando sobre a pesquisa, seus objetivos, metodologia, motivação da pesquisadora e contribuições esperadas. Após o convite, aguardou-se a manifestação voluntária dos ACS interessados em participar da pesquisa. Em relação aos gestores, esses foram contatados pessoalmente e as entrevistas agendadas.

Para a determinação do tamanho da amostra no grupo de ACS foi utilizado o critério da saturação teórica, ou seja, quando as novas falas passaram a ter acréscimos pouco significativos em vista dos objetivos propostos pela pesquisa e tornaram-se repetitivas, as entrevistas foram encerradas (FONTANELLA, RICAS, TURATO, 2008; FONTANELLA et al., 2011). A densidade do material textual produzido nas entrevistas também foi considerada para o

encerramento desta etapa de pesquisa. Ao final, 21 entrevistas foram realizadas, entre os meses de março e julho de 2018. Foram excluídos da pesquisa os ACS que estavam em período de férias ou outro tipo de afastamento na etapa de realização das entrevistas.

As entrevistas foram gravadas por equipamento de áudio e transcritas na íntegra, com um tempo de duração em média de 35 minutos, totalizando 12 horas de gravação. Todas as transcrições foram devolvidas aos entrevistados para que pudessem avaliá-las, verificando se estavam de acordo com as ideias apresentadas e, caso julgassem necessário, modificassem e/ou complementassem suas narrativas. O material textual foi, então, organizado em categorias de análise para facilitar a compreensão das ideias e posterior discussão. A interpretação das informações qualitativas seguiu a estratégia da análise temática de conteúdo (BARDIN, 2011), ancorada pelo referencial teórico da Educação Popular de Paulo Freire e de autores e autoras da mesma linha de pensamento.

A fim de preservar o sigilo das informações sobre os participantes, os(as) ACS educandos(as) foram codificados por ‘ACS Educanda(o)’, descrição utilizada no curso de educação popular e os gestores municipal, estadual e federal por ‘Gestor’, ambos seguidos do número correspondente à entrevista, por exemplo: ACS Educanda(o) 1, ACS Educanda(o) 2, ACS Educanda(o) 3, Gestor 1, Gestor 2 e, assim, sucessivamente.

A pesquisa foi aprovada pelo Núcleo Municipal de Educação em Saúde Coletiva (NUMESC) da Secretaria Municipal da Saúde do município do Rio Grande (ANEXO A) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CAAE 81167817.9.0000.5347, Parecer nº 2.465.370 – ANEXO B).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pessoas florescem como plantas pelas conversas.
 Brotam novas pessoas de uma boa conversa
 em casa, na praia, da rua, na festa, no trabalho,
 no almoço, na janta... até mesmo no alvoreço
 da vida nas grandes cidades.
 Aliás, há situações em que nos alimentamos
 Exclusivamente de conversas.
 Uma conversa de qualidade é muito nutritiva
 para o ser das pessoas.
 As conversas são corpos inteligentes, mas
 dependem da escuta para ganhar força de expressão.
 As conversas têm ouvidos e o faro apurado
 dos bichos.
 Uma conversa aprumada é um nicho sagrado.
 Uma boa conversa pode revolucionar o mundo,
 fornecer sentido para uma vida inteira.
 (RAY LIMA, 2018)

6.1 CONTEXTUALIZANDO OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Diante da intencionalidade que orienta esta pesquisa, de ‘compreensão de significados’, sentiu-se a necessidade de partir do tempo sócio-histórico dos protagonistas da pesquisa, que os origina e os constituiu culturalmente. Esse ‘momento etnográfico’ (DEMO, 2001) produzido pelas entrevistas possibilitou armar o contexto de suas histórias de vida com a finalidade de melhor entender as situações objetivas e subjetivas de sua existência, uma vez que nessa análise, o tempo não é adorno, mas constitutivo de cada pessoa.

Foram entrevistados 21 profissionais da saúde, sendo 17 Agentes Comunitários de Saúde (ACS) educandos(as), a coordenação estadual do EdPopSUS, a apoiadora nacional do EdPopSUS no estado do Rio Grande do Sul e dois gestores da SMS.

A amostra constituiu-se por uma maioria de mulheres, com idade variando de 33 a 56 anos de idade e atuando há no mínimo sete anos no serviço público. Em relação à escolaridade, 10 possuem ensino superior completo, sendo seis com pós-graduação e três estão realizando o curso de graduação em Enfermagem (Tabela 2).

Tabela 2 – Caracterização dos participantes da pesquisa.

VARIÁVEIS	n
SEXO	
Feminino	18
Masculino	3
IDADE (ANOS)	
33-40	5
41-50	9
51-56	7
ESCOLARIDADE	
Ensino Fundamental Completo	1
Ensino Médio Completo	7
Ensino Superior Incompleto	3
Ensino Superior Completo	4
Pós-Graduação	6
TEMPO DE SERVIÇO (ANOS)	
7-10	11
11-15	5
16-20	3
21-22	2

Entre os ACS, o predomínio de mulheres pode ser justificado por ser uma profissão que tem um papel fundamental no cuidado à saúde dentro da comunidade e indo ao encontro da construção social e histórica que o cuidado, na maioria das sociedades, é algo intrínseco às mulheres, como pode ser evidenciado em outras profissões da saúde, como por exemplo a Enfermagem. Também, pode-se considerar nessa explicação o “fenômeno crescente” da feminização da força de trabalho em saúde (MATOS; TOASSI; OLIVEIRA, 2013, p. 241).

Tecendo reflexões para o trabalho do ACS, que possui junto com o conjunto de trabalhadores o objetivo de produzir cuidado à saúde da população, atribui-se socialmente ao público feminino a prática do ‘cuidar’ como um processo ‘naturalizado’, sendo originado essencialmente da construção cultural do papel da mulher na sociedade. A mulher é, assim, identificada como portadora de maiores habilidades para os cuidados, neste caso com a saúde-doença, assim como com as crianças, com os idosos, etc. (MACHADO, 1986).

Ao analisar o aspecto relacionado à escolaridade, é importante salientar que para trabalhar como ACS era necessário, até 2017, o requisito de possuir o ensino fundamental completo (BRASIL, 2018). Nesta pesquisa, destaca-se a formação no ensino superior dos

participantes. A ampliação do acesso ao ensino superior nos últimos 10 anos no Brasil, principalmente com políticas de incentivo de governos democráticos populares, oportunizou que muitas pessoas pudessem acessar e concluir o ensino superior. De 2014 para 2016, o investimento no ensino superior aumentou de R\$ 57,9 bilhões para R\$ 75,3 bilhões, levando com o Programa Universidade para Todos (ProUni)¹⁰ mais de 1,5 milhão de jovens e adultos à universidade (BRASIL, 2017b). Cabe ainda considerar que todos os 17 ACS possuíam formação complementar, como cursos de aperfeiçoamento. Um dos exemplos foram os cursos de curta duração, como o “Caminhos do Cuidado”, oportunizado aos trabalhadores em saúde por meio da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde do Ministério da Saúde, a qual foi criada em 2003 com a finalidade, dentre outras, de promover a ordenação da formação de ‘seres’ humanos na área de saúde; elaborar e propor políticas de formação e de desenvolvimento profissional para essa área; planejar, coordenar e apoiar as atividades relacionadas ao trabalho e à educação na área da saúde (BRASIL, 2012a).

Dando continuidade à análise do conjunto de informações produzidas pela pesquisa, emergiram temas e categorias principais/subcategorias foram constituídas (Quadro 2).

Quadro 2 – Organização da análise em temas, categorias/subcategoria e descrição constitutiva.

TEMAS	CATEGORIAS EMERGENTES/SUBCATEGORIA	DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA
Expectativas e aprendizagens do EDPOPSUS	Aprendizagem pela experiência: o ‘experenciar em ação’ que traz a percepção e o querer de sempre buscar mais	Apresenta as expectativas e aprendizados dos ACS no EdPopSUS e as expressões desse aprendizado no processo de trabalho e na vida dos educandos(as)
Metodologias de ensino-aprendizagem-avaliação no EDPOPSUS	Aventura de construir um caminho de aprendizado mediado pela pluralidade de abordagens, com coerência e coletividade Subcategoria: Aprendendo histórias, memórias e saberes das	Apresenta a percepção dos ACS e gestores sobre a metodologia de ensino-aprendizagem-avaliação do EdPopSUS Reconhece o território, as pessoas, suas histórias e identifica saberes populares das comunidades, essenciais para o processo de

¹⁰ O ProUni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de ensino superior privadas. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005 oferece, em contrapartida, isenção de tributos àquelas instituições que aderem ao Programa (BRASIL, 2019).

	comunidades: processo vivencial que dialoga com a formação e o trabalho do ACS	formação e trabalho do ACS
Significados da experiência de formação no EdPopSUS	(Re) construção do todo: a irradiação dessa experiência	Apresenta o significado da experiência no EdPopSUS para o fazer profissional e na vida dos ACS educandos(as)
Desafios e perspectivas na formação do ACS	Desafios a serem superados e potências desveladas	Apresenta os desafios e as perspectivas do processo de formação do ACS e busca os caminhos possíveis para a consolidação da PNEPS-SUS

Na perspectiva freireana utilizada nesta pesquisa, os temas partem de uma concepção teórico-metodológica dialética ao resgatar a teoria do conhecimento fundamentado na *práxis*, além de serem temas pertencentes ao contexto de vida dos participantes da pesquisa. Trazem um recorte do seu contexto temporal sócio-histórico e são partes dele, proporcionando que a relação todo/parte seja estabelecida, possibilitando que o todo seja analisado a partir dessa visão, o que dá consistência à análise e à pesquisa, e, por partirem da vida real de cada um, de seu que/fazer, permitem a relação entre o geral e o particular, no movimento que alia os sentidos e os significados atribuem, como grupo, a realidade concreta, as suas vivências, desvelando assim seu protagonismo e sua humanidade. São temas que abrem a oportunidade de teorizar sobre a prática, aprofundando o olhar, na problematização, para além das aparências e possibilitando encontrar a essência do fenômeno estudado (KOSIK, 1986; FRANCO, 2015).

Buscou-se apreender na oralidade de cada entrevistado o significado de suas narrativas. O que foi virando linguagem a partir do momento em que há escuta das falas dos participantes enquanto ‘ser no mundo’ e não meros objetos (FREIRE, 2014; MATTHEWS, 2011).

6.2 APRENDIZAGEM PELA EXPERENCIAÇÃO: O ‘EXPERENCIAR EM AÇÃO’ QUE TRAZ A PERCEPÇÃO E O QUERER DE SEMPRE BUSCAR MAIS

É coexistindo e interagindo
que a vida flui.
Tudo se renova na rapidez da imaginação.
A verdade não é bem o que vê o poeta.
No entanto, o que vê é o que sente
e pensa do mundo.
O poeta é a ponte, a poesia a visão.
(RAY LIMA, 2018)

Esta pesquisa teve como foco estudar o fenômeno da formação do Agente Comunitário de Saúde, a partir da compreensão do significado da experiência no Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS). Assim, o entendimento de conceitos usados no contexto da pesquisa torna-se fundamental para captar o papel que desempenham na vida de cada pessoa em seu mundo (MATTHEWS, 2011). Um desses conceitos centrais é a essência das experiências e como essas experiências interagem com o mundo circundante e com as demais pessoas.

Experiências são as vivências que produzem sentido, que afetam, tocam, transformam. É o que nos passa mas fica, produz estímulo, sensação pura e armazenada na memória. As experiências requerem uma conexão com o tempo, espaço e o corpo humano de maior profundidade para que haja sentido e transformação. São únicas para cada indivíduo, algo que vem de ‘dentro’ e concernente a emoções, pensamentos e impressões elaboradas individualmente (LARROSA BONDÍA, 2002).

Já as vivências são todas as interações com o mundo. É algo instantâneo que passa como todas as informações recebidas diariamente por todos os meios. As vivências cotidianas são rápidas, breves e velozes, sem provocar reflexão, sem ter partilhamento emocional e, na maioria das vezes, não fica na memória. Ainda, as vivências produzem os fatos por si só, reproduções lineares e cartesianas de pensamento e ações (PIRES, 2014).

Para uma vivência se transformar em experiência é necessário

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24).

O cotidiano em função das muitas informações que chegam por todos os lados, principalmente com o uso de tecnologias de comunicação advindas por diversos meios, faz com que o conhecimento pareça estar acessível a todos. “Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 22). No entanto, a falta de reflexão sobre

processamento dessas informações pelas pessoas e no que isso afeta suas vidas e, por conseguinte, seus atos e hábitos, torna o patamar da experiência raro e/ou apenas um vivenciar.

Trazendo para o contexto da Educação Popular, todos os processos vivenciados tornar-se-ão experiências a partir do momento em que houver a elaboração do seu próprio saber, acontecendo no processo de luta pela transformação popular e ou social. Esse saber que poderá ser muito particular ou específico, provocando mudança será ferramenta de libertação. Portanto, somente será possível uma produção autônoma de saber a partir de experiências que afetem e dêem sentido para quem está vivenciando aquele momento e, conseqüentemente, dar-se-á uma experiência (BRANDÃO, 2005a; 2006).

Na Educação Popular, os incentivos aos processos de experiência estimulam a postura da recepção a partir do encontro com os outros sujeitos, consigo e com o mundo, baseada no diálogo, amorosidade, reflexão e emancipação. Na perspectiva da PNEPS-SUS o diálogo é o encontro com outro e com seus conhecimentos construídos cultural e historicamente, na amorosidade que reconhece o afeto político influenciado por dimensões diversas, como a subjetividade de cada um e a espiritualidade. A amorosidade como compromisso com o outro é um ato de amor, e “o amor é um ato de coragem [...] o ato de amor está em comprometer-se com uma causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (FREIRE, 2005, p. 38). Embasados, também, na reflexão e problematização que indica que as ações de saúde precisam partir da experiência de cada um e, percebendo a experiência como sendo o local das relações vinculadas à realidade que possibilitam compreender o contexto das práticas.

Na emancipação, as iniciativas surgem por meio da reflexão, do diálogo, da amorosidade, construída a partir da relação com o outro, produzindo autonomia no saber e no ser/estar de cada indivíduo (BRASIL, 2013a). É uma percepção expressa nas narrativas das(os) educandas(os) ao se referirem ao processo educativo no curso.

O curso fez diferença na minha vida! Fez diferença sim, fez diferença no meu modo de pensar, no modo de ver outro, de tentar entender a visão do outro e não só mostrar a minha visão. [...] foi para mim de muita inovação. Assim, eu vi que as coisas que eu estava vendo lá, eram coisas do cotidiano do meu trabalho, mas que inovavam porque cada um levava suas experiências e a gente ia pensando de outra forma. A gente ia construindo um saber individual, mas junto com o coletivo (ACS Educanda(o) 3, Entrevista).

O curso foi diferente e o torna diferente porque faz todos falarem e construírem suas reflexões. A gente aprende que é necessário ter a famosa amorosidade, mas não de afeto e simpatia simplesmente e sim, como sempre foi dito, amorosidade intencional e problematizadora. Dando espaço ao outro. É tu ter essa diferença nas óticas e poder se relacionar mesmo assim e tendo alguma relação contigo. [...] Eu repensei quem eu era em todo momento do curso. Repensei minha aproximação com a vida, daí tu começa a ampliar. (ACS Educanda(o) 2, Entrevista).

Dessa forma, o sujeito da experiência vai se expressando na sua forma de saber e na *práxis*, articulando o vivenciado no EdPopSUS e elabora sentidos afetivos e pessoais onde o experienciado é construído. Transforma-se em conhecimento do vivido ou saber popular. Portanto, a singularidade com que aconteceram os processos de experiência no curso, desde o despertar de emoções até refletir sobre posturas cotidianas e autoconhecimento, foram únicas para cada um. A abertura ao novo, ao diferente, ou ao velho com uma nova roupagem é essencial no processo de busca por experiências. Trata-se do sujeito da experiência colocar-se em ato. Logo, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 26).

Os relatos dos ACS sobre o EdPopSUS mostraram experiências que são expressas por descobertas, reflexões, discussões, despertando emoções “jamais sentidas” que foram significando essa formação e construindo um novo processo de aprendizado pessoal e profissional, profundamente ancorado na realidade vivida.

A cada encontro uma descoberta, uma reflexão, um carinho, uma lágrima, uma discussão que nos provocou o repensar sobre nossos valores e princípios pessoais e profissionais diante de todos os contextos que estamos inseridos. Aprendemos a nos desarmar perante os obstáculos do cotidiano do trabalho em saúde [...] despertando emoções jamais sentidas a partir das experiências aqui e de vida de cada uma de nós (ACS Educanda(o) 3, Carta final).

Eu cheguei aqui com um olhar muito fechado achando que seria só mais uma capacitação e que eu não teria nada de novo para aprender. Mas eu não sei qual foi a mágica ou a palavra dita, ou a canção, ou a expressão de cada olhar que me despertou algo novo. [...] aprendi a me conhecer, respeitar e me respeitar, aceitar e me aceitar com erros e acertos (ACS Educanda(o) 6, Carta final).

A relação objetividade/subjetividade, percebida pelos ACS, forma um par dialético, constituintes da humanidade do ser, onde a realidade concreta juntamente com fatos, dados e percepções de cada um que esteve envolvido no processo (BRANDÃO, 1986). Essa narrativa acima do ACS que chegou no curso com o “olhar muito fechado”, pensando tratar-se de mais uma capacitação onde não teria nada de novo a aprender, apresenta a situação de conflito,

contradição e tensão que aprendeu a superar pela forma como foi construindo seu conhecimento e também pela proposta do curso, ancorada nos fundamentos da Educação Popular. Os ACS, sujeitos desse processo de educação, foram se descobrindo abertos às experiências, seja pela sensibilização realizada nos processos educativos – por meio de música, poesia, mística –, seja por já chegarem no curso receptivos às atividades realizadas. Da mesma maneira, “o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 27).

Outro aspecto a ser considerado nas entrevistas refere-se ao aprendizado do ouvir o outro e, conseqüentemente, ouvir-se também. Isso é construir o seu espaço de fala. Na medida em que aprende a escutar o outro, passa a falar ‘com’ ele, e não ‘para’ ele.

[...] cada um trás um pouquinho do que é seu, e às vezes para ti é uma bobagem e para o outro significa uma coisa tão grande, aí tu aprende a ouvir o outro e te ouvir também. Eu acho que a experiência maior do EdPop sempre é tu escutar, tu escutar a outra pessoa, o colega, o trabalho dele, eu acho que o principal é isso, porque se tu não escuta, tu nunca vai saber como ajudar o colega, o problema do outro, o que tu pode trazer de bom e o que tu pode aprender (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

Além disso, a prática do saber escutar requer aprendizados que se interrelacionam, como a humildade, a amorosidade e a tolerância, conceitos fundamentais para a existência em sociedade. O saber escutar é entendido por Freire (2014) como um dos saberes necessários à prática educativa, de modo que “até quando necessariamente, fala contra concepções ou proposições do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso” (p. 113).

O processo educativo experienciado no curso favoreceu o fortalecimento das(os) educandas(os), permitindo que satisfações, conflitos e transformações pudessem emergir e ser compartilhados, instigando os ACS a querer buscar por novidades, a buscar “sempre mais”, percebendo que são sujeitos inacabados e em evolução.

[...] a expectativa era ver o que ia dar isso, se eu ia ir em dois encontros e ia embora e nunca mais aparecer, sumir do mapa, voltar para unidade, ou se eu ia ficar, ou querendo ficar para sempre e acho que a segunda opção que foi a que definiu melhor essa experiência. Uma experiência que traz a percepção e o querer de sempre buscar mais, porque não acaba quando termina, com certeza não acaba, tem mil coisas ali que acho que mil anos era pouco e não tem final. Não vai ter final nunca, porque acho que quando finaliza acaba o objetivo apenas presencial do curso, porque o curso é tu te

reinventar e fazer milhões de EdPops em qualquer lugar onde tu for. Tu já não é mais a mesma a cada encontro que passa, tu te transforma não tem mais como tu ser a mesma, não tem como ser, por mais que te bote goela abaixo as coisas, tu não vai ser indiferente a nada, tu vai apanhar, vai sofrer, vai levar na cara, mas tu não vai ser nunca mais omissa e submissa se tu foi um dia, acabou ali, morreu ali no dia que começa o EdPop. Então, eu acho que esse efeito transformador desse curso, tu nunca mais vai esquecer enquanto ACS porque tu estás mudada para sempre (ACS Educanda(o) 5, Entrevista).

A reflexão e ação possibilitou aos ACS continuar em constante mudança, desnaturalizando as formas de aprender, estar, construir e ser no mundo, pois cada encontro tinha suas singularidades, assim como cada educanda(o) e, nessa relação, são produzidos afetos e sentidos que dão significado à experiência de cada um (BRANDÃO, 2005b).

A minha expectativa era de ampliar mais os meus conhecimentos, amadurecer mais aquilo que eu peguei lá no EdPopSUS 1, e sempre voltado para implementar na comunidade. Posso dizer que consegui, porque eu fiz atividades relacionadas com várias questões dentro do grupo e estou fazendo ainda. Estou em andamento depois do EdPopSUS 2 [...] Aprendi também sobre falar menos, não assim foi, escuta tem que falar porque foi a escuta, e hoje mais essas práticas também. Eu sempre tive um lado para elas, nenhum tão aflorado, e para mim nesse curso as práticas foram mais visíveis. Despertou o desejo de fazer o reiki de estudar mais o reiki [...] a questão da terra, as plantas, já é uma questão minha não sei porque mas eu adoro, amo. E tudo que eu pude colocar no meu dia a dia de trabalho vou aplicando, e hoje eu tenho desejo de fazer o curso e encaixar no cotidiano do trabalho, assim isso para mim foi, eu preciso fazer, eu preciso dar mais esse passo, e para mim foi isso, maravilhoso (ACS Educanda(o) 17, Entrevista).

A Educação Popular, teoria que fundamentou o curso, exige um modo específico de conduzir as ações educativas na busca do processo de experienciar, para formar e transformar pessoas mais ‘sabidas’ e criar relações sociais mais justas. É uma educação que se preocupa com o significado político da aprendizagem, deixando claro para as(os) educandas(os) os objetivos de cada ato educativo, para que eles conheçam sua intencionalidade mais geral, possam ser críticos e se situar diante de cada um dos seus passos (VASCONCELOS; CRUZ, 2013).

Houve relatos de ACS em que não havia nenhuma expectativa de novas aprendizagens ao iniciar o curso, o que foi se modificando e tornando-se uma experiência transformadora que marcou, “tanto na esfera profissional quanto pessoal”. Na profissional, destacam-se aprendizagens de comunicação com a equipe e na condução de grupos, trazendo para a prática profissional o referencial teórico da educação popular. Já na esfera pessoal, evidenciam-se as amizades, conversas e trocas de experiência.

A expectativa confesso, que não tinha muita expectativa porque normalmente não tenho expectativas muito grande, e eu esperava que fosse uma continuidade só do que nós já tínhamos feito no anterior [...]o curso me transformou, tanto na esfera profissional quanto pessoal, pessoal porque eu acho que fiz ali amizades tive contatos que normalmente a gente não tem e que me marcaram bastante foi experiências que me tocaram que ali não tinha menor noção e que as pessoas conversaram e trocaram experiências ali bem fortes. No profissional modifiquei minha forma de comunicação com a equipe, trouxe para a unidade e comunidade o referencial de educação popular e estou colocando em prática várias coisas, como a problematização em tudo que faço. Os espaços de grupo eu seu conduzir melhor agora, também (ACS Educanda(o) 2, Entrevista).

Nesse sentido, essa experenciação promovida pelo curso – o ‘experenciar em ação’ –, partindo de uma experiência prévia e da realidade vivenciada por cada ACS foi a base da problematização que emergiu como “momento pedagógico, como práxis social, como manifestação de um mundo refletivo com o conjunto dos atores, possibilitando a formulação de conhecimentos com base na vivência de experiências significativas” (DANTAS; LINHARES, 2014, p. 75).

Fica evidenciado um processo de transformação e reconhecimento de si a partir da experiência, promovendo reflexão e problematização, trazendo a sensação do sentir-se “mais leve” e “mais amorosa”, indo ao encontro de um dos princípios da PNEPS-SUS, a amorosidade, que é intencional e não ingênua.

Logo que eu entrei assim, meio assustada, tudo era novo ali para mim, eu não tinha um olhar que eu tive no final. Eu me transformei. Como é que eu vou te dizer é, a princípio eu era díganos assim, muito dura com as coisas, e eu sempre digo assim, ou é ou não é, ou é amigo ou não é amigo, ou está afim ou não está afim, ou se joga ou fica quieta. E eu vi que poderia ser diferente. Eu aprendi no curso, que todos têm o seu tempo! Foi difícil para mim, mas aos poucos em fui me transformando e ficando leve. Eu fui tendo um outro olhar. Foi muito bom! Foi muito bacana! E, eu fiquei muito triste quando terminou, porque eu queria mais entendeu, eu quero mais, eu preciso de mais, porque me faz muito bem, para mim, para as pessoas que estão ao meu redor, para minha microárea, para minha família. Eles até me falaram que eu mudei bastante, que eu sou outra pessoa depois do curso, sei refletir mais, sou mais leve, mais amorosa. Então foi muito bom! (ACS Educanda(o) 14, Entrevista).

Dessa forma, cada experiência vai deixando marcas nos sujeitos da ação, nos outros e no mundo (FREIRE, 2014). Reconhece-se, assim, a Educação Popular como intensificadora dos processos de experiência, em função do incentivo à reflexão, ao diálogo e a expressão da afetividade, potencializando a criatividade e autonomia das pessoas, pressupõe a realização de um espaço educativo de construção do conhecimento individual e coletivo, mediatizada pelo mundo.

6.3 AVENTURA DE CONSTRUIR UM CAMINHO DE APRENDIZADO MEDIADO PELA PLURALIDADE DE ABORDAGENS, COM COERÊNCIA E NA COLETIVIDADE

A Educação Popular, como referência no processo de formação do EdPopSUS, permite a incorporação da integralidade dos seres que compõem a aprendizagem no eixo de condução das formas de aprender. A perspectiva de protagonismo de diversos sujeitos, o diálogo e a construção compartilhada de saberes são partes fundamentais da caminhada, na perspectiva da Educação Popular. Por sermos ‘sujeitos em relação’, nossas ações têm uma dimensão educativa e pedagógica. Compreende-se que, assim como no cuidado em saúde, na educação é necessário a compreensão integral do ser humano, respeitando suas singularidades e especificidades, respeitando o tempo e o ‘brilho’ de cada um e cada uma.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo (GALEANO, 2002, p. 11).

Galeano (2002) traz a boniteza da singularidade em forma de reflexão. A Educação Popular em Saúde tem seu brilho especial e único na forma de condução do processo de aprendizagem, pois tem ‘jeito de fazer’ que é único, singular, intencional e político. Traz a amorosidade para junto do diálogo e problematização. Constrói o conhecimento de forma compartilhada, fortalecendo a emancipação e, voltando ao Galeano, dando brilho e libertação aos que nela estão inseridos. As ações educativas orientadas por esses princípios configuram-se em “processos humanizadores, conscientizadores e de protagonismo do ser mais” (BRASIL, 2016, p. 23).

O aprender na Educação Popular envolve significados, traz a questão afetiva, educar com amorosidade, como nos ensina Freire. É um processo coletivo de produção e socialização do conhecimento que incentiva quem está imerso a ler a realidade criticamente, a refletir mais, a entender o que envolve a construção do conhecimento e que esse se dá a partir da coletividade e da realidade vivenciada, como identificado na fala deste ACS:

O jeito de fazer e estudar a Educação Popular, o território, o cuidado em saúde e os outros assuntos foi leve, mas também bem mais aprofundado, pois te instigava a refletir, a pensar mesmo. Era algo que mexia comigo lá no fundo da alma e do peito. Foi uma discussão que acho que valeu muito a pena porque nós conseguimos trazer à tona muitos

temas. Temas que a gente sempre discute naqueles grupinhos fechados, ou a gente não discute, então a gente conseguiu participação de muitas pessoas, pessoas que, muitas vezes, ficam em silêncio em algum tipo de atividade. Isso torna o curso diferente. Não é saber mais do mesmo. É entender todo o processo que envolve esse saber. Eu acho essencial, é tu ter essa diferença de visões e óticas e poder se relacionar e poder ter alguma relação em alguma coisa específica, como foi aprendido nas rodas de conversas (ACS Educanda(o) 2, Entrevista).

A Educação Popular presente no curso difere de treinamentos e capacitações ou do simples repasse de informações porque estimula a “criação de um senso crítico que provoque o entendimento, o comprometimento e a capacidade de reivindicar, de formular propostas e transformar, por meio de um processo, que a partir da ação gera-se reflexão e desta uma nova ação” (BRASIL, 2016, p. 26). É um exercício contínuo de ação-reflexão-ação para ler, entender, perceber e modificar a si mesmo, a sua volta e ao mundo.

A perspectiva da Educação Popular o exercício cotidiano da sala de aula, com a perspectiva do trabalho da Educação Popular também exige um processo tanto do educando quanto do educador. Então, acho que esse processo de leitura de mundo e aí como é que tu ajuda a problematizar a leitura de mundo que está acontecendo? Que é o que a gente vive? Para isso tem-se as temáticas da saúde. Temáticas que se quer abordar, justamente para pensar como que essa leitura de mundo, dentro do mundo da saúde vai poder transformar esse cotidiano das pessoas, que passam por esse processo, por aí, pelo processo do curso, pelo curso como um todo (Gestor 2, Entrevista).

O EdPopSUS não é ‘mais do mesmo’, é um curso que toca, afeta, desacomoda, traz os afetos para dentro da roda, torna pessoas mais ‘sabidas’, criando relações de apoio e sociais mais justas e democráticas. Toda condução de ações educativas na linha da Educação Popular exige a clareza dos objetivos de cada ato educativo. Dessa forma, conhecendo a intencionalidade da proposta de formação, as(os) ACS educandas(os) têm potencial para serem críticos e se situarem diante de cada um de seus passos, tendo uma leitura de mundo a partir da sua realidade (VASCONCELOS; CRUZ, 2013).

A gente estava muito cheia de coisa! A gente nem queria mais fazer tanta capacitação! Mas aí a gente pensou! Ah, vamos! Porque é uma forma da gente sair, também, errado, mas foi! Estou falando a verdade porque a gente também quer sair do posto, relaxar um pouco! Bom, aí quando a gente chegou, que começou mesmo o curso foi aquela chuvarada terrível, mas foi bom, aquela chuva mesmo, parece que deu um ânimo na gente, e aí a gente já começou diferente! Desde o primeiro dia foi explicado como seria o curso e a importância de nos colocarmos no processo de aprendizagem. Sempre em roda, compartilhando o que cada um sabia. A gente sentou no chão, dançamos, pulamos! Tinha a mística que hoje eu sei fazer e que é importante! Eu posso fazer o que eu estava fazendo, eu vou continuar fazendo porque é o caminho e foi muito bom o curso (ACS Educanda(o) 16, Entrevista).

A troca de experiência, a troca de carinho, de uns com os outros. Aqueles momentos que a gente esteve junto, do aprendizado todo. O aprender algo a mais para levar e compartilhar com a comunidade, com o trabalho, com o dia a dia, porque a gente sempre lembra o que foi aprendido! É os conteúdos interessantes, novo também para nós, algumas coisas. Foi muito rico! Eu achei bem bom, e também sair do trabalho ir lá, ter aquela aproximação, fazer trabalho junto, com aquela interação, hora do cafezinho, e tudo que a gente até passava um pouquinho, um pouquinho da hora! Até abusava um pouquinho, foi muito legal! Foi muito bom, as rodas de conversa. E superou tudo que eu esperava, eu não tinha imaginado que esse curso ia mudar tanta coisa assim, até na vida da gente, no trabalho da gente, no modo de ver as coisas e compreender a comunidade e até o mundo que vivemos (ACS Educanda(o) 8, Entrevista).

Destaca-se o relato de um dos participantes da pesquisa que traz sua surpresa em realizar uma caminhada educativa mediada pela Educação Popular, relatando que foi como se entrasse em um mundo paralelo. Cada atividade vivenciada teve um momento especial que marcou o percurso das(os) educandas(os) no EdPopSUS. Houve o encantamento com essa nova perspectiva de experenciação educativa, que cultivava os afetos e não impõe o andar em um uma trilha comum, mas sim, algo que vai norteando a caminhada e, também, momentos de ‘resistência’ à proposta. Ao final, os ACS perceberam que a intencionalidade da Educação Popular esteve presente em todo o processo do curso.

O jeito de fazer foi fantástico, foi assim fora do comum, a gente saiu do nosso trabalho, aquela loucura do dia a dia e parece que a gente entrou em outro mundo. Cada dia era único, especial e várias outras coisas. O passeio na ilha, tudo muito encaixadinho, assim ao mesmo tempo tudo muito desconstruído, mas tudo dando muito certo, acho que esse certo, não tem certo ou errado para mim é fantástico, ao mesmo tempo ta tudo muito esquematizado, então é para mim foi, que eu tinha falado que a Educação Popular não pode ser, aquela coisa esquematizada, não pode ser uma coisa 2+2 é 4, e tem que ser, tem que ser organizada do jeito organizado da Educação Popular, porque se não, não funciona, então essas coisas foram, me calando devagarinho, difícil mesmo foi uma ruptura de romper o laço assim, foi bem complicado! Tipo uma resistência grande, minha, pessoal, assim de dizer, não, não pode ser assim, como que vai ter uma esquematização se não tem! Falei algumas vezes não tem esquematização é todo mundo no “OBA, OBA” não é “OBA, OBA” assim, a Educação Popular tem esquematização tem que ser organizado, tem que funcionar, porque as coisas não funcionam ‘desesquematizadas’, e mesmo quando não tão, tão formatadas, certinhas cada uma no seu ‘quadrado’, mas sem ser no quadrado! Então essa parte foi muito difícil para mim, muito diferente, quando abriu o coração arrebitou com tudo, arrebitou para sempre, agora está rompido, total! Fez eu perceber que o jeito de conduzir da Educação Popular é único e que faz sentido! (ACS Educanda(o) 5, Entrevista).

É o que Vasconcelos (2004) entende que seja a essência da Educação Popular, um “saber que orienta nos difíceis caminhos, cheios de armadilhas, da ação pedagógica voltada para a apuração do sentir/pensar/agir dos setores subalternos para a construção de uma sociedade fundada na solidariedade, na justiça e na participação de todos” (p. 30).

A reflexão do processo metodológico é necessária para a compreensão de como a aprendizagem foi se dando para os participantes do EdPopSUS. O modo de conduzir foi todo o tempo merecer de muitas reflexões e refazeres em movimento, sendo repensado e discutido coletivamente em vários momentos com todos os participantes, tendo bastante ênfase na dimensão afetiva e prática. Indo sempre de acordo com as experiências trazidas por cada um. Sendo assim, constata-se que não existe um ‘trilho’ quando se trabalha com Educação Popular em Saúde, o curso e as vivências foram se moldando conjuntamente com os participantes, como foi observado pelos ACS.

É, porque assim, o curso de Educação Popular ele se molda também durante as aulas, até com as professoras, tinha muita coisa para fazer em casa que para a gente que estava na faculdade, com filho, com trabalho, não dava, acabou que a gente levava para fazer em aula mesmo, acho que isso aí a gente mesmo se, foi se moldando ali e ficou tranquilo. (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

Era muito importante a presença de cada um nas aulas, pois cada aula tinha um papel fundamental para o desenrolar do próximo encontro, sendo assim um completava o outro. Nisso, a importância de aprender no coletivo era mais potente, pois a troca de experiências de cada ia engrandecendo os saberes. Como se fosse um fio condutor ou uma colcha de retalhos, que ia aumentando cada aula mais e com a importância de cada colega nessa construção. Também, eram feitos exercícios para a casa e atividades diárias como elaboração de leitura, debate e divisão de grupos para realização de atividades que desenvolvessem o trabalho em equipe, exercitasse o diálogo, o vínculo com os colegas de equipe. Tudo isso fortaleceu o aprender a aprender! (ACS Educanda(o) 15, Entrevista).

Assim, antes de eu chegar no curso, e de ver, aprender a novidade que foi, eu pensava que eu ia chegar e que tinha um conteúdo fixo! Cheguei e foi totalmente diferente do que esperava! Comecei as aulas. Eu comecei a ver o conteúdo, eu vi que tinha um conteúdo, mas que abrangia saúde, território, luta, política, abrangia toda a vida. Então o início foi para mim de muita inovação, eu vi que as coisas que eu ia ver lá, eram coisas do cotidiano, mas que inovavam na forma de trabalhar com esse cotidiano, que eu já trabalhava. O jeito de conduzir a aula era diferente, foi me motivando. A forma como as coisas eram organizadas... a questão da mística no meio da sala de aula. Tudo foi fazendo sentido para mim ao longo das aulas! Eu me apaixonei por esse jeito que a Educação Popular conduz a educação (ACS Educanda(o) 3, Entrevista).

É um aprender que corrobora com Vasconcelos e Cruz (2013), quando diz que a Educação Popular

[...] atua como um jeito especial de conduzir o processo educativo, cujo objetivo é o de apurar, organizar e aprofundar o sentir, o pensar e o agir das diversas categorias de sujeitos e grupos oprimidos da sociedade, bem como de seus parceiros e aliados. Nela, a apuração, o aprofundamento e a organização do sentir, pensar e do agir é parte central da construção de uma sociedade solidária e justa, através da superação das estruturas sociais que reproduzem a injustiça e a exclusão, em que as pessoas não serão encaradas como mercadorias que se comprem ou rejeitam (p. 32).

A forma que a Educação Popular conduz os caminhos da aprendizagem passa por uma valorização da reflexão da dinâmica emocional do profissional. Tocar nas emoções não é uma trajetória fácil. Não se aproxima dessas dimensões mais profundas do existir de cada um, sem ser tocado emocionalmente também. Logo, é preciso ter um desenvolvimento pessoal para entrar no universo de afetos e emoções com responsabilidade e fazendo com que elas sejam parte fundamental do aprendizado, sendo na área da saúde imprescindível para a relação com o outro. Conforme Vasconcelos (2013, p. 370) são as emoções que “criam vínculos. São elas que tornam o trabalho em saúde cheio de graça e de realização e que inspiram sentidos que dão significado ao enfrentamento de tantas dificuldades. Elas dão colorido ao cuidado”. [...] “a emoção, a intuição e a sensibilidade já estão presentes no cotidiano de todos os profissionais e estudantes do setor saúde, mas de forma recalcada, não elaborada” (p. 371). Desse modo, “é preciso criar espaços pedagógicos para a sua elaboração e desenvolvimento” (VASCONCELOS, 2013, p. 371). O EdPopSUS constitui-se, assim, um espaço cocriador de autoconhecimento das emoções, como caminho da sabedoria.

A cada encontro uma descoberta, uma reflexão, um carinho, uma lágrima, um sorriso. Uma discussão que nos provocou a repensar sobre nossos valores e princípios pessoais e profissionais diante de todos os contextos que estamos inseridos. O mexer foi denso, profundo, avassalador. Aprendemos a nos desarmar perante os obstáculos do cotidiano do trabalho em saúde, tentando todos os dias ter um olhar diferenciado, humanizado e de qualidade, apreciando todos os tipos de saberes, pois cada um é único nesse mundo. Também, fundamentando tudo isso na Educação Popular como Freire preconizava (ACS Educanda(o) 4, Carta final).

Sabes eu estava falando com o meu cabeleireiro, na época eu ia sempre nele porque usava megahair, e ele me perguntava o que eu fazia no curso. E eu dizia, estou aprendendo a ser melhor com a Educação Popular. Eu acho que o EdPopSUS, mostra isso para a gente. Sobre afetividade no processo de trabalho. No momento que tu faz o curso tu começa a olhar e enxergar o que antes tu não via, tem um olhar diferente e tu busca ser melhor a cada dia para também para o outro (ACS Educanda(o) 16, Entrevista)

Eu sempre fui uma pessoa muito ‘dura’ comigo mesma, no curso eu virei a ‘Dona Gentileza’, porque comecei a ser gentil com todos a minha volta. E isso aconteceu não porque eu queria impor que estava melhorando como pessoa. Isso eu tive que aprender, depois de muitos anos de vida que eu não posso mudar as pessoas que estão na minha vida, que tu tens que aceitar o que tu não podes mudar e que o caminho mais fácil é tu te mudando, tu te deixando transformar, tu te deixando tocar enquanto ser. Foi isso que aconteceu comigo. Eu me transformei e foi muito bom para mim (ACS Educanda(o) 14, Carta Final).

Acerca do material didático disponibilizado pelo EdPopSUS, os ACS trouxeram as canções, o guia do ACS e o caderno de textos como materiais válidos, claros, explicativos,

compreensivos. Entenderam que o material contribuiu não só para o curso, indo além, sendo compartilhados e utilizados no ‘dia a dia’ do ACS.

Ah o material é maravilhoso! Ele é muito bom, eu acho que é um dos cursos de agente, digo que com certeza, já fiz ‘N’ cursos de agente comunitário em saúde e primeiro que nunca chega o material para a gente, eles dizem que vão mandar, que vão mandar e nunca chega, e quando chega o certificado a gente agradece a Deus, e a gente nunca tem isso em mão. Nesse tem tudo, [...] tem as antigas, tem as rodas, as músicas de ciranda, a gente faz, a gente que está fazendo o curso a gente lembra, daqui a pouco se não é a rotina tu esquece, mas tu vai lá, tem o material, tu vai lá e busca tem uma dúvida, e tu queres fazer, tu vai lá e volta, é incrível, tu volta lá no teu curso, que tu lê, tu bah discutia, tu lembra das falas das pessoas, bom para mim ele é fantástico, não abro mão dele, nem do primeiro e nem do segundo (ACS Educanda(o) 17, Entrevista).

Eu gostei bastante, do material do curso, achei bem válido, bem claro e explicativo [...] (ACS Educanda(o) 3, Entrevista).

Dos materiais tem um até que a gente está usando na unidade! Foi bom o material didático até porque tinha um livro das funções dos agentes comunitários que me ajuda bastante (ACS Educanda(o) 11, Entrevista).

O material didático era fantástico, [...] hoje, eu leio com mais calma. Eu tenho usado ele no meu dia-a-dia de ACS (ACS Educanda(o) 5, Entrevista).

Eu achava muito lindo, eu achava bem compreensivo e até hoje eu pego para ler aquele material, é eu acho lindo aquilo, tem coisas ali que a gente lê e fica encantada de ver, ler [...] (ACS Educanda(o) 7, entrevista).

Achei os textos de fácil compreensão, não tive nenhuma dificuldade na parte da leitura (ACS Educanda(o) 2, Entrevista).

No planejamento e organização do curso foram organizados momentos de saídas de campo, para que as(os) educandas(os) pudessem observar e vivenciar outras realidades. Foi visitado um Assentamento do Movimento Sem Terra, uma Aldeia Indígena, Museus, Colônia de Pescadores e Ilha de Agricultores. As saídas de campo trouxeram aos ACS a percepção da cultura do outro pelo entendimento e compreensão da realidade para poder respeitar e trabalhar em conjunto.

[..] as saídas que a gente teve em campo, foram muito importantes porque a gente teve que conseguimos ver logo e ter o contato factível com a, o que está acontecendo não é só ficar na teoria ou ficar só naquilo que é contado e profissionalmente. Eu presenciei o que é a verdade para construir minha opinião, principalmente no MST, porque a mídia mente muito e indo lá, estando lá com eles tu começa a entender a realidade (ACS Educanda(o) 2, Entrevista).

[...] quando tu estás ali que tu vivencia é outra coisa, tu enxerga, depoimento, vida pessoal, muito do que a gente estudou e viajou, para mim foi muito bom, te abre a

mente, literalmente, embora tu diga não tenho preconceito, tu não conhece, assim, a 'risca' como a gente vê ali os indiozinhos do calçadão. Ai tu pára e, aí, essas crianças com frio, com pouca roupa estão ali, tu tem que respeitar porque no fundo não é uma exploração do trabalho deles, um trabalho... é a cultura, é a cultura de cada povo, é tu poder olhar e entender, antes de questionar, antes de julgar (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

Algo que me mudou bastante foi a ida lá no assentamento, nos Sem Terra, aquilo foi muito bom. Fez eu repensar até meus preconceitos em relação a luta das pessoas. Eu nunca tinha ido, gostei bastante, me marcou muito mesmo (ACS Educanda(o) 9, Entrevista).

[...] do assentamento, eu tinha uma outra visão do que era o assentamento, totalmente diferente até em questão de violência assim sabe, eu achava que eu não iria sair viva sabe do assentamento (risos). Quando eu fui, eu pude reconhecer, nossa como eu era tapada, ignorante a ponto disso, isso para mim foi o que mais chamou atenção assim e que eu gostei bastante de ter essa experiência, e do outro foi a questão indígena que até hoje, mas esse foi a questão do assentamento que para mim foi fantástico assim, até levei para a equipe (ACS Educanda(o) 17, Entrevista).

Eu gostei bastante das saídas, quando a gente foi a Piratini, aquela história, aquelas coisas, aqueles escravos, aquilo ali me impressionou bastante! É muito bom a gente ver aquela história ali. E a história do negro, para mim é muito triste. É muito sofrido aquilo, muito sofrido. Me chocou, mas eu gostei de conhecer, aquela cidadezinha pequena, os alto-baixo, mas foi bem legal! O assentamento! Ah o assentamento! Aquilo foi incrível! Eu tinha uma ideia totalmente diferente, que eram ladrões, que querem roubar nossas terras, aquela visão que a TV nos dá. E aí tu chega lá e vê um povo, que tem uma terra agora, é mega organizado, feliz! Então, eu fiquei bem impressionada! Agora eu defendo! Eu defendo, se falam algo eu já digo: - não, não é assim! Eu estive lá, eu estive lá e eu vi como é a realidade. Então, eu vejo que as pessoas que tinham a mesma opinião que a minha, hoje em dia, pelo menos as que estão comigo, já estão pensando um pouquinho diferente, estão loucas para ir lá, mas não tiveram essa oportunidade que nem eu tive (ACS Educanda(o) 14, Entrevista).

Partindo da intencionalidade de condução do curso em conjunto com os participantes e gestão local, de ampliar os horizontes, foram realizadas essas visitas em locais estratégicos para buscar sentidos e significados para uma problematização da realidade, até então despercebida. A experiência de conhecer outras localidades, as caminhadas pelas areias, a travessia de barco para uma ilha, as conversas, os olhares atentos e observadores, foram trazendo novos elementos para a construção do saber e desconstrução de preconceitos das(os) educandas(os). É um processo fundamental para uma postura crítica diante das informações que são recebidas cotidianamente para formar uma opinião sobre determinado tema. A aproximação do conhecimento com a realidade social vai, assim, tecendo o olhar para a reflexão e leitura coletiva, sendo feita mediante o exercício em ato das linguagens diversas da Educação Popular, sendo o território visitado um espaço de construção do saber. Há aprendizados que somente a vivência pode produzir, são dimensões invisíveis e intransferíveis dentro de uma sala de aula (VASCONCELOS, 2004).

O texto da PNEPS-SUS reforça a ideia de que para haver problematização é necessário o encontro com a realidade. Essas visitas proporcionadas pelo EdPopSUS possibilitaram um momento pedagógico emergido a partir da *práxis* social, “como manifestação de um mundo refletido com o conjunto de atores, possibilitando a formulação de conhecimentos com base na vivência de experiências significativas, resgatando potencialidades e capacidades para intervir” (BRASIL, 2013a, p. 22).

São dinâmicas que vão soltando a timidez, estabelecendo outras formas de diálogo além da oralidade e da escrita. Diálogo com o corpo, com os sentimentos. Houve tempo para sorrir, chorar, vivenciar os sentimentos, refletir e problematizar. Essa foi a essência do EdPopSUS. Segundo Vasconcelos (2013, p. 394), “a metodologia com pedagogia participativa salva o professor do academicismo que o aprisiona em lutas infundáveis por respeitabilidade e poder que o isolam do contato mais direto com a dinâmica da vida, ao mesmo tempo, poética e dramática”.

Eu, pessoalmente tenho mais dificuldade é com a parte da interação física, vamos dizer assim. Então, às vezes estas outras dinâmicas de abraçar e tocar, também as práticas integrativas, é uma coisa que fico muito preso! Eu sou muito preso, nesse sentido! Então, com isso, eu tive um pouco mais de dificuldade no início, mas o curso propiciou outro entendimento e fui me soltando aos poucos e participando mais. Então, é uma coisa que eu no início, eu nem sei como colocar, mas no início eu era muito ‘restritivo e no final eu já estava vendo com muitos bons olhos tudo e já participando! Já, de tudo um pouco... do abraço, do dar a mão, do dançar, até sentar no chão, então para mim, foi ótimo! Aprendi que o contato com o outro, tem que ser físico também, provocando mais mudanças na gente e nos outros (ACS Educanda(o) 2, Entrevista).

Uma das formas de organizar o processo educativo no EdPopSUS foram as rodas de conversa da Educação Popular, um aprendizado intencional e horizontal. Na roda, indo ao encontro literal da palavra, tudo gira! A roda deve permitir a expressão de todos que a compõem, cada integrante deve ter a oportunidade de falar, de anunciar, de expressar o que sabe ou o que pensa. Cada um na roda tem acesso ao olhar e à escuta de todos os outros. A roda é um círculo, em que todos fazem parte de sua construção em uma posição horizontal, tanto na parte física quanto na condução das discussões, dialogando e interagindo uns com os outros, possibilitando uma comunicação dinâmica e produtiva entre todos (MELO; CRUZ, 2014).

Considerando que as rodas de discussão da Educação Popular são, também, mediadas pelos afetos, apresentam-se como potentes por trabalharem além das dimensões tecnicizadas. Mais do que espaços de fala, configuram-se, como espaços de escuta dos outros e de si mesmos. Isso a torna como um método de discussão importante e que possibilita, porque fazem a

“experenciação” de práticas de cuidados, a aprendizagem significativa, reforçando a ideia de que aprender não se faz somente com a “cabeça”, mas também com o corpo, envolvendo a amorosidade, as vibrações, sentimentos, cores e sabores que nos afetam e afetam os outros e as outras (MENESES, 2017). Para os ACS, o aprender em roda foi uma troca respeitosa de experiência, onde não há certo ou errado, todos possuem voz, tendo espaço para falar o que pensam e sentem, trazendo suas bagagens para compartilhar. Uma técnica que trouxe reflexões para a busca da conscientização e do aprendizado.

Aprender em roda, poder levar as coisas que eu aprendesse da minha vida, levar que aprendi na rua assim para o curso. Levar do curso para o meu trabalho na rua, nas casas. Poder levar alguma experiência que eu li, que eu aprendi que eu não, de repente não sabia, aprendi e levei, isso aí que eu acho que foi interessante para mim, aprender, e trocar ideias com as pessoas, minhas colegas agentes. Todo mundo aprendendo junto. E com a professora também. Era um aprendizado tranquilo, respeitoso e sem imposição do certo e errado. Tu fazia a gente refletir e procurar uma resposta na gente! (ACS Educanda(o) 9, Entrevista)

Com as rodas, as canções e os trabalhos desenvolvidos me fez aprender e fortalecer tudo que desenvolvo nos grupos. Fez eu entender que esse é o melhor caminho para a educação. Há pouco realizamos uma roda de conversa, de assuntos pessoais, alimentação saudável, os chás que mais usam nessa época do ano. As atividades de dança sempre terminam com um grande abraço e palavras de incentivo e carinho. Isso, para mim, faz com que o aprendizado se eternize em cada um porque vai tocar o conhecimento na cabeça, mas vai tocar também no coração (ACS Educanda(o) 12, Entrevista).

Corroborando com Ceccim e Feuerwerker (2004), entende-se que não é a estrutura de estar em roda que tornará possível a mudança das hierarquias nas formas de ensinar e aprender, sendo necessário ir mais além, rompendo totalmente com a verticalidade, e realizando uma mudança na concepção do sistema de aprendizado e de sua condução. Essas mudanças só acontecem quando educador e educando estiverem centralmente comprometidos com aprendizados recíprocos. Fica evidente a importância dos princípios norteadores da política de Educação Popular para a constituição de uma roda em que todos tenham ‘poderes’, em que todos consigam analisar, refletir e posicionar-se criticamente, alimentando ‘circuitos’ de troca e caminhando em aprendizagens recíprocas e verdadeiras. A análise da carta final dos ACS expressa o quanto as rodas marcaram a experiência no curso.

[...] Uma coisa que me marcou foi a forma de trocar experiências e de aprender em roda. Ninguém foi superior a ninguém e a gente conseguiu, ao longo do curso, ir respeitando o que cada um trazia para a discussão. Mas, também, acho que isso foi sendo conseguido mais no final do curso porque veio a partir do entendimento dos princípios da Educação

Popular, como o diálogo, o respeito ao outro, a construção compartilhada do conhecimento. Embora nem tudo tenha sido dito, construímos uma trajetória de diálogo, de respeito pelas opiniões de todos, de escuta, de troca e de vivências que levarei para a vida inteira (ACS Educanda(o) 11, Carta Final).

O curso é muito bom, capaz de qualificar, expandir e modificar o pensar através de vivências, que mostram o respeito pela comunidade e necessidade de educação constantes de todos integrantes da população até os próprios profissionais devem estar em constante aprendizado, e assim gerar seres humanos mais responsáveis, também é capaz de desenvolver a percepção do cuidado e vigilância em saúde sendo de responsabilidade de todos e que todos somos agentes modificadores da sociedade, e principalmente o empoderamento dos profissionais que fazem o curso. Saliento a importância das rodas e das atividades de cuidado como essenciais ao processo de aprendizado no EdPopSUS, tendo comigo que a partir do comprometimento de todos há educação. Ainda, o conhecer a política de Educação Popular em Saúde é essencial para que se consiga trabalhar com outras formas de educar, sendo estas a partir das cirandas, das tendas, do corredor de cuidado, do teatro e outras (ACS Educanda(o) 15, Carta Final).

A roda de conversa, como metodologia participativa, mostrou-se um valioso instrumento educacional que pode ser utilizado para trabalhar a dinâmica relação entre ensino-aprendizagem em uma perspectiva educacional que valoriza tanto a teoria como a prática, e considera todos os envolvidos no processo como sujeitos em potencial para construção da *práxis*. Dessa forma, as rodas de conversa serão metodologias participativas quando permitirem

[...] a atuação efetiva dos participantes no processo educativo, valorizando os conhecimentos e experiências dos participantes, envolvendo-os na discussão, identificação e busca de soluções para problemas que emergem de suas vidas. É uma forma de trabalho pedagógico baseado no prazer, na vivência e na participação ativa em situações reais ou imaginárias provoca a reflexão faz os participantes construir sentidos às situações concretas da vida (PULGA, 2014, p. 129).

O modo de fazer da Educação Popular, ancorado nos referenciais teóricos freireanos, já é, de certa forma, o que se quer fazer e o para o que se faz. Visa o despertar de senso crítico e promove o diálogo entre as partes para juntá-las num processo de construção coletiva, numa perspectiva libertária, humanista e solidária, sendo possível “ao mesmo tempo, fortalecer aspectos da identidade e autoestima dos sujeitos, mobilizá-los para a ação transformadora desenvolvendo o compromisso com processos legítimos de luta pela vida para a emancipação das pessoas e sua afirmação como sujeitos sociais” (PULGA, 2014, p. 130).

O percurso de aprendizagens do curso EdPopSUS, foi sempre ancorado a uma visão de mundo e a um objetivo histórico concreto, ou seja, um projeto de pessoa e sociedade, que afirma

uma cidadania ativa, incentiva e contribui para a construção de um projeto político e democrático de país, tendo a luta pela emancipação e pela vida como essenciais e legítimas (BRASIL, 2013a).

A questão da roda, eu gostei assim da maneira que foram conduzidas as aulas. É verdade, e não é só a minha opinião é de todo mundo, não to te jogando confete, a gente não está, mas assim eu achei muito legal que venham outros, e que venha contigo, e com outros parceiros é claro! Eu acho que tu conversava com a gente, tu andava na volta da mística, tu observava, era tão bom assim, o melhor exemplo de educadora popular. Eu gostei bastante assim, quando tu fala na roda é de uma maneira, com tão bom entendimento, não tem quem não entenda! E, tu puxava a gente, conversava e tu o quê que tu acha e coisa e tal, e às vezes a gente ficava meio inibida e meio que se escondia a princípio, mas depois todo mundo já queria falar! Então esse jeito de conduzir da Educação Popular faz a gente perder a inibição e se sentir parte. Às vezes eu nem tinha espaço para falar, porque todo mundo queria falar! A roda proporciona isso, proporciona muito isso. A gente ficou mais forte, eu me sinto mais forte como ACS. Eu não dava minha opinião agora eu dou minha opinião. Todo mundo diz pô estudasse, e não tu não fala, tu não diz a tua opinião, e a partir do curso eu comecei a falar. E, é tão bom quando tu fala o que tu pensa, mesmo que não vá dar resultado, que não vai ter sucesso aquilo, mas mesmo assim tu falou na roda, porque a roda é de todo mundo e isso é ótimo (ACS Educanda(o) 14, Entrevista).

[...] então poder compartilhar em roda suas histórias foi uma questão muito importante, primeiro que trouxe e você reconhece o conhecimento que estas pessoas têm, e isso foi vencido na roda, então quando eu conto a minha história, quando eu dou um exemplo, um partilhamento de saberes, na roda e que as pessoas todas começam também a poder perceber que tem história e dentro dessas histórias e isso então dá a constituição do sujeito. Um dos objetivos, digamos assim, dá ao processo educativo que pensa na perspectiva da Educação Popular e da questão Freireana e da questão crítica, então formado o que se queira falar (Gestor 2, Entrevista).

O experimentar na Tenda do Afeto Popular¹¹, outra abordagem metodológica do curso, também foi identificada pelas(os) educandas(os) como um importante instrumento educativo que organiza o saber e produz conhecimentos, envolvendo conceitos, teorias e afetos entre cada participante. A Tenda do Afeto Popular fez tanto sentido para os educandos e educandas que os ACS colocaram “em prática” a metodologia em suas atividades nas unidades de saúde e comunidades.

O que me marcou muito neste curso, foi a Tenda do Afeto! As tendas que eu fiquei apaixonada, pelas místicas, então! É um jeito de aprender leve, com amor! Eu gostei tanto que cheguei e implantei já em duas atividades de Educação Popular que fiz aqui no

¹¹ A Tenda do Afeto Popular, como é popularmente conhecida, é uma Tenda ‘derivante’ da Paulo Freire, é uma Tenda de Educação Popular, uma das propostas da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS). É um espaço de constituição de diálogos. Espaço de circulação da palavra, mediada pelos afetos de alegria, amorosidade, parceria, solidariedade, respeito, reciprocidade entre outros, as pessoas também se movem, espalhando essa discussão e modo de fazer rizomático. É um lugar de movimentos que cirandam e tecem em espaços de roda de conversação para trabalhar com muitas questões de saúde, direitos humanos, educação, meio ambiente, alimentação possível, entre outros. E esse processo se viabiliza com e pelos afetos (MENESES, 2016).

bairro. Conversei aqui na minha unidade e a gente fez um projeto que agora se chama: 'A Tenda do Amor por Você'. Consegui fazer no 'Outubro Rosa' e no 'Novembro Azul'. Então, assim é uma coisa que me deixa com muito, mas muito orgulho, de ter visto e de conseguir passar um pouquinho, um pouquinho do que eu passei e aprendi no curso e colocar em prática dentro da minha comunidade, com essa tenda, eu acho que é isso (ACS Educanda(o) 3, Entrevista).

As Tendras, para os ACS, foram espaços que contribuíram nos processos de aprendizagem da Educação Popular.

[...] coisas que te encantam que só a Educação Popular traz. As Tendras... quando a gente teve, são coisas tão simples do dia a dia, que tu leva para colocar ali na no centro da Tenda, na mística, cada um trás um pouquinho do que é teu, e às vezes para ti é uma bobagem e para o outro significa uma coisa tão grande, uma pecinha pequenininha mas tem um significado tão grande, aí tu aprende o porquê aquilo tem um significado tão grande para aquele que trouxe. Na Tenda se aprende junto com cada um, porque todos têm que montarem ela e se trazer de verdade para compor esse imaginário da Tenda. Não tem como alguém ficar indiferente num trabalho desses (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2013a), as Tendras se conformam como espaços importantes de construção do saber, sendo identificadas como uma marca da Educação Popular e, costumeiramente são chamadas de Tendras Paulo Freire. Possuem como características a dialogicidade entre práticas e saberes acadêmicos e populares e a superação de situações-limite na saúde empregando metodologias participativas e problematizadoras. Tendo a arte, a cultura, a espiritualidade, as práticas de cuidado sendo compartilhadas entre todos os atores desde a sua formulação e organização. Ainda, segundo o MS, tais espaços promovem a visibilidade das ações de Educação Popular em Saúde, pois criam um espaço acolhedor e colorido identificado à cultura popular.

O fazer em ato da Educação Popular, por considerar a avaliação um processo formativo e com a participação de todos e todas, procura enfatizar a valorização das vivências pessoais e profissionais. Esses marcados pelos conhecimentos prévios e a história de vida de cada um. Logo, avaliação é processual, se fazendo em conjunto, tendo em mente a problematização e a construção coletiva do conhecimento (BRASIL, 2013a). No curso aconteceu de forma contínua, conforme mostram as narrativas dos ACS:

Ah! Eu não me senti muito avaliada assim sabe, sério eu não me senti, porque eu me sentia tão bem lá e era uma troca, era uma coisa tão boa as leituras, os entendimentos, as visitas que nos tivemos, é um bem assim, como é que eu vou explicar, muito bem vindas, muito a... no meu caso assim eu fiquei até de boca aberta em muitas coisas que

eles falaram, que eles cantavam, que eles interagiam, aquelas rodas, aquelas coisas, era tão bom, como se a gente voasse, eu tenho saudade assim sabe, eu tenho saudade mesmo. A gente sempre tem uma questão ou outra de trabalho, ou alguma coisa que a gente fica incomodado, ou a gente fica chateado. [...] se fechar os olhos e me sentir naquela roda, a coisa fica tão boa assim, eu acho legal, eu faço isso (ACS Educanda(o) 14, Entrevista).

Avaliação era um pega-ratão, total dizer que tu achava que estava fugindo e tu não tava fugindo porcaria nenhuma, porque uma hora vão te pegar lá na frente, outra coisa, de tu te encostar fulaninho, porque era contigo o assunto e era contigo, daqui a pouquinho mais era contigo o assunto, então era essa, muito dinâmica, muito despretensiosa, mas também pretensiosa, tu sabia que naquele momento tu ia cair, era contigo o assunto, então não tinha como fugir, então eu muitas vezes não, era o que eu consegui fazer da minha avaliação por ser o que eu era em aula, é o que eu vivenciava falava e era aquilo ali e não tinha muito o que fugir daquilo ali. E, eu acho que a avaliação é aquela coisa formal, a gente teve trabalhos, eu fiz trabalhos e tudo mais, mas não era aquela coisa formal, chata assim de agora estou sendo avaliada (ACS Educanda(o) 5, Entrevista).

Agora tu fez uma dúvida na minha cabeça, porque não tinha uma avaliação, ‘hoje nós vamos fazer uma avaliação de vocês’, pelo que eu lembro, eu acho que a gente nem notava que estava fazendo avaliação, é verdade. Acho que nem teve de tão leve que foi! (ACS Educanda(o) 7, Entrevista).

Foi percebido como essencial ao processo de aprendizagem a ‘condução’, a mediação realizada pelo educador popular que guiou as atividades do EdPopSUS, principalmente pela experiência de já estar inserido em outras práticas de educação popular e de movimento social. Sua função era de realizar a mediação entre os textos, atividades do curso e as(os) educandas(os), subsidiando o processo de aprendizagem com as experiências dos espaços de participação e diálogo, trazidos principalmente do movimento social, estimulando a problematização e incentivando a conscientização.

Ainda, sobre quem guiou o curso, como se fosse uma professora, mas sem o autoritarismo de ser. [...] que eu acho que é referência na Educação Popular! É verdade eu não estou puxando o saco dela não, eu gosto dela e todo pessoal do curso gosta, nós gostamos bastante e nos nós entendemos bastante. E isso é muito bom. Educação popular sem a facilitadora e sem ACS não existe! (ACS Educanda(o) 14, Entrevista)

A coordenação da formação foi excelente, daqui apouco te fazem uma pergunta e tu responde ainda uma bobagem porque tu nem entendeu a pergunta, mas tu não quer ser criticado. Aquela tua colocação ser acolhida e explicada, tu poder ser escutado como um ser humano de que não está sabendo de tudo, mas com carinho, com atenção e com respeito e depois tu ir aprendendo (ACS Educanda(o) 6, Entrevista).

Outro ponto que eu gostaria de destacar foi a forma de condução do EdPopSUS, penso que isso influenciou muito no meu aprendizado e no dos colegas. Sempre foi estimulada a participação de todos de uma forma muito respeitosa e humilde, sem impor nenhuma teoria ou conteúdo, fazendo com que a gente refletisse a todo momento qual caminho seguir para construir com nossas pernas o conhecimento (ACS Educanda(o) 1, Carta Final).

Os ACS corroboram com a percepção da gestão de que os facilitadores, as pessoas quem conduzem os processos formativos são de fundamental importância, tanto para incentivar as reflexões, como para trilhar os caminhos à emancipação e a leitura da realidade, ‘leitura de mundo’.

[...] Era um aprendizado tranquilo, respeitoso e sem imposição do certo e errado. Se fazia a gente refletir e procurar uma resposta na gente! (ACS Educanda(o) 9, Entrevista)

Como foi coordenado o EdPops aqui, que é dentro que se entende isso da Educação Popular, e tu levou esse olhar do popular, do diferencial das coisas básicas que vão dar o resultado que tu não espera. A facilitadora do curso continuou junto todo o tempo, incentivando a gente a pensar, a refletir no cotidiano. Das coisas básicas que às vezes a gente não enxerga às coisas mais complexas. Eu acho fundamental quem coordena saber realmente fazer isso (ACS Educanda(o) 17, Entrevista).

Então quando entrou outra parte, da facilitadora, tenho que dizer, que trazia de uma forma que a gente refletia e de colocar nossa opinião, poder falar, que foi aquela da roda, aquela coisa toda, tu pode ver que todo mundo interagiu, todo mundo falou, todo mundo se sentiu acolhido para falar aquilo positivo ou negativo, e eu acho que é isso que quando o EdPopSUS ensina a gente a falar em roda, ao olhar, ao cuidar a fala do outro, respeitar. E isso a gente conseguiu porque o educador foi guiando esse processo (ACS Educanda(o) 4, Entrevista).

Então acho que essa é uma questão importante também [do papel do educador] porque vamos dizer assim a perspectiva da Educação Popular no exercício cotidiano da sala de aula, com a perspectiva do trabalho da Educação Popular ele também exige um processo tanto do educando quando do educador, então, acho que esse processo de leitura de mundo e aí como é que tu ajuda a problematizar a leitura de mundo que está acontecendo, que é o que a gente faz, então as temáticas da saúde, temáticas que se quer abordar, justamente para pensar como que essa leitura de mundo dentro do mundo da saúde, vai poder transformar esse cotidiano das pessoas que passam por esse processo, por ai, pelo processo do curso, pelo curso como um todo (Gestor 2, Entrevista).

Nesse percurso pautado pela teoria freireana, a relação no processo educativo não tem hierarquia, sendo uma relação de horizontalidade, das falas às posturas, sendo construída por relações mútuas de aprendizagem onde quem ensina sempre aprende ao ensinar. A via utilizada é a troca de experiências, saberes, compreendendo que cada um sabe algo e que o pensar, ensinar e aprender deve ser visto e praticado numa perspectiva emancipatória (FREIRE, 2014).

A caminhada da aprendizagem no EdPopSUS, possibilitou além de aprender sobre temas específicos, o debate sobre si, a criação de novos pensares sobre o mundo, sendo um verdadeiro espaço democrático da construção do saber. Nenhuma educação é verdadeira se não houver reflexão crítica e pautada na liberdade dos seres. O resultado é a construção de um conhecimento crítico, tendo cada educanda(o) se percebendo como sujeito histórico, com

capacidade de construir e reconstruir o local que está inserido. Emergem sujeitos de ação, provocando-se mutuamente, num ir e vir constante, articulando saberes e fazeres. São exercícios de busca de conscientização coletiva, comprometida com a emancipação e a construção de uma sociedade mais humanizada (BRASIL, 2013b).

É nesse contexto que o jeito de fazer da Educação Popular é singular e qualificado, pois além de possibilitar a criação de vínculos considera

[...] as diversas dimensões humanas: intelectuais, afetivas, temporais e espirituais. Em uma permanente e inesgotável busca pela integralidade, na qual, identificando esses fatores, o grupo e as pessoas problematizam determinada situação e concebem coletivamente um saber, que não nega as contradições, mas que se ressignifica e desenvolve-se mais potente na aplicabilidade prática (BRASIL, 2013b, p. 36).

Por fim, os desdobramentos que vão emergindo da forma como é conduzido o processo educativo têm características importantes, demandando o desenvolvimento de uma sensibilidade especial na caminhada. Entendendo que o curso reverbera no cotidiano dos serviços e na vida dos participantes, torna-se claro que a aprendizagem é contínua e vai acontecendo na vida de cada um como um florescer, um ir além de nós mesmos, para ser mais (FREIRE, 2014).

É um movimento de aprendizagem de ir e vir, como o balanço do mar, onde a compreensão da relevância das memórias das comunidades que interagem com o ACS ganha destaque e é repetidamente salientada pelos participantes da pesquisa, sendo apresentada na subcategoria a seguir. Trata-se da importância do reconhecimento, respeito e valorização das raízes históricas e culturais para a construção ética do presente. Ao acolher a sabedoria da memória, consegue-se perceber o presente e compreender a realidade que vive. Traz o resgate das práticas, crenças e saberes populares construídos nas tradições familiares e sociais, reconhecendo e dando igual valor como conhecimentos científicos, sendo percebido como complementares e com relevância social.

6.3.1 (Re)aprendendo histórias, memórias e saberes das comunidades: processo vivencial que dialoga com a formação e o trabalho do ACS

Que fazes tu de tuas crenças,
de ti, de tua arte,
de tua ciência,
quanto de amor te faz,
com quanto amor te faz?
(RAY LIMA, 2018)

Para entender o presente e repensar o futuro é necessário conhecer as memórias do passado. A história, assim como as memórias coletivas não são fixas e unilaterais, sempre estarão em constante reelaboração, pois são construídas e reconstruídas com base nas interações entre os indivíduos e grupos. Desse modo, segundo Pinto (2017, p. 106), “as lembranças na sociedade não são únicas, nem as mesmas para todos” em função que irá se tratar das experiências de cada um em sua vida.

Um dos objetivos principais que a perspectiva da Educação Popular em Saúde busca nos processos formativos é a aproximação de profissionais com as memórias, cultura e história, procurando superar preconceitos e distanciamentos tão comuns no cotidiano de vida. Tal aproximação pode gerar vínculos, compromissos e um olhar mais compreensivo que terão influência em sua atuação profissional. Nesse contexto, a Educação Popular oferece um instrumental teórico fundamental para o desenvolvimento dessas novas relações, “através da ênfase no diálogo, à valorização do saber popular e à busca de inserção na dinâmica local” (VASCONCELOS, 2001, p. 14) pelo resgate histórico e pelas memórias das comunidades, tendo a identidade cultural como base do processo educativo e compreendendo que o “respeito ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural” (FREIRE, 1999, p. 86).

Os processos educativos, além de atos de conhecimento, devem possuir não apenas conteúdos, mas atos da razão de ser de fatos históricos e culturais, bem como políticos e sociais (FREIRE, 1999). Identifica-se, como nas falas a seguir, a mudança decisiva da importância de saber a história de cada comunidade na relação do ACS com as famílias, pois há o entendimento que o ACS passa a dialogar sobre diferentes dimensões da comunidade, não tendo sentido restringir as visitas apenas para um acompanhamento daquela família.

A importância das memórias da minha comunidade gerou também esse respeito de que, as coisas são muito plurais então, se a tua mãe te fala uma coisa, que é uma pessoa importante para ti, eu não vou te dizer olha, fulana minha mãe me dizia tal coisa. A

história do povo vem trazer muito essa coisa assim, ou se não eles vêm e te contam, quando eu era pequeno assim, assim, então tinha muita gente de idade, muito idoso. Na minha microárea as pessoas falam muito aquelas histórias antigas, e quando eu era bem novinha a minha mãe me deu o casamento com o fulano, e aí tu vai entendendo as coisas do ciclo que vem vindo, e às vezes esse ciclo continua e hoje a filha tem 15 anos e já está casada com um homem, que tem que sustentar ela que vai criar o filho então tudo tem um por que tem uma linha de continuidade, o fio da miada e aí tu puxa aquele fio e consegue entender as situações da comunidade em que tu vive. Aí tu vê, ah, essa situação é horrível, porque essa pessoa está aqui, porque ela viveu a vida toda assim, não te como modificar, tem como chegar e dizer olha fulana não é para ti vim assim, não. Então a partir da Educação Popular e dessa importância da gente conhecer onde vivemos, as histórias da nossa localidade, tu tem como dizer um argumento que aquilo ali pode acabar ali, pode terminar, e que não é bom para ti, não foi bom para ti e não vai ser bom para tua filha, não é bom para tua neta, muitas gerações... é fantástico, essa parte de memória para a gente entender esses processos que as pessoas vivem, principalmente isso... desses ciclos de vida das pessoas e de como as comunidades se organizam. Eu acho que isso é essencial para a gente cuidar na saúde e hoje, para mim faz toda uma diferença entender porque tal família continua fazendo tal coisa. A gente não se restringe mais a visitar só para fazer o acompanhamento da rotina, sinto que após conhecer mais tudo mudou (ACS Educanda(o) 5, Entrevista).

A Educação Popular parte do entendimento que a produção histórica e social produz conhecimento. Sendo que as experiências anteriores são necessárias, como se fossem ponto de partida para a construção de novos conhecimentos, fortalecendo o sentido de coletividade, pertencimento. “No trabalho, na vida social e na luta pela sobrevivência e pela transformação da realidade, as pessoas vão adquirindo entendimento sobre a sua inserção na sociedade e na natureza” (VASCONCELOS, 2004, p. 71).

[...] muitas coisas que eu não sabia, e também o levantamento da nossa área nos fez a gente saber muita coisa, que a gente não sabia. A gente imaginava, mas foi muito bom, a gente ter feito o resgate histórico, para gente conhecer a nossa própria comunidade, lá antigamente e que faz refletir no que a comunidade é hoje. Desde a forma como as pessoas se relacionam até o motivo que elas, muitas vezes, não querem nos receber (ACS Educanda(o) 6, Entrevista).

O processo de reconhecimento da história das comunidades que aconteceu no decorrer do curso foi evidenciado pelos ACS participantes como significativo para o entendimento do modo de viver e de se relacionar em cada comunidade, tanto antigamente como atualmente. A “bagagem” trazida por cada pessoa deve ser compreendida e respeitada, principalmente pelos profissionais de saúde que adentram as residências nas comunidades. As pessoas do território vão criando regras, organizando-se de uma forma ou de outra, estabelecem regras sociais não escritas, “mas que todos as reconhecem, porque as pessoas do território as entendem e também se submetem a elas” (MONKEN; GONDIM, 2016, p. 110).

Isso a gente de como a gente é aqui e agora e como a gente começou. De tudo que começou aqui nesse chão. Esse levantamento da história fez tu entender algumas coisas que, tu não conseguia entender o porquê, tipo religião mesmo. Antes eu não entendia o que a gente sabia que tinha! A benzedeira, alguns anos atrás tipo 10, 15 anos atrás tinham muitas e hoje em dia aqui quase não tem mais. Também, entender por que as pessoas gostam tanto de tomar chá, por que as pessoas, sabe, tem essa cultura ou aquela cultura, então isso foi muito bom! E, foi para gente resgatar e acabar conhecendo essas pessoas, até porque a gente tem uma visão maior, das próprias pessoas, porque que as pessoas não entendem o que a gente fala, mas é da própria cultura e o EdPopSUS fez a gente ter esse olhar, que as pessoas não entendem e é da própria cultura delas e, a gente tem que entender elas, o conhecimento que elas têm, e a bagagem delas e isso tem que ser respeitado, isso é o respeito com o próximo. Isso faz a gente respeitar muito mais agora e ir com mais calma quando as pessoas não entendem as coisas (ACS Educanda(o) 7, Entrevista).

Eu acho esse assunto das memórias rendeu bastante assim, rendeu bastante eu digo porque a gente conversava, quando vai na casa, conversava, aí a gente se liga, parece mentira porque às vezes a gente faz o trabalho diário e aí, eu sempre perguntava o porquê para os mais velhos, eu perguntava as coisas para comparar com o que os outros tinham me dito para ver se estava certo! E eu também, assim como as outras ACS, eu nunca tinha perguntado para ninguém sobre a verdadeira história do bairro. Eu descobri agora, que foi em 70 que o bairro foi fundado, e que a Escola foi fundada em 77, aí eu ia perguntando como é que era em cada visita que eu ia fazendo, que antes eles tinham a associação de moradores do bairro, como é que se formou, por isso que eu disse que rendeu muito e foi super importante. Até para as pessoas que eu visitava era importante porque elas iam se reconhecendo como importantes moradoras do bairro e isso fazia a diferença para a comunidade. Tinha assunto para muito tempo, com as pessoas, conversar sobre isso, sobre o bairro, as histórias, as memórias... e aí eles começavam a conversar nas minhas visitas e, no grupo de artesanato a gente também conversava porque tem as mulheres e muitas idosas, e a gente trocava experiência! Eu perguntava e conversava, e elas ficavam lembrando que quando vieram para cá, tinham poucas casas, tinha muito campo, tudo era campo, e tinha até aquelas cacimbas sabe para tirar água. Não tinha água encanada, não tinha luz, não tinha nada, mas como não tinha quase casa eu acho que a água era outra. Até hoje eu conheço 2 cacimbas que tem aqui, 2 cacimbas que tem aqui que eles conservaram entendeu, eles não fecharam sabia, e eu descobri através dessas conversas e foi muito bom, porque nem eu sabia e eu moro aqui desde 77 e 75 ou 77 agora não me lembro bem! E, eu não sabia como que tinha sido fundado, eu não sabia, aquilo mexeu muito comigo e com a gente, é e aí depois poder conversar com as pessoas e contar e aí as pessoas ficam sabendo, então é bem legal, assim, o vínculo. Eu vi que depois desse trabalho as pessoas me enxergam de outra forma, parece que a gente se vinculou mais com as pessoas e com a história da nossa comunidade (ACS Educanda(o) 8, Entrevista).

Ao analisar as falas é possível perceber que os ACS nem sempre possuíam o conhecimento sobre as memórias das comunidades que atuavam, o que lhes trouxe grande surpresa, mas também permitiu o estabelecimento de vínculos entre os moradores locais, dando sentido às relações sociais comunitárias. São relações sociais vividas no cotidiano que fortalecem o sentimento de pertencimento ao território coletivo. Têm potência para a construção de processos de apoio social, potencializando os saberes locais, por meio de pessoas que realizam

práticas populares, criando uma rede de cuidado em saúde, de promoção da vida e de estratégia de sobrevivência (MONKEN, 2008).

Eu gostei de saber como é que tinha sido criado o bairro, e a cultura daqui, só tinha 1 igreja, só 1 igreja católica na época, seu Edson falou, não tinha luz, não tinha nada, era só combro de areia. Essa parte aqui (aponta para a frente da UBSF) não tinha nada, nada! Nem carro andava aqui porque era muito combro de areia, e os mais antigos como ele disse que vieram para cá, em 1970, 1960, 60 e poucos uma coisa assim, porque ele já é bem antigo, tem 80 anos, e ele disse que todo aquele povo ali pegou essa rua. Os mais antigos da vila que ainda tem um aqui outro ali, sempre tem, os mais antigos pegaram essa parte aí (apontando para outra rua perto da UBSF), que foram os que, eu consegui fazer as entrevistas e me contaram sobre como vieram e como vieram para cá. Fico pensando que a gente não consegue fazer muito grupo aqui na unidade e pode ser esse o motivo das pessoas serem muito isoladas, acho que até egoístas. Mas, ficar conhecendo um pouco mais ajudou bastante para eu pensar mais coisas quando vou nas minhas visitas (ACS Educanda(o) 9, Entrevista).

Eu adorei fazer e saber mais da onde eu atuo como agente. Tinham coisas que eu não tinha ideia e, hoje, quem nos pergunta a gente também pode passar certas informações, para os mais novos, que a gente já está ficando velinha, então sempre tinha aqueles curiosos e aí quando eles perguntam a gente pode falar tudo o que a gente sabe. Porque o trabalho do agente também é esse de multiplicador de conhecimento não ficando apenas na visita para acompanhamento, é nossa função essa de informação então a gente pode fazer isso realmente (ACS Educanda(o) 10, Entrevista).

O resgate das histórias de cada comunidade e a compreensão da dinâmica interna, de como a vida acontece, fortalece o vínculo entre aquelas pessoas que vivem no mesmo lugar, sendo importante a compreensão desses movimentos para uma comunicação de qualidade e efetiva entre as partes. Na concepção ampliada de saúde, é fundamental considerar as memórias de cada lugar, assim como de cada pessoa, a fim de valorizar e potencializar cada espaço como importante para reflexão de cada ação. Para Scliar (2007), saúde é fenômeno histórico e cultural, sendo fruto das relações humanas com o meio em que se vive logo, investigar as memórias auxiliam na atuação dos profissionais de saúde, como também no entendimento do processo saúde doença, conforme é identificado nas falas abaixo que a história pessoal e coletiva modificará o processo de cuidado.

Então, sempre é importante o resgate da onde estamos trabalhando, porque por mais que eu tenha nascido e me criado aqui, quando tu começa a investigar as memórias, tu sempre vai pegar uma história, até com a tua mãe com o teu avô, tua avó, que tu vai perguntar, nossa tenho histórias do arco da veia, coisas que tu acaba descobrindo, por mais que tu tenha te criado aqui, que são coisas que tu, que tu vai te apaixonando mais ainda que é a tua raiz. Tudo isso vai ajudar no meu trabalho de ACS, na verdade bastante, assim muito porque a gente vai aprender que a história de cada um modifica o processo de cuidado (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

É muito importante a gente saber da história da nossa comunidade, porque na verdade como eu te falei tinham coisas que até algumas eu já sabia e não estava lembrando mais. Com esse resgate, parece que deu um ânimo para gente ir atrás dessas coisas. Não tem certo e errado. Hoje, depois do curso também, tem umas casas que eu chego que são bem difíceis, mas às vezes eu falava para Enfermeira alguma coisa, e ela me dizia não dá para aguentar assim e assado, mas a gente não pode mudar a pessoa, a família. É o jeito deles viverem. E, só agora que eu comecei a entender isso, antes eu tinha vontade que eles fossem que nem eu, se ta uma manchinha de sujeira aqui já tem que trocar... tem que ser do jeito deles e a gente vai aprendendo junto, principalmente a respeitar que cada um é um e eles são felizes assim, a gente acha que não, mas tem que ver o meio termo para poder cuidar em saúde pública (ACS Educanda(o) 11, Entrevista).

Os ACS, ao buscarem e se aproximarem das histórias e memórias das suas comunidades, estão se aproximando das práticas dos cidadãos com quem interagem, abrindo possibilidades da valorização histórica do processo de cuidar. Conhecer o território ‘vivo’ (lugar onde a vida transcorre diariamente) também dá sentido para as pessoas, pois os ACS passam a se aproximar da forma como essas pessoas sentem e vivem a sua saúde, como também a sua vida, contribuindo para entender como as pessoas adoecem e como cuidam da sua saúde. A PNEPS-SUS traz a valorização da história, das formas e expressões culturais, de cuidados com a vida, sendo um jeito de fazer saúde que é acumulado tradicionalmente nas formas populares de cuidar, enquanto prática social (BRASIL, 2013a).

Emergem das narrativas dos ACS, o respeito aos saberes de cada pessoa e família, que foi adquirido ao longo do curso e a partir do reconhecimento histórico e cultural de cada comunidade. Reconhece atores historicamente invisibilizados nos territórios pelo sistema de saúde institucional, como as benzedeadas. O resgate histórico das localidades contemplou a escuta e o saber do outro, fazendo com que a construção de saúde seja percebida em sua integralidade e como pertencente a um determinado contexto social, cultural e histórico.

[...] o resgate da história da onde vivemos traz conhecimento para o meu cuidado em saúde com as pessoas, eu acho que esse resgate histórico, no trabalho, a gente consegue trabalhar as expectativas que eles têm com a gente, o agente comunitário, a gente sabendo o que eles passaram, de onde vieram essa cultura ou aquela, existe um cuidado maior a partir do que eu sei sobre aquela família, principalmente quando se vai passar uma orientação. É, eu acho que a gente tem um cuidado muito maior agora de respeitar a cultura deles? (ACS Educanda(o) 4, Entrevista).

Esse resgate que fizemos me fez perceber que onde atuo é bem diversificado, sendo que em lugares dentro da mesma comunidade é possível ver avanços maior, apoio e participação da comunidade, já em outros lugares ainda se tem uma população fechada com pensamento antiquado e que precisa ser reconstruído. Super importante que pude identificar que é histórico a utilização de plantas medicinais e de algumas curandeiras e benzedeadas, vejo a necessidade de integração dessa população com a minha unidade de

saúde. Fico pensando em quanto o curso fortaleceu ainda mais a importância destas ações de sabermos das memórias de cada bairro (ACS Educanda(o) 15, Entrevista).

Para o cuidado em saúde, é essencial o reconhecimento das características dos territórios como a memória, o ambiente, a cultura, condições sanitárias, características políticas, entre outras, dado que influenciam diretamente a história de vida das pessoas e determinam formas de perceber, experimentar e vivenciar a saúde, a doença e o cuidado (PINTO, 2017). Isso permitirá que os ACS elaborem em conjunto com as pessoas o processo de cuidar em saúde de acordo com as realidades de cada localidade, respeitando a historicidade, valorizando o passado e construindo valores solidários e éticos com a sua comunidade.

Esse momento pedagógico de reconhecimento das memórias das comunidades foi importante e único para os ACS, estimulando-os a identificarem valores nos conhecimentos ‘populares’ transmitidos pelos ancestrais.

Conhecer outras realidades, como culturas, opiniões e visões diferentes me fez além de rever o conceito de respeito, buscar conhecimento dentro da minha realidade como profissional, na equipe e comunidade em que atuo. Após o término do curso, as orientações na comunidade tiveram outra direção, escutar mais e não criticar o modo de viver e crenças, mas entender e ao mesmo tempo utilizar dos conhecimentos como forma de orientação e promoção. Também, o buscar as origens da nossa comunidade fez entender algumas crenças existentes até hoje e reordenar as formas de orientação. As benzedeadas e as senhoras da pastoral da saúde não possuíam muito diálogo com o serviço de saúde, hoje, após o ter realizado o curso, já verifico avanços e uma aproximação bem maior o que é essencial não só para o meu trabalho, mas para a equipe de Saúde (ACS Educanda(o) 12, Entrevista).

Resgatar o histórico, as memórias e culturas de cada localidade abre-se como uma possibilidade de aproximação da forma como esses cidadãos sentem e vivem a sua saúde. Dessa forma, só há valorização do conhecimento popular a partir do momento em que se reconhece o contexto histórico cultural de cada comunidade. Compreender a história justifica-se, pois somos feitos dela, ao mesmo tempo em que a fazemos. “Fazer história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representando” (FREIRE, 2014, p. 28).

A compreensão das memórias dos territórios, bem como seu reconhecimento do vivido, o lembrado, valorizado e revisitado torna-se fundamental para reconhecer o outro como sujeito repleto de saberes, sujeito cheio de vida e dar o ‘encontro com o outro’, princípio essencial da Educação Popular.

O resgate das memórias primeiro foi uma tomada de mim novamente. Eu já tinha há alguns anos atrás, feito um levantamento da história do bairro, porque isso é função nossa no diagnóstico comunitário para construir a situação de saúde de cada local. Mas já fazia bastante tempo que eu não lidava com isso e a gente vai esquecendo. E daí eu peguei e consegui voltar, fazer uma volta na história de onde atuo e me dei conta que muitas coisas estão influenciando na relação da saúde das pessoas que ali vivem. Isso é importante para se trabalhar as especificidades ou alguma coisa naquela área (ACS Educanda(o) 2, Entrevista).

Isso permitirá que a população, em conjunto com os profissionais da saúde, resgate e elabore práticas populares de cuidado para a construção de uma vida mais saudável, fortalecendo laços e vínculos entre as pessoas do território, enfrentando os problemas e suprimindo as necessidades locais no lugar onde a vida acontece (MONKEN, 2008).

Práticas de cuidado sempre estiveram presentes na humanidade. Rituais de cura como banhos, infusões, rezas, chás, benzeduras, simpatias, orações sempre existiram desde a antiguidade. Dessa forma pode-se considerar que o cuidado é marcado por características sociais e históricas, uma vez que é a partir do que se entende por saúde e por doença que se organiza o cuidado de si, do outro e do coletivo que se insere. Por exemplo, povos tradicionais como os indígenas entendem o processo de saúde doença como algo desde a dimensão espiritual, física e coletiva.

É oportuno destacar na proposta do curso, a atividade de campo em que era necessário identificar as práticas de cuidado existentes nos territórios das(os) educandas(os). Essa atividade, também apareceu nas narrativas dos ACS como a importância do reconhecimento para a potencialização das práticas já existentes, bem como o incentivo de outros cuidados em saúde, como reiki, yoga, meditação, dança circular, alimentação natural.

[...] Agora, dentro da unidade eu tenho feito várias atividades de cuidado coletivo e estamos iniciando a parte das plantas medicinais (ACS Educanda(o) 4, Entrevista).

[...] além da gente trabalhar com as plantas, a gente fica bobo trabalhando, e com o EdPopSUS 2, a gente ampliou relógio, a gente fez mais bonito, a gente está trabalhando com a comunidade o herbário de plantas identificando as ativas do bairro, e que pode ser útil para fazer essa questão toda, e fora isso a gente começou a construir a gente chamou de sala energizada, é a nossa salinha lá, a gente está montando ela. Já conseguimos uma maca, tu vê a minha enfermeira ficou sensibilizada com, eu vou falar porque eu falo, ela está, ela se forma semana que vem eu acho de auriculoterapia a colega já tem o Reiki 1 e 2, e não sei mais o que, então assim acabou que a gente tá indo e agora tudo que a gente aprendeu e que a gente tá buscando trazer para a comunidade então agora na quinta-feira que vem vai ser o primeiro encontro com a comunidade para a prática de meditação, de olhar sabe mais para si, no meio da natureza e a gente conforme vai indo isso é mérito do EdPop porque ele nos capacita e faz a gente se desacomodar ali e acaba que a gente vai

dando seguimento, então eu acho que para mim é isso (ACS Educanda(o) 17, Entrevista).

A articulação dos saberes populares locais com o fazer profissional vai incentivando o resgate das práticas populares de cada localidade, tendo grandes possibilidades para as reinvenções de outras formas de produzir saúde nos territórios. Segundo Pulga (2018), a articulação e a construção de novos saberes e conhecimentos é outra característica relevante das caminhadas de cuidado e da EPS.

[...] comecei a levar danças, coisas de plantas medicinais para a saúde e alimentação natural e aquelas coisas todas do saber popular, chazinho, aquelas coisinhas todas dos afetos que falam sempre. Procurei saber quem é que usava plantas, quem não usava! Ah, poder usar essa parte de plantas, eu nunca tinha me envolvido muito assim, eu sabia que tinha muitos idosos que usavam, mas aí depois que eu fui para o curso que eu vi e vivi tudo aquilo! Aí eu comecei a explorar mais essa parte ali na comunidade, em cada visita, em cada conversa que eu faço agora. Ver quem é que estava usando, quem é que tinha sua hortinha, isso aí eu acho que eu peguei bem do curso (ACS Educanda(o) 9, Entrevista).

Nesse sentido, o resgate dos saberes e práticas populares vai se configurando como essencial ao entendimento para um cuidado em saúde reorientado a equidade em saúde. Percebendo que as crenças individuais e coletivas influenciam na forma como as orientações em saúde podem ser mais ou menos recebidas.

As dimensões da ancestralidade, da espiritualidade, da arte, saúde e cultura, dos processos de formação e de participação popular na saúde encontram na EPS a rede que acolhe, que embala e que possibilita a sementeira dessas práticas, saberes e conhecimentos (PULGA, 2018, p. 98).

Os relatos a seguir explicitam o sentimento dos ACS de respeito às individualidades e as opiniões de cada um, sendo essas advindas de pensamentos, cultura ou crença e que serão importantes para a condução do processo de trabalho, principalmente no que tange às orientações em saúde. São diversidades de saberes e práticas que vão construindo uma aprendizagem coletiva.

Buscar as origens da nossa comunidade e os cuidados populares fez entender algumas crenças existentes até hoje e reordenar as formas de orientação em saúde. Além disso, foi muito bom ver como surgiu a comunidade o que hoje não existe mais e os avanços. [...] Agora, estamos iniciando a parte das plantas medicinais. [...] A diversidade de pensamentos, religião, culturas, crenças e orientação sexual, quando nos deparamos com algum desses assuntos devemos sim defender o que acreditamos, mas sem machucar o

outro porque assim como eu tenho as minhas opiniões e crenças alguém também defende a sua. Por isso, o maior legado desse curso para mim foi acima de tudo respeito, respeito aos saberes de cada um e como trabalhar a partir desses saberes da comunidade (ACS Educanda(o) 12, Entrevista).

[...] tu entender algumas coisas que, tu não conseguia entender o porquê, tipo religião mesmo, tu não entender o que, a gente sabia que tinha, benzedeira na, alguns anos atrás tipo 10, 15 anos atrás que hoje em dia aqui quase não tem mais, e porque que as pessoas gostam tanto de tomar chá, porque as pessoas sabe, tem essa cultura, então isso foi muito bom, é foi, para gente resgatar e acabar conhecendo essas pessoas, até porque a gente tem uma visão maior, das próprias pessoas, porque que as pessoas não entendem o que a gente fala, mas é da própria cultura e o EdPopSUS fez a gente ter esse olhar, que as pessoas não entendem mesmo, da própria cultura delas e, a gente tem que entender elas, o conhecimento que elas tem, é a bagagem delas e isso tem que ser respeitado, isso é o respeito, com o próximo. Então, agora a gente está falando dentro da unidade sobre os saberes popular e cada dia que passa a gente conhece mais das pessoas, aprende junto e ensina algo também (ACS Educanda(o) 7, Entrevista).

A partir do entendimento e percepção da construção histórica de diferentes localidades, da prática de trabalho e da realidade vivenciada, os ACS experienciaram o momento pedagógico da problematização. O mesmo emergiu como manifestação do conjunto das memórias juntamente com os atores das localidades, possibilitando não apenas identificar ‘problemas’, mas sim, superar ‘situações-limite’ vivenciadas no cotidiano dos serviços e da vida. Resgatando possibilidades e capacidades para intervir a partir de um olhar ‘histórico’. Tendo a “ampliação do olhar sobre a realidade com base na ação-reflexão-ação e o desenvolvimento de uma consciência crítica que surge da problematização permitindo que homens e mulheres se percebem sujeitos históricos” (BRASIL, 2012a, p. 16).

A relação dialética estabelecida no EdPopSUS, não é alheia à realidade, memórias, histórias e saberes, tanto dos sujeitos como do local em que estão inseridos e, corrobora com a reflexão no momento em que passa a ler a realidade, estimulando a capacidade de ação. Impregna sentido à vida cotidiana. Demonstra que é partindo da conexão do ser humano com a realidade que compartilha suas vivências e práticas de criação, fomenta, assim, a humanidade. Na proporção que produz, que determina e recria, transforma a ‘história’ e os seus períodos (FREIRE, 1997).

Ontem, no início do curso, a Educação Popular adotada buscava perspectivas que resultassem em aprendizagens político-culturais. Hoje, no fim do curso, a experiência com a Educação Popular como processo educativo e o fazer em movimento/fazer em ato, significou não apenas sua consolidação, mas também a concretização de uma abordagem educativa que, em certo sentido, já estava desenhada nos primeiros encontros: a busca pela libertação, nas formas de

interação com as comunidades. Libertação que sendo um conceito central do pensamento freireano está intrinsecamente ligado à conscientização (STRECK; REDIN; ZITKOSK, 2018). Caminhou nessa direção o entendimento de que o curso devesse ir muito além de um conhecimento puramente ‘mecânico’, de capacitação técnica, pois não bastaria pensar diferente, mas sim, fazer diferente. Uma proposta que trouxe a necessidade de lutar contra diversos tipos de verticalismos, autoritarismos, hierarquias, irracionalidades, explorações e desumanizações (CRUZ; PEREIRA; ALENCAR, 2018).

Um treinamento técnico baseado na transmissão de conhecimentos, da chamada "mão de obra especializada" dos ACS, limita a construção da consciência crítica e acaba reproduzindo a educação hegemônica na realidade brasileira (CECCIM, 2005). Uma “educação hegemônica excludente e autoritária, direcionada a reafirmar a sociedade como aí está” (CRUZ, 2015, p. 131). Assim, a intencionalidade pedagógica de utilizar os fundamentos da Educação Popular no curso procurou contrariar esta lógica.

O conhecimento jamais pode ser pensado isoladamente, um conhecimento em si, ou reduzido a um conjunto de técnicas e métodos que, “sem um referencial teórico, metodológico e político, perdem sua potencialidade” (BRASIL, 2016, p. 85). O que não significa que técnicas e métodos não sejam relevantes no processo educativo, mas desde que haja intencionalidade com qual objetivo se faz uma roda ou uma dança circular, por exemplo. Observa-se, pelos relatos, que os ACS perceberam os conhecimentos de Educação Popular como um ato criador. Aceitavam e reconheciam que seu papel não poderia ser prescritivo, entendiam também os procedimentos metodológicos coerentes com esses princípios. Porém, no início das práticas do curso, houve resistências condicionadas por sua posição ou pela educação formal, muitas vezes autoritária que receberam insistiam na transferência mecânica de seus conhecimentos, reduzindo as comunidades a depósitos de seus saberes. Trabalhar esses ditos ‘erros metodológicos’ exigiu revisar e revisitar seus condicionamentos e sua compreensão histórica. História que também é poesia e não pode ser compreendida fora da paixão, fora do amor, da fraternidade, fora do desejo e do sonho. E, foi esse o sentimento que os emprenhou nas saídas de campo, ora observando a luta diária dos assentados ora percebendo a ausência de realidade dos confinados em um mundo paralelo.

Tais percepções sugerem pensar o curso como o ‘começo de algo que já começou’. Começou quando os ACS assumiram as primeiras posições, os primeiros entendimentos, as primeiras (re)elaborações sistematizadas do processo de ser e estar no mundo e com o mundo.

Quando se abriram às comunidades com as quais dialogam e não prescrevem. O curso foi o desdobramento de um processo vivencial que é um processo político, social, amoroso, libertador e profundamente pedagógico.

Esse adentramento da realidade social, histórica e cultural das comunidades trouxe aos ACS o direito de conhecer. Conhecer o que já conheciam e conhecer o que ainda não conheciam. Conhecer melhor o que conheciam foi revisitar seus saberes eruditos e, conhecer o que ainda não conheciam foi encontrar o que se chama de saber popular ou ‘saber menor’, mas jamais menos importante. E, o mais formidável, compreender que esses dois saberes precisam complementar-se. Não são antagônicos, mas sim, representações concretas da realidade, que são desveladas pela oralidade na conversa ‘com’ o outro.

6.4 (RE) CONSTRUÇÃO DO TODO: A IRRADIAÇÃO DESSA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM

Cirandê, cirandá
Nessa roda eu também quero entrar
Cirandê ciranda
Pari passu nos teus braços rodar
Tu me ensinas, que eu te ensino
O caminho no caminho
Com tuas pernas minhas pernas andam mais
(JOHNSON SOARES, 2008¹²)

O processo de aprendizagem do EdPopSUS fez emergir os fundamentos que orientam a profissão de ACS. Esses foram estruturados e influenciados pelas propostas internacionais para a Atenção Primária à Saúde, a partir de 1970. O Brasil começou a ter base em experiências comunitárias chegando a ser estruturado no Ceará, em 1987, como uma experiência exitosa na promoção e prevenção da saúde (BRASIL, 2004a). O ACS tem como uma das suas atribuições profissionais principais as visitas domiciliares, significando não apenas entrar nas residências e preencher formulários, mas sim entender a dinâmica familiar, suas dores, seus problemas, condições, riquezas. Ainda, nesse entendimento e percepção frente ao que encontra, costuma cumprir um papel educativo, de trazer informações básicas e técnicas sobre doenças e tratamentos, mas também faz um diálogo de aprofundamento da compreensão de todos acerca da realidade em que vivem, e sobre os problemas que devem ser enfrentados, individual e

¹² Música de Johnson Soares. CD das Cirandas da Vida, 2008.

coletivamente. É um educador popular em saúde que compreende a realidade vivenciada e auxilia no processo de mudança.

O EdPopSUS fez diferença porque alguns colegas às vezes não tinham essa vivência, assim de como, é que eu vou te dizer, essa vivência do popular verdadeiramente. Assim, eles achavam que a função do ACS era fazer visita, fazer o cadastro, e essa coisa dos grupos. A questão de valorizar a pessoa, valorizar a família, a história de vida, o território podiam até entender, mas não faziam, e a partir desse curso, eu vi que eu e as pessoas que fizeram, começaram a entender realmente o que que era o nosso papel enquanto agente comunitário de saúde. Não era só aquela coisa parecida toda, de apenas visita e preenchimento de papelada, a gente consegue compreender a realidade e ajudar a mudá-la. Para mim eu melhorei e a equipe que fez melhorou, melhorou bastante [...] (ACS Educanda(o) 11, Entrevista).

Os ACS reforçaram que o aprendizado de como ‘saber fazer’ trouxe clareza ao seu papel educativo e orientador. É um significado que ganha expressão a partir da Educação Popular, oportunizando um processo de ensino-aprendizagem-avaliação marcado pela diversidade de metodologias participativas que integraram o fazer profissional a práticas educativas dialógicas e coletivas, para formar pessoas participantes e não aprendizes sem função social. A educação é, assim, compreendida como instrumento a serviço da democratização, contribuindo pelas vivências comunitárias do grupo e estimulando a consciência de cada um. Corrobora-se com Freire (2006) na ideia de que exercer a consciência é ter clareza do papel exercido no mundo em que “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (p. 30). É o aprendizado em relação à clareza do seu papel enquanto trabalhador da Atenção Básica, o aprender “a ser mais profissional”, com melhor atuação na comunidade.

[...] um aprendizado do curso melhor assim, acho que mais claro do meu papel e de como trabalhar com a minha comunidade. De como implantar projetos que realmente beneficie a todos, de coisas que eles estejam realmente precisando, que faça algum sentido para a comunidade. Eu aprendi a ser mais profissional, como fazer isso que a gente vai pesquisando a história, as práticas, a gente vai melhorando nossa atuação. Se eu não souber como vou fazer um trabalho na minha comunidade eu vou lá e pesquiso nos livros, nos materiais também, isso eu aprendi dentro do EdPop. Conversando, fazendo uma pequena pesquisa e eu vou implantar alguma coisa que seja útil para eles e que esteja dentro do meu alcance, isso ficou bem claro para mim. Ainda, eu acho que fiquei mais sensível, mas uma sensibilidade mais crítica, como era falado. Porque eu sinto, mas eu tenho vontade de fazer algo e ajudar a mudar aquela realidade com meu trabalho de profissional (ACS Educanda(o) 3, Entrevista).

Transformador do processo de trabalho, transformador de vidas, foi assim que ACS perceberam a experiência de estar no EdPopSUS. Uma formação que foi mexendo em cada um que ali estava, gerando sentimentos, saberes, percepções, muitas vezes esquecidas em meio ao cotidiano de vida e de serviço imerso em burocracias e processos de trabalho duros, que não enxergam as pessoas que dele fazem parte. Importante lembrar Freire (2014), que traz a necessidade do exercício dessas características ou atributos humanos tão essenciais às práticas pedagógicas que tenham significado às(aos) educandas(os).

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto da alegria, gosto da vida abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz somente com ciência e técnica (FREIRE, 2014, p. 118).

O curso trouxe significados não apenas para os trabalhadores que lá estavam experienciando o processo educativo, mas também afetou a relação dos ACS com os colegas de equipe, sendo identificado pela gestão municipal como potencializador de práticas democráticas que fortaleceram os saberes locais. O “ouvir” para compreender privilegiou a escuta e o diálogo, princípio básico da Educação Popular. Houve a construção conjunta de um saber, saber emancipatório, caracterizada, conforme Freire (1997), como uma experiência existencial, encontrando-se com a solidariedade da reflexão e ação de seus sujeitos, provocando processos de reconstrução crítico-hermenêuticos constantes.

Foi possível observar mudanças nas relações com os demais trabalhadores, através do conhecimento da divulgação e da disseminação desses conhecimentos do saber popular. Vai-se ao longo do tempo buscando e adquirindo o respeito dos demais trabalhadores porque na verdade há um ‘estudo’ em cima desse saber popular, então a Educação Popular em saúde traz isso, ela traz um histórico de determinada situação, de determinada crença, de determinado saber, então é possível sim observar mudanças com relação aos demais trabalhadores. No quesito respeito eu colocaria, começar a respeitar a questão do saber popular, eu coloco como uma das situações, das mudanças que vejo em destaque, até porque atingindo esse quesito do respeito também é possível observar o aumento na adesão da disseminação das práticas de Educação Popular em saúde, então esta ponderação que eu faço é nesse sentido. É possível observar sim, e a pauta maior no meu ver é a questão do respeito aos saberes populares, aos colegas, as formas como as equipes se organizam. (Gestor 1, Entrevista).

Sobre a relação de mudança da realidade, Freire (1994, p. 30) afirma que a partir do momento que “o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um

mundo próprio: seu e de suas circunstâncias”. A Educação Popular estimula essa reflexão constante do ser e estar no mundo, para que se possa, a partir das experiências e aprendizados, criar e modificar a si mesmo e ao mundo. Reflete-se em um modelo de cuidado em saúde e de gestão que preza pelo fortalecimento da democracia, da participação popular, do exercício da cidadania, da cogestão, a implementação e o fortalecimento do SUS.

Dessa forma, a formação pelo EdPopSUS vem para que os profissionais enxerguem a potencialidade da comunidade e, também, as suas potencialidades, das equipes de saúde e dos serviços. Também, no quesito do fortalecimento do SUS e da cogestão penso que esse reconhecimento como “ser” integrante das equipes (Gestor 1, Entrevista).

O principal do curso, o ponto crucial que eu posso definir em poucas palavras foi o repensar a prática. O que mais para mim trouxe de novidade, que além de mostrar um caminho novo e que esse pode ser feito por várias estradas, foi repensar toda a caminhada percorrida. Fez repensar aquilo que tu já fez. Às vezes a gente se acomoda tanto com um padrão de saber e fazer que a gente desacostuma a pensar o novo. A pensar novamente aquilo que tu faz. E o curso, para mim, acredito que trouxe muito isso, um repensar em movimento (ACS Educanda(o) 2, Entrevista).

Os sentimentos aflorados foram fortalecendo todos que ali participavam, salientando que não somente as emoções pessoais, as quais motivam e animam, mas também o aprendido no coletivo foi necessário para provocar mudanças. Proporcionou a compreensão da participação como um direito e um dever, o retorno e entendimento do seu papel educativo enquanto profissional de saúde e, também, social, assumindo, de certa forma, seu potencial e suas qualidades como um verdadeiro ‘agente comunitário de saúde’, ou seja, um agente de mudanças. Uma experiência que foi resignificando o fazer e estar no mundo, priorizando mais a realidade onde se atua e menos as prescrições – o fazer em ato da Educação Popular, junto com a reflexão permanente, ‘redescobridor’ do seu papel enquanto sujeitos, revalorizando suas práticas e saberes e, retomando o entusiasmo e o ânimo por seu projeto profissional.

[...] eu não tinha imaginado que esse curso ia mudar tanta coisa assim, até na vida da gente, no trabalho da gente, no modo de ver as coisas, porque às vezes a gente está muito acomodada, aí parece que dá uma sacudida. Foi bem assim mesmo sabe, foi para pensar, foi para balançar, para a gente fazer uma retrospectiva, ver o trabalho que a gente está fazendo, e o que a gente fazia, que até algumas vezes já tinha deixado de fazer, mas agora voltaria no caso a fazer! Foi bem, eu achei valido demais assim sabe, foi muito gratificante, para voltar a entender meu papel na comunidade, dentro da unidade e junto das pessoas. Acho que até meu papel no mundo eu entendi! (ACS Educanda(o) 8, Entrevista).

Eu acho que ele veio agregar muito em me reconhecer agente de novo, agente de mudanças, assim, são coisas que a gente já fazia, mas que a gente [...] a parte das

orientações, das visitas, do vínculo com a comunidade [...] como eu te disse trocou experiência com as outras colegas assim, não sei te dizer, mas eu sei que me ajudou bastante! Até fiquei muito entusiasmada porque eu estava bem desanimada! Aí o curso me deu uma animada enorme! Aí eu vi o povo falando, aquele povo lá no MST... ah! Vamos lutar, vamos não sei o quê! Aquilo me deu uma estimulada, porque eu já estava meio “cabisbaixa” aquela coisa toda, coisas do decorrer do trabalho da gente, que acontece assim e assado, e vai desestimulando a gente! E, aí aquele povo, umas com menos, outras com mais garra! Lindo de ver! Aí eu digo: - Não! Vou aproveitar o que está bom e me deu aquele ânimo do trabalho! (ACS Educanda(o) 9, Entrevista).

Esse reconhecimento dos ACS enquanto agentes de mudança não aconteceu no campo exclusivo da saúde, mas como sujeitos de uma sociedade que pode ser transformada, entendendo suas dimensões políticas e sociais. A abordagem educativa é eixo fundamental para a promoção e prevenção da saúde. Da mesma forma, Freire traz que quanto mais a pessoa for capaz de refletir sobre sua realidade, maior condição terá de agir sobre ela, comprometendo-se em mudá-la pelo fato de se sentir inserido, participe e produtivo nela (FREIRE, 2005).

[...] ele mudou meu jeito de pensar, de olhar, uma das coisas que eu sempre digo, que o EdPopSUS, fez comigo foi ampliar a escuta, não que eu não escutasse, mas que eu talvez perdesse certas coisas nesse andamento, e o Edpop principalmente o EdPopSUS 2, ele fez isso, eu escutei mais, por mais que eu falei, eu escutei muito mais do que eu poderia me expor ou falar naquele momento no curso, então para mim ele fez todo o meu diferencial, ele me resgatou, eu entrei para ser agente comunitária em saúde e saí uma agente de mudanças (ACS Educanda(o) 17, Entrevista).

Os gestores têm as mesmas percepções sobre as mudanças na forma de comunicação com os outros e inserção no mundo.

O processo que observei em várias turmas, eu acho que isso é muito importante como a gente viu lá: ‘- então eu sou outra pessoa depois do curso’, - ‘eu sou outra pessoa não só com a pessoa que eu atendo dentro do trabalho, mas também com a minha família, com os que eu mais dialogo mais’. Então, vamos dizer assim, que foi muito importante para muitas pessoas no geral. Isso do depoimento das turmas, eu visitei várias turmas, em Minas é a que eu não consegui visitar turmas, mas eu fui ao encerramento das amostras, e trabalhei com os educadores no meio do caminho em Minas, e a gente via isso, entendeu! Do falar que mudaram em vários aspectos, desde o diálogo, até de perceber sua integralidade com o mundo (Gestor 2, Entrevista).

O fortalecimento do papel do ACS como promotor de saúde foi sendo construído ao longo do EdPopSUS a partir das experiências que aconteciam tanto em sala de aula, como nos territórios das comunidades, nas saídas de campo. Foram experiências que possibilitaram a ampliação do olhar sobre a realidade, com amparo na ‘ação reflexão ação’ e o desenvolvimento

da consciência crítica surgindo da problematização do relatado e do vivido, como pode ser observado no relato da ACS:

A gente teve a experiência fora do EdPop, mas do Mental Tchê (Evento sobre Saúde Mental) mesmo, que eu cheguei lá e presenciei uma palestra em São Lourenço e a moça me desconstruiu totalmente! Acho que aquela ideia do preconceito. O que é preconceito racial? Eu não sabia nada mesmo sendo agente e tendo formação superior. Eu baixei minha cabeça, botei a minha linha no saco e fiquei quietinha ali, ouvindo o que ela tinha para eu aprender. Esse escutar e calar a boca e dizer assim, agora é o momento do outro te ensinar, tem muito a te ensinar, qualquer informação. Ou ainda, não precisa ter informação nenhuma! Então essa escuta do outro foi, muito, muito vital, assim para mim! De calar minha boca um pouquinho e vai, escuta que ele vai te ensinar! Aí tu vai ver o que tu vai aprender dele, para tu aprender a te fortalecer no teu trabalho de ACS, na tua vida, nas tuas relações, em tudo, e isso, até teu argumento melhorar para que tu possa repensar tudo e fazer diferente e melhor do que vinha fazendo (ACS Educanda(o) 5, Entrevista).

Os processos de ‘aprendizagem no vivido’ relatados pelas(os) educandas(os) refletem que o pensar e as ações foram construídos coletivamente, trouxeram debates e constituíram uma rede de significados, provocando mudanças e incorporando o “saber de experiência feito” das(os) educandas(os) na perspectiva freireana. Percebe-se, assim, que a concepção de educação desvelada pelo processo de Educação Popular é permeada de intencionalidade transformadora e de componentes metodológicos que alcancem esse horizonte, principalmente com a incessante construção coletiva (CRUZ, 2018). Os ACS relatam que se sentiram “encantados” pelo curso, “à vontade”, sendo acolhidos e valorizados nos seus saberes e auxiliando, com isso, na sua transformação.

[...] eu já me encantei na chegada assim, porque a melhor coisa que tem é tu poder te sentir a vontade de falar coisas, isso em um curso a gente nunca se sentiu, o agente comunitário nunca teve vez e voz, e ali não é aquela história, a porque vocês são muito importantes é claro que o agente comunitário, é a base, se tu não tiver ali para levar o problema para a unidade, a unidade não vai saber do problema. Depois é muito bem resolvido é, mas porque a gente levou, essa história a gente escuta o tempo todo, mas no EdPopSUS não! É de tu poder chegar numa capacitação, daqui a pouco te fazem uma pergunta e tu responde ainda uma bobagem porque tu nem entendeu a pergunta, mas tu não ser criticado e aquela tua colocação ser acolhida e explicada [...] eu vejo a Educação Popular da maneira mais simples possível e como eu amo as coisas que são simples é por isso acho que eu me encanto com a Educação Popular e que esse curso transformou a minha vida desde o primeiro dia (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

As narrativas dos ACS e gestores sobre o EdPopSUS e suas repercussões são carregadas de aprendizados e potenciais para a aprendizagem não apenas do mundo natural, “mas a complexa teia de símbolos, de sentidos e de significados que constituem o mundo” (BRANDÃO,

2005a, p. 86). Nesse contexto, o curso oferece um instrumental teórico baseado na Educação Popular que é fundamental para o desenvolvimento de novas relações, pela ênfase no diálogo, na valorização do saber popular, das pessoas e suas falas (VASCONCELOS, 2001) e compreendendo que o “respeito ao saber popular implica necessariamente ao respeito ao contexto cultural” (FREIRE, 1999, p. 86). É um trabalho de escuta ativa de compartilhamento de saberes em que todos têm o poder de falar, bem como a abertura ao outro e ao mundo, ocupando o lugar de partícipes da produção do conhecimento de seres que se sabem inacabados e que se abrem ao mundo e aos outros em busca de explicações, reflexões e respostas. Concebe o diálogo como essencial e como ato, que, partindo da escuta do outro, permite ser transformado (LINHARES, 2007).

O EdPopSUS ele te abre a mente, te esclarece, a, coisas que tu nem imagina, que é do teu cotidiano e que realmente às vezes a gente não trabalha por não saber como, então eu acho que foi muito bom, gostaria de fazer outro (ACS Educanda(o) 3, Entrevista).

No EdPopSUS tu poder ser escutado como um ser humano de que não está sabendo de tudo, mas com carinho, com atenção e com respeito e depois tu ir aprendendo com o que as outras pessoas então falando e compartilhando dentro do coletivo. Isso foi inesquecível e transformador. Levo para a vida o respeito e o diálogo respeitoso que transforma quem nele está inserido (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

Ainda, para a gestão foi bastante positiva e volto e reitero que a adesão dos servidores e colegas trabalhadores do SUS demonstram o sucesso, então justamente por ser algo que permeia o dia a dia dessas pessoas. Torna-se prazeroso, torna-se agradável, torna-se atrativo pela aplicabilidade diária no ambiente de convivência dos trabalhadores do SUS. Vejo mudanças nos colegas que presenciaram essa experiência, principalmente em relação ao diálogo. Parece-me que se posicionam mais, se colocam em fala, sabem reivindicar mais o que pensam e querem (Gestor 1, Entrevista).

Os debates e vivências no curso foram propiciando análises sobre a atuação dos ACS, sobre os efeitos em suas práticas educativas e profissionais, favorecendo a construção de uma visão crítica sobre essas e a compreensão da proposta de Educação Popular. Os gestores destacam que o curso fez emergir mudanças significativas no âmbito da postura profissional dos participantes, desde o estímulo à fala, ao diálogo, ao posicionar-se no mundo. Nessa experiência, a subjetividade, o afeto, o compromisso, o diálogo, a pluralidade cultural, começaram a ganhar maior centralidade, repercutindo entre as(os) educandas(os) e sendo percebida pelos seus pares (MORAIS; VASCONCELOS, 2018). Os gestores participantes evidenciam a “construção de pessoas” esclarecidas, com criticidade e emancipadas. Pessoas que possuem respeito ao dialogar,

favorecendo a comunicação, transformando os participantes do curso e que vão ‘(re)transformando’ o todo.

[...] ele foi de uma certa forma o resultado que se esperava, que é a construção de pessoas com mais clareza. A gente vê que mexeu assim, que mexeu no ‘caldeirão’, uns do caldeirão já saíram mais prontos, até porque entraram mais prontos e outros que estavam muito crus vamos dizer assim, muito, muito dentro do sem essa capacidade crítica do cotidiano, estão fazendo essas descobertas após o curso (Gestor 2, Entrevista).

[...] as pessoas nos diziam isso em geral, primeiro me reconheço como sujeito, eu acho que essa é uma das questões, esperadas, porque na perspectiva Freireana, você dialoga com os sujeitos, então a gente é isso que estávamos discutindo no final do grupo, que essas práticas pedagógicas, ela é uma questão bem importante, de fazer circular a palavra e o respeito a palavra do outro (Gestor 4, Entrevista).

Acho que o que superou foi a questão do empoderamento dos participantes da importância do seu papel na equipe e na comunidade. Este curso favorece esse trabalho das pessoas porque as pessoas começam a se comunicar melhor, tem um resultado, tem o movimento dentro da comunidade tem o movimento no posto, tem com os idosos... Tu começa de uma certa forma fazer um movimento que gere inclusive satisfação para o trabalhador, eu acho que o curso transformou os participantes, que de uma certa forma retransformam o todo. (Gestor 3, Entrevista).

Um processo educativo referenciado pela Educação Popular, como propõe o EdPopSUS, busca a construção de diálogos horizontais, sem verdades absolutas e absolutismos. Dessa forma, o curso também perpassa um projeto popular de sociedade, que combate o vício do autoritarismo em todas as formas, incluindo as do saber. Ser popular e democrático é não excluir ninguém. É findar o entendimento que alguém conduz alguém na busca de outra sociedade. Ou seja, entende-se que ninguém é o dono do saber, ou da revolução, muito menos da verdade (MELO NETO, 2002).

‘Qual o sentimento que afeta quem participa das rodas de Educação Popular?’ Esse questionamento é fundamental para compreender o significado de uma vivência em Educação Popular. É preciso entendê-lo, compreender o que gera nas pessoas, como as tocas. A confiança, a paciência e o prazer em aprender coletivamente foram sentimentos que se desenvolvem continuamente no processo de aprendizagem dos ACS no curso.

Tu vai mudar, de alguma maneira vai te tocar em algum lugar, no coração principalmente, na maneira de ser, tu vai mudar, tu vai ter um outro olhar, às vezes eu vejo algumas atitudes de alguns colegas e digo poxa se ele estivesse lá ele teria mudado como eu mudei, e é verdade, é isso aí. Muito prazeroso ter feito o curso (ACS Educanda(o) 14, Entrevista).

[...] vem a questão do olhar, outro olhar sabe, eu fiquei com mais leveza, eu fiquei com mais paciência, eu sempre fui uma pessoa bem paciente, mas tinham coisas que me falavam, que eu pensava será?! Aí, eu fico pensando, mas eu estudei justamente para ver o que houve lá atrás e trazer até aqui o motivo daquela pessoa, e com o curso eu vi que tem que ter paciência, tem que ter um outro olhar, tem que conversar, tem que olhar no olho, e isso foi muito bom para mim, eu cresci muito, muito mesmo (ACS Educanda(o) 13, Entrevista).

[...] no final eu sai de lá assim como que eu vou te dizer, fortalecida e com experiências que eu nem imaginava, que existissem e que iriam me afetar como ser humano. Meus sentimentos afloravam em cada aula. Eu não conseguia nem me expressar direito antes do curso e hoje consigo ‘sentir’ a vida e demonstrar isso com mais leveza (ACS Educanda(o) 11, Entrevista).

A afetividade é um processo que se desenvolve pelas emoções e sentimentos que nascem e se consolidam no seio das relações humanas. Essa afetividade não se cristaliza somente como importantes emoções pessoais, que motivam, animam, dão sentido ao trabalho e à luta, mas também como amorosidade. Amorosidade aqui entendida como “fé no outro”, acreditando que todos possuem uma significativa sabedoria, que merece respeito, parceria e crença que todos somos definitivamente importantes enquanto sociedade (FERNANDES; PEREIRA; SALVADOR, 2011).

A ‘escuta qualificada’, como aprendizagem significativa, foi evidenciada como um resultado positivo do EdPopSUS. O processo de perceber a ‘escuta’, de direcionar o ‘ouvir’ com atenção buscando entender, compreender e refletir o que o outro está expondo, sem juízos de valor e valendo-se que o diálogo de ver a partir do desnudar das palavras, colocando-se em conjunto com o outro e procurando meios para dar concretude à problematização. A escuta da voz do outro, de forma acolhedora e integral, com empatia e respeito, de forma amorosa e sem julgamentos. Para Freire (2006), é possível identificar a escuta como um caminho, uma atitude, saber da formação e como prática pedagógica do fazer em saúde. Ressalta a importância do “ouvir meninos e meninas, sociedade de bairro, pais, mães [...]” (p. 35). Portanto, a escuta das pessoas que estão envolvidas no fazer em saúde, em todos os níveis, é parte importante do diálogo horizontal, disponibilizando à atenção, à fala e ao gesto do outro. Estar em disponibilidade permanente à escuta é um princípio, um conteúdo da formação humana, conforme foi identificado pelos ACS.

[...] eu acho que a experiência maior do EdPop sempre é tu escutar, tu escutar a outra pessoa, o colega, o trabalho dele, eu acho que o principal é isso, porque se tu não escuta tu nunca vai saber, como ajudar o colega, o problema do outro, o que tu pode trazer de bom, sempre (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

Aquela parte do ouvir eu achei muito importante! Do aprender a ouvir. Às vezes as pessoas, tinham uns que queriam atropelar, mas a gente tem que dar o tempo para cada pessoa falar e a gente ouvir. E a gente tentar entender e mesmo que a gente não concorde, a gente aceita, porque a gente respeita o outro. Aquilo ali foi tão bom no início assim parecia uma coisa do outro mundo, aquele monte de gente chegava, mas eu acho que com o tempo assim, aí todo mundo já entendeu a importância de deixar o outro falar, porque às vezes num grupo é difícil, porque geralmente fala todo mundo junto, aquilo ali mexeu assim comigo sabe. Porque a gente trabalha, porque é pequeno os grupos nas unidades, mas tem que exercitar isso. Mas aquele nosso grupo era um enorme grupo, 35 pessoas é gente, e com muitas diferenças religiosas e tudo, como é difícil respeitar, as vezes eu dizia assim ah, mais isso aí é complicado, para mim é complicado, é uma fumaça é uma coisa, do incenso aqui que eu até tenho alergia entendeu, mas eu consegui tudo lá. Então bah! Foi muito interessante, muito rico, muito bom, eu gostei muito. Aprender a escutar, ouvir e respeitar levarei sempre nas minhas atividades agora (ACS Educanda(o) 8, Entrevista).

Os ACS identificaram como um grande aprendizado do EdPopSUS a escuta ativa que se transformou em diálogo amoroso no sentido de compreensão do que está ouvindo, entendendo a si mesmo e ao outro.

[...] essa experiência que se viveu, dentro dessa educação popular, foi justamente isso, “faça com o outro o que tu gostarias que fizesse contigo”, então olhar o outro bem olhado e fazer uma boa escuta, é aí que tu vai ter respostas e aí vai saber o que até onde ir. A colega [...] depois do curso foi lá e fez o trabalho dela e fez o papel dela, e cruzou ela fez a parte dela, mas marcou naquela família, é como assim o nome não foi importante, mas a ação dela de escutar a pessoa em si que esteve ali num momento que aquela pessoa mais precisava foi lembrada e ajudada (ACS Educanda(o) 13, Entrevista).

Entendi a importância de escutar os outros, me escutar também, porque às vezes a gente fala tanto para fora e não se escuta como ser humano. Então eu aprendi a importância do escutar a mim e escutar os outros. Isso melhorou minha relação em casa, na equipe e está melhorando até nas minhas visitas, porque antes eu achava até cansativo o que as pessoas ficavam falando e falando. Agora eu já presto muito mais atenção mesmo porque tudo é importante, porque é a partir do que aquela pessoa fala que a gente vai dialogando e construindo algo, seja de uma orientação mais de acordo com a realidade dela, seja de pensar em estratégias para a enfrentar e superar algo (ACS Educanda(o) 15, Entrevista).

Ele mudou meu jeito de pensar, de olhar, uma das coisas que eu sempre digo, que o EdPopSUS, fez comigo foi ampliar a escuta, não que eu não escutasse, mas que eu talvez perdesse certas coisas nesse andamento, e o Edpop principalmente o EdPopSUS 2, ele fez isso, eu escutei mais, por mais que eu falei, eu escutei muito mais do que eu poderia me expor ou falar naquele momento no curso, então para mim ele fez todo o meu diferencial, ele me resgatou (ACS Educanda(o) 17, Entrevista).

O processo de ‘ouvir qualificado’, ou seja, a escuta, com atenção, às necessidades, dificuldades e problemas enfrentados, pretende o delineamento e encaminhamento de ações efetivamente direcionadas para a superação dos desafios. O saber escutar contribui também para saber falar com outros, com a equipe, com a comunidade, com as famílias.

Na percepção dos ACS, essa experiência educativa demonstra a descoberta de um mundo com novo olhar, mais crítico e, de certa forma mais amplo. Uma abertura da “mente” para a realidade social e para as desigualdades, compreendendo que é necessário colocar-se na “luta” para a busca dos enfrentamentos aos problemas vivenciados. O questionamento às propostas, a não aceitação passiva, a busca para interpretar a intencionalidade de cada situação cotidiana, o fortalecimento da consciência de realidade. Indo ao encontro do entendimento de Freire de que “a conscientização é um compromisso histórico [...] É a inserção crítica na história e implica que os homens assumam papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (FREIRE, 2005, p. 30).

Muito rico, a troca de experiência, a troca de carinho até, de uns com os outros, aquelas, aqueles momentos que a gente esteve junto, do aprendizado tudo, e aprender algo mais para levar para a comunidade, para o trabalho, com o dia a dia, porque a gente sempre lembra o que foi aprendido. Conteúdo interessante, novo também para nós, algumas coisas, foi muito rico, eu achei bem bom assim sabe, e sair do trabalho ir lá, ter aquela aproximação. Fazer trabalho junto, e aquela interação, hora do cafezinho, e tudo que a gente até passava um pouquinho, até abusava um pouquinho, foi muito legal assim, foi muito bom, as rodas de conversa... elas foram fazendo eu entender que também sou importante. Muito rico também, hoje eu me sinto capaz de lutar pelas coisas do bairro, trabalhar de uma forma mais alerta e atenta, porque antes eu não enxergava algumas coisas e após o curso parece que me abriu a mente para as desigualdades, pré preconceito e até para a violência (ACS Educanda(o) 7, Entrevista)

O resgate da amizade que eu falei antes, o resgate de convivência que aqui dentro se torna difícil, quase sempre difícil, outra experiência a convivência boa com as outras colegas cada um com as suas dificuldades, mas, assim, se formou acho que uma grande família ali entendesse. Uma grande família de resistência que faz a gente querer estar junto e seguir lutando novamente, porque tu sabes que vai fazendo a diferença. [...] na comunidade de estar mais próximo de conversar, de trocar, porque era uma troca de aprendizagem no curso então, eu acho que deixou, deixou muito para mim essas experiências e estou compartilhando com meus grupos, com as pessoas que visito e incentivando elas como a gente aprendeu, que tem que lutar, tem que seguir em frente, tem que se manifestar, fazer passeata, fazer as coisas de forma coletiva para mudar a realidade que estão vivendo e acreditar também que é possível (ACS Educanda(o) 11, Entrevista).

A metodologia problematizadora conduzida ao longo do processo de aprendizagem no curso trouxe um crescimento da perspectiva crítica das(os) educandas(os). Na proposta da Educação Popular, a busca pela conscientização pode vir mediada pelos afetos e cheia de emoções e sentimentos, apresentando-se como uma nova leitura da realidade. Possibilita ‘aumentar’ a visão, saindo do mundo imediato e restrito ao individualismo para um olhar com o todo, partindo do pressuposto de que a realidade social é dinâmica e que é necessário analisá-la criticamente em suas mais variadas facetas e contradições. É a leitura do mundo, que no curso foi impulsionada por sentimentos e emoções, sem neutralidade, nem formas de anestesiar as

consciências. Portanto, o diferencial da Educação Popular não é o sentimento, a conversa, a dinâmica ‘brincalhona’ e os métodos criativos. “O diferencial se encontra na visão crítica – política tanto do processo educativo como de toda a saúde” (WONG-UN, 2014, p. 186).

[o curso] ele vem assim para somar, para acrescentar [...] na realidade assim, o curso ele venho nos proporcionar é um olhar amplo e em todos os sentidos, tanto na área do trabalho e em equipe, como também na sua área pessoal e familiar, em geral com a comunidade, mas muitas vezes a gente assim, questionou e a gente até não se dava de conta que ele só veio fortalecer o nosso trabalho na base, porque nós fazia essa ação popular que a gente lida com a população, bom a gente lida com a comunidade, e aí tu, vai lá no curso, tu enriquece a tua bagagem que é bem isso! Aí o ser a bagagem então eu posso pegá-la e seguir esse trem, eu posso pegar esse trem, porque essa bagagem está aqui, ela veio se apresentar, ela veio somar, coisas que nós já fazíamos, mais enriquecer eu essa bagagem. Dizer assim, eu acho que seria esse fechamento de aumentar a visão, assim mesmo, dentro desse contexto em relação equipe, comunidade, família a gente já tem o nosso olhar que ficou mais amplo é o olhar com outro olhar, posso usar esse termo aí (ACS Educanda(o) 15, Entrevista).

As relações no EdPopSUS foram permeadas por fortes sentimentos, os quais foram expressos em diferentes momentos das narrativas das(os) educandas(os) e gestores. As práticas de cuidado proporcionaram uma sensibilidade intensa, sem abrir mão da criticidade, da lucidez, sem abrir mão da importância da fala, do posicionar-se, do ser e estar no mundo, emancipando-se.

Não sei se não vou falar bobagem, então como expressão existia uma flor murcha naquele jardim e essas flores desabrocharam, a gente se sentiu assim no EdPopSUS. Entendes que deu para sentir bem, e muitas dali, porque muitas já eram empoderadas, mas muitas dali saíram empoderadas, saíram com saber! Entendendo o que eu quero, o que vou buscar, e agora vai ser assim, porque muitas tinham isso consigo, mas muito contido, mas que conseguiram se empoderar depois do curso, mas que agora a gente conversa e ficou assim dona de si. Uma admiração, pelo colega, a gente passou a admirar melhor e mais aquele colega, que tu não via, que ele era assim, então isso aí chegou de tu ter esse sentimento, que todos nós aqui somos falhos, não tem um ser humano que não seja falho, e a gente sempre diz assim, a gente aprende e às vezes pode até estar magoando o outro ou ferindo alguém verbalmente, e muitas vezes tu nem se dá de conta, que tu fez isso! E, isso tudo fez a gente olhar e tentar conhecer. O que fez isso acontecer foram os cuidados que recebíamos e doávamos no curso. [...] Então, esse curso fez ver porque nós, enquanto equipe, se conhece, se gente olha, mas às vezes não [...] e o olhar fez a gente ver o outro, então isso aí dentro do curso de Educação Popular, tudo isso despertou, aflorou mais, porque deu para nós enxergar isso, e isso é bom, porque a gente vai carregar para sempre esse aprendizado e só enriquece a nossa bagagem e a gente vai levando a todo lado (ACS Educanda(o) 13, Entrevista).

A partir daquelas atividades de cuidado, quanto sentimento e coisa boa, não sei o que houve comigo, mas eu me sinto mais forte como pessoa, como agente comunitária, que a gente ficava meio assim para baixo. Agora não, a gente ficava meio para baixo, agora não, a gente levanta fala a opinião e coisa e tal! Isso é o importante também, eu faço parte de uma equipe, então não tinha e acredito que muitas não tinham isso, e isso foi muito bom para nós, e eles sentiram que nós mudamos, que nós temos opinião agora. Que nós somos Agente Comunitária de Saúde sim, e que nos merecemos ser ouvidas sim, que tu tem que nos ouvirem também sim, entendeu, e isso eu aprendi no curso, muito bom (ACS Educanda(o) 14, Entrevista).

Eu estava assim ... a essência tudo ajudava a mexer com o sentimento, coisas que eu sei que eu não tive e não tinha sentido ainda o sentimento aquele gostinho gostoso de ter e de sentir o curso, de viver ele, de fazer com que eu chorasse [...], então, assim, precisei viver a Educação Popular pela segunda vez para mim saber o que era uma Educação Popular eu acho que se tivesse uma terceira vez eu não me arrependeria de ir, de novo, porque foram várias vivências com momentos diferentes, mas que deu para mim conhecer o meu eu, melhor ainda, conhecer o outro, melhor ainda ver as pessoas com outro olhar, não que nós como agentes comunitários em saúde, é o nosso papel olhar o outro, com outro olhar, e saber que por traz de um ser não tem apenas um dedo é todo um ser humano. Eu vi uma frase e não sei onde, que diz que assim “que acima de tudo, antes de ser alguém, apenas seja humano!”, eu vi isso em algum lugar e achei lindo e Educação Popular é isso mesmo, acima de tudo tem que ser humano para poder cuidar do outro (ACS Educanda(o) 15, Entrevista).

É uma educação que dialoga com Wong-Un (2014, p. 187), ao afirmar que “o encontro entre a força das Artes e a Sensibilidade Crítica da Educação Popular rende tão bons frutos. Complementares – embora não isentas de conflitos e mal-entendidos – elas quase sempre se potencializam”.

A Educação Popular, nas suas relações educativas, demonstra-se potencialmente transformadora, permite à pessoa que se conheça, e ao outro, estabelecendo uma formação mediatizada por suas realidades, interesses e saberes (CALADO, 2008). Traz emancipação humana, de maneira solidária, libertária, valorizando de forma intransigente a vida.

[...] eu não tinha imaginado que esse curso ia mudar tanta coisa assim, até na vida da gente, no trabalho da gente, no modo de ver as coisas, porque às vezes a gente está muito acomodada, aí parece que da uma sacudida sabe e faz a gente acordar para a vida. Querer lutar. Valorizar-se e valorizar todo mundo, valorizar a vida (ACS Educanda(o) 8, Carta Final)

O cuidado consigo e com o outro também emergiu como significativo do EdPopSUS, no momento que reitera as práticas populares de cuidado e, também, propicia a experimentação de muitas delas no decorrer do processo de aprendizagem do curso, fazendo que com seja criado uma teia de sentidos para seus participantes. Os afetos experienciados nos cuidados coletivos, como a dançaterapia foi “extraordinário”, nascendo sentimentos marcantes da compatibilidade

dessas causas exteriores com o eu de cada um. Despertando o toque na alma, a paixão de cuidar do outro como gostaria de ser cuidado.

Eu aprendi que tenho que me cuidar para cuidar dos outros também e isso foi indo em todas as aulas, mas a hora do violino com a dançaterapia aquela, para mim aquela aula, foi, foi entre várias, naquele momento para mim foi extraordinário, a hora que eu entrei na sala e vi aquele rapaz, com violino, o violino para mim toca, não precisa nem tocar, só olhar para ele já me dá uma coisa! Eu tenho uma coisa muito sei lá, não gosto de música clássica, me deixa triste, mas ao mesmo tempo me emociona muito, porque eu acho uma coisa muito difícil, acho uma coisa que, que toca muito na alma, e foi fantástico, aquela aula, foi fantástica assim, porque venci meus limites, foi a hora que eu sentei no chão, que hoje em dia eu consigo sentar, eu sento ainda com muito medo mas assim, se tocar um violino eu acho que eu sento, então tem muita ligação, parece loucura mas é muita ligação, com uma coisa e outra e foi fantástico, fantástico porque a moça em si era fantástica ela trouxe para gente uma paz uma coisa que assim, tudo vai dar certo, tudo vai, não tem erro, não tem, a não sei foi fantástico. E isso levo agora para o meu cuidado e também nas visitas, tudo vai dar certo é só sentir e se deixar levar... (ACS Educanda(o) 5, Entrevista).

Algo que teve muito significado para mim foi o cuidado, o cuidar do outro... se completa aí que a gente faz esse processo que é o nosso trabalho de cuidar do outro e por isso que eu digo que Educação Popular é isso, é fora do comum é não sei, até deveria ter que estudar muito mais [...] porque é tão fantástico, é tão fantástico, tu dar esse desfecho, fazer toda essa dinâmica essa descoberta e essa coisa toda, mas aí a gente diz assim, quando a gente está cuidando do outro tu só faz com outro o que tu gostaria que fizesse contigo e essa experiência que se viveu, dentro dessa Educação Popular, foi justamente isso, “faça com o outro o que tu gostarias que fizesse contigo”, esse aprendizado me marcou (ACS Educanda(o) 13, Entrevista).

Algo que posso destacar como importante foram as práticas de cuidado vivenciadas no curso. O corredor de cuidado, a dançaterapia, as danças circulares, os cuidados coletivos e cada ciranda me ensinaram que é necessário esse tipo de cuidado em saúde. O cuidado sem os medicamentos “formais” e um cuidado holístico do espírito, da mente e do corpo que são baseados nos afetos, na troca de energia entre as pessoas. Cuidado que não é especializado de nenhuma categoria profissional, um cuidado popular que qualquer um pode exercer sem medo de errar e tendo a certeza que vai surtir algum efeito, seja imediato ou a longo prazo, mas que ajuda a ter saúde. Um cuidado com paixão que te impulsiona a seguir e a querer transformar tudo que tu toca (ACS Educanda(o) 10, Carta Final).

A arte e as práticas populares de cuidado dentro do curso extrapolaram as questões dos saberes técnicos, indo ao encontro da PNEPS-SUS de ampliar saberes, fazendo com que todos se sintam capazes de cuidar em saúde e fortalecendo o cuidado como uma prática de todos, com uma visão de integralidade, onde ‘cuidar do outro é cuidar de mim, cuidar de mim é cuidar do mundo’. É um cuidado em saúde que enxerga as pessoas, que percebe e vê “os sujeitos em sua inteireza, nas diversas dimensões do viver humano como sua subjetividade, espiritualidade, “artisticidade”, entre outras e como lugar de produção de sentidos novos, e não só daqueles já

prontos, como lugar em que ocorre a mediação nessa produção de sentidos” (DANTAS, 2018, p. 238).

Os ACS perceberam o problematizar e o buscar compreender a sua realidade, sentindo-se capazes e em condições de lutar por seus direitos e por uma melhor qualidade de vida. Decorrendo de uma passagem de uma consciência considerada ingênua para a conquista de uma consciência crítica, capaz de conduzi-los a um processo de libertação. Um processo de busca pela conscientização do ser. Freire (2006) refere que, na aproximação espontânea que o homem faz do mundo, a posição frequente é a de uma posição ingênua. Já a conscientização está associada ao conhecimento crítico da realidade, que implica uma atitude de ação-reflexão permanente sobre essa realidade, visando-se à transformação.

Segundo Vasconcelos (2013), a educação é formação de pessoas mais sabidas. Sabidas no sentido de conseguir compreender e equilibrar com profundidade os sentidos, as emoções, os conhecimentos. O resultado educativo se existisse um indicador, para a Educação Popular seria: “saber se situar bem, de acordo com seus interesses, nos vários contextos da existência. É usar armas adequadas nas lutas por objetivos econômicos políticos, culturais, afetivos, religiosos e sanitários” (p. 32). “É serenidade no modo de lutar” (p. 33). É a formação de pessoas mais sabidas e mais fortes para conseguirem viver em sociedade, para que possam ser tranquilas, sadias e felizes e conviver, de forma construtiva e preservadora, com o meio ambiente físico, humano e espiritual (VASCONCELOS, 2013).

A reflexão sobre o que foi apresentado nessa categoria mostra que os significados que emergiram para cada ACS educanda(o) no EdPopSUS foram resultados de um processo baseado em relações educativas, humanas e políticas, impulsionado pelos afetos, pelos ‘sentires’ em cada percurso e atividade, auxiliando-os a tomar gosto por se posicionar e por lutar por seus interesses, acreditando na força transformadora das palavras e ações (CRUZ; PEREIRA; ALENCAR, 2018).

Paludo (2001) ressalta que a Educação Popular vem da compreensão de um

conjunto de valores éticos/políticos, entre os quais se destacam a autonomia, a democracia de base, a construção de sujeitos populares (bases, lideranças, direções, formação de educadores de classes populares) capazes de articular as próprias histórias de libertação como protagonismo desses processos, a busca por justiça, solidariedade e da vivência de relações democráticas, participativas e transparentes (p. 99).

É importante considerar que o controle do processo educativo define a prática dos ACS. Ele tanto pode exercer seu poder como pode reforçar/potencializar o poder popular. É a forma

pela qual o ACS se apropria desse seu poder (que é político), na relação ‘ACS X comunidade’, que vai definir o caráter de sua prática educativa (que pode ser domesticadora ou libertadora). E, nessa ‘encruzilhada’, suas posições podem tender a privilegiar o aparelho estatal e influenciar sua forma de conceber e organizar o processo. Em outra direção, entretanto, o ACS pode não negar o poder do Estado nem as suas expectativas, utilizando-se do processo educativo popular para abrir espaços (as famosas franjas sociais) às comunidades, criando no aqui e agora, canais horizontais de diálogo, canais de afetividade e conscientização popular, formas de organização que as sustentem, fortaleçam e valorizem.

O significado do EdPopSUS para os ACS esteve vinculado a um rever sua prática profissional, repensando-as, refazendo-as, dando sentido verdadeiro a ser um agente de mudanças e protagonista do seu fazer, o que estava muitas vezes esquecido em meio as obrigações burocráticas impostas que vão tirando o brilho do olhar e a confiança em si mesmo. Ressignificou lugares e posições, fortalecendo a potência do ser de cada um, produzindo sentimentos e sentidos que impulsionam a redescobertas de si e do mundo ao redor.

6.5 DESAFIOS A SEREM SUPERADOS E POTÊNCIAS DESVELADAS

Essa última categoria vem de um exercício de leitura e prática no sentido de transformar as dificuldades e desafios em aprendizados para que fortaleçam a superação das tensões e contradições observadas no processo de aprendizagem do EdPopSUS.

Um dos desafios refere-se ao retorno dos ACS para o trabalho junto as equipes da ESF, após a conclusão do curso, pois não eram mais ‘os mesmos’, não ‘cabiam em si’ e se deparavam com equipes ‘duras’, sem a compreensão do processo formativo e sem o “olhar da Educação Popular” em suas práticas cotidianas.

É que pessoalmente assim, às vezes as pessoas te criticam [...] porque acham que tu enxerga as pessoas diferentes, a um apoia vagabundo outro apoia ‘esses diferentes’ aí! Aí tu chega e a equipe não entende o que tu viveu e o que tu sente a partir de agora, mas aí fiquei com mais empoderamento de me senti com mais respaldo assim sendo sincera assim é não importa o que as pessoas acham, da maneira que eu vou olhar o ser humano, oque importa que eu enxergar ele por completo assim e julgar nesse senti muito assim, isso bem lá no primeiro, no 1 assim, quando eu me encantei com a educação popular (ACS Educanda(o) 1, Entrevista)

Os meus colegas, que mesmo que ele não achasse válido esse curso, que para ele parecesse assim, estranho aí para muitos, ficavam falando que a gente ficava brincando. Uns achando que é um cursinho como qualquer outro. Eles deveriam fazer e que depois que inicia que a gente realmente vê o conteúdo as coisas que se vê é, é muito válido para o trabalho do dia a dia eu recomendaria (ACS Educanda(o) 3, Entrevista)

Ao final de cada encontro era proposta uma atividade conforme o livro didático, [...] porém, quando a gente trazia para a unidade, muitas vezes, a equipe não compreendia o que a gente estava fazendo. Não era sensibilizada. Não tinha o olhar da Educação Popular causando estranhamento para eles algumas atividades que fazíamos (ACS Educanda(o) 12, Entrevista)

A dificuldade de acolhimento da equipe de saúde às ideias do ACS, torna-se um entrave relevante para a implementação da Educação Popular na Atenção Primária, pois esta se dá, sobretudo, nos coletivos e faz parte da educação permanente desses profissionais. Peduzzi (2007) reforça a ideia de que a colaboração e a cooperação entre os profissionais são necessárias para o trabalho em equipe. Discutir e repensar o modo de atuar enquanto ACS, conseqüentemente, refletirá no coletivo de trabalho, implicando em assumir responsabilidades individuais, mas também de equipe, e isso gera desconfortos, uma vez que traz à tona necessidades que exigem uma resposta/ação (MENDONÇA; NUNES, 2011).

Uma das lições apreendidas pelo curso é que propostas de formação devem envolver todos os integrantes da equipe de saúde para que tenham as mesmas oportunidades de experiências educativas. Se a formação ficar restrita a uma categoria profissional, a equipe pode não estar sensibilizada e um estranhamento pode acontecer entre essa equipe e esse trabalhador que retorna a sua prática profissional trazendo inquietações e reflexões. Nesta pesquisa, o retorno dos ACS para o campo de trabalho com ideias e percepções diferentes desacomodaram as equipes, criaram conflitos, mas também um repensar positivo sobre o processo de trabalho. Os ACS relataram que as equipes, com o passar do tempo, “foram percebendo a importância da Educação Popular” para repensar as ações do cotidiano do serviço em saúde.

Assim, lá no início do curso quando a gente trazia as ideias que se propunham lá dentro, a gente acabou meio que gerando um conflito dentro da unidade, aqui na nossa unidade, nas outras eu não sei, foi uma coisa assim, um conflito bem feio, e não foi maior, porque a cumplicidade entre a gente é muito boa, realmente tem uma amizade entre nós aqui dentro, porque se não eu vou te dizer, eu acho assim, se as gurias não me respeitassem o negócio tinha sido pior, mas com o passar, e eu aprendi lá no curso, a ter mais paciência (ACS Educanda(o) 7, entrevista).

EdPopSUS, a gente falava aqui dentro elas brigavam, mas a gente não conseguiu implantar aqui dentro nada, porque esse posto é muita população, a gente não tem um espaço físico para nada nesse posto. Então tenho feito só fora do posto o que eu aprendi, porque aqui dentro não tem como (ACS Educanda(o) 10, Entrevista).

[...] a gente trazia as coisas de lá, as novidades e tinham discussões, porque elas não aceitavam, as coisas que a gente estava vendo, então foi bem polêmico aqui na unidade, mas foi bom (ACS Educanda(o) 6, Entrevista).

Alguns colegas até debocharam escondido quando quis fazer as rodas aqui na unidade [...] (ACS Educanda(o) 11, Entrevista).

Aos poucos a nossa equipe foi entendendo que as coisas que a gente trazia do curso, das atividades até as reflexões e discussões eram importantes para o cuidado prestado a nossa população, mas também melhorar a nossa equipe do posto. No início tivemos conflitos, mas depois elas foram percebendo a importância da Educação Popular para repensar nossas ações. Avaliando, acho que até a nossa relação de equipe, foi melhorando porque teve esse entendimento da Educação Popular em Saúde (ACS Educanda(o) 13, Carta Final).

Trouxe a educação popular e tudo que aprendi no curso para dentro do posto. Isso ficou de aprendizado. Eu acho que aqui no posto foi o novo, trazer o novo para dentro da unidade, e esse novo foi muito bem aceito, mas a gente acabou vendo que mesmo as meninas, eu quero que elas façam o EdPopSUS, porque até hoje não consigo entender porque surgiu tanta polêmica que a gente trazia aqui para dentro, então eu quero que elas vão fazer, tem duas que vão fazer o EdPopSUS comigo, para não sei, para tirar alguma coisa que acho que foi de maneira errada que a gente trouxe, mas esse conhecimento do outro lado do grupo que a gente já trabalhava aqui a muito tempo, e que acabou surgindo essas questões que não tinham surgido em outra possibilidade então eu acho que isso serviu também, para gente se conhecer um pouquinho mais aqui dentro (ACS Educanda(o) 7, Entrevista).

A Educação Permanente em Saúde torna-se fundamental para compartilhar as reflexões e ações que foram surgindo como aprendizados do curso de Educação Popular. O aprendizado de problematizar o vivido vai reorganizando novas práticas em saúde, transformando a própria organização do trabalho, contagiando e sensibilizando colegas e fazendo a roda da Educação Permanente em Saúde girar ao encontro do trabalho em equipe (CECCIM; FEUERWERKER, 2004). A transformação que é algo que desacomoda, gera conflitos, rearranja os saberes e as ações, foi sendo percebida dentro e fora do curso forjando reorganizações, colocando os colegas que não participaram do curso a serviço da aprendizagem e da problematização. É nesse sentido que a Educação Popular dialoga fortemente com a Educação Permanente, pois ambas propiciam a reflexão do fazer em saúde, movimentando-se no sentido do respeito às multiplicidades, buscando caminhos possíveis para resultados responsáveis e implicados socialmente (CECCIM; FEUERWERKER, 2004; MENESES, 2017).

A partir da limitação gerada por um processo educativo onde não houve o envolvimento de toda equipe, a consolidação de práticas de saúde envolvendo a Educação Popular constitui-se em um desafio a ser superado. Isso não significa que o curso não tenha contribuído para uma mudança na concepção de mundo e na prática dos ACS. O que se espera é que a oportunidade seja estendida a toda a equipe de profissionais do cuidado. Os gestores reforçam o papel do curso como potencializador das reflexões entre as equipes de saúde, “repensando o fazer diário e dessa forma melhorando os processos de trabalho em equipe”.

Percebo a Educação Popular como um grande potencializador de um ‘novo’ processo de transformação no trabalho, no campo social e participação no SUS através do diálogo, amorosidade, respeito às adversidades, valorização da ancestralidade e construção compartilhada do conhecimento através da participação e controle social no processo de construção de um projeto democrático e popular em defesa do SUS que queremos e merecemos (Gestor 3, Entrevista).

Eu pude participar de algumas etapas do curso de forma que no encontro que eu participei, para mim foi bastante gratificante, primeiro que é um espaço de encontro entre os colegas profissionais da saúde, é um espaço de troca de conhecimento, é um espaço de meditação, um espaço de pensamento, de reflexão, de defesa do Sistema Único de Saúde. A Educação Popular ela traz para o SUS uma ferramenta importantíssima para o nosso Sistema Único de Saúde, ela é feita para a população em geral, então a educação popular em saúde é um canal, ela é um elo da escuta dos nossos usuários, acho isso importante porque as pessoas vão trazer para nós como está se dando esse método de aplicação da saúde e o que elas conhecem também que podem recuperar determinada situação. Também a vejo como importante no sentido de reorientar o olhar das equipes de saúde com a população e entre eles mesmos, repensando o fazer diário e dessa forma melhorando os processos de trabalho em equipe (Gestor 1, Entrevista).

Nesse contexto, o diálogo Educação Popular e Educação Permanente em Saúde é um desafio para a saúde, mas também uma potência pela possibilidade de articulação com os demais atores, gestão, controle social. Deve ser uma política de ação coletiva, tendo maior articulação e apoio dos demais setores envolvidos. Para tanto é necessária a expansão das atividades de Educação Popular para todos os profissionais da equipe, para que se possa trabalhar de forma integrada.

Mesmo a Educação Popular trazendo modificações no repensar em ato para o grupo de ACS, essa restrição a esse grupo de trabalhadores não contribui para a construção de um novo modelo de gestão mais democrática e participativa. Entende-se que um dos dispositivos de maior democratização seria a institucionalização da PNEPS-SUS enquanto espaço organizativo para ampliar tanto a forma de condução da gestão, quanto para criar um referencial mais próximo dos atos educativos promotores de saúde, fortalecendo-a como uma política pública e não como ação

marginal. A Educação Popular em Saúde não pode ser vista com uma atividade a mais. Ela perpassa uma nova postura de ser e estar no mundo, indo desde a ação do trabalhador à gestão, reordenando a globalidade do serviço (VASCONCELOS, 2018). Segundo Vasconcelos (2001, p. 18-19) “Não basta alguns saberem fazer, é preciso que este “saber-fazer” se generalize nas instituições como um todo, descobrindo caminhos administrativos para a sua operacionalização”. [...] “é preciso construir uma tradição de formação de recursos humanos em saúde orientada pela Educação Popular”.

Por fim, percebe-se que curso propiciou conhecimento quanto à existência de uma Política Nacional de Educação Popular, demonstrando sinais para a implementação da PNEPS-SUS, trazendo “respaldo” ao fazer dos ACS. Reitera-se, entretanto, a necessidade da construção de políticas municipais para sua consolidação nacional e devido reconhecimento institucional.

Depois do curso aqui na unidade a gente passou a ter muito respaldo quanto à Educação Popular [...] em relação à PNEPS-SUS, por exemplo, porque se trabalha com as PICS e com práticas populares de cuidado. A partir disso, e com tudo que aprendemos, então agora aqui é fantástico esse subsídio teórico para o ACS e para as unidades. Mas se eu não tralhasse aqui, me daria um respaldo mais tranquilo também [...] se esse apoio agora da política, então me deixa mais à vontade para poder trabalhar na escola porque o grupo que eu participo é com a escola então ali eu posso também, ter um, como que eu posso te explicar... nos próprios alunos que eu trabalho maneiras diferentes de olhar de cada um e trabalhar com cada um fora de preconceitos, sem demagogia. E eu amo, eu me apaixonei pela Educação Popular na minha vida pessoal porque acaba que no dia a dia tu te envolve, tu passa olhar as pessoas diferente, respeitar diferente, no profissional mais ainda (ACS Educanda(o) 1, Entrevista).

Ele me trouxe, o EdPopSUS ele resgata, vamos supor aquilo tudo que eu te falei dos índios, e dos Sem Terra, o assunto do LGBT, é assim tudo se engloba numa coisa muito boa, muito gostosa e que tu não tem isso, eu nunca tive, eu tenho esses anos todos de serviço e eu nunca tive esse tipo de curso assim, e esse tipo de curso eu não tive entendesse, então para mim foi muito gratificante entendesse o EdPopSUS. E ainda posso dizer que tem toda uma política que respalda isso, que eu posso dizer que estou aplicando no meu trabalho que é a de Educação Popular em Saúde (ACS Educanda(o) 11, Entrevista).

Há que ele é maravilhoso! Ele é transformador! Não existe um agente comunitário em saúde que não tenha que fazer, todos têm que fazer, que vai mudar o conceito deles de saúde, com certeza e já falei aí para vários que estão aí esperando Jaguarão, Pedro Osório e Cerrito, Capão do Leão, e tão tudo querendo... o que posso deixar registrado é que este curso, ele é muito maior do que as pessoas pensam que é só pro dia a dia de trabalho, ele leva para nossa vida, ele leva o que a gente aprendi ali não é pro trabalho, a gente aprende a ser humano, parece assim como eu digo é... até complicado dizer nos tempos de hoje, mas a gente aprende a ser humano a gente aprende a colher, a gente aprende a ter um olhar diferenciado, para as pessoas, a não julgar, a não ter pré-conceitos porque é tão difícil trabalhar com a saúde, e hoje a gente por mais que a gente esteja no século 21, a gente vê que a saúde se perdeu e todo mundo diz, vamos avançar no conceito de saúde, e não avançou, só retrocedeu, e o EdPopSUS, eu acho que ele vem para isso, ele está ali, ele ensina, a enxergar a população que tu está prestando. E aqui o

EdPopSUS está me ajudando a implementar a política de Educação Popular na unidade (ACS Educanda(o) 17, Entrevista).

Nesse desafio de um processo pedagógico que crê no ser humano como transformador da realidade, torna-se essencial uma maior articulação da PNEPS-SUS com a Política de Educação Permanente no cotidiano dos serviços de saúde. A Educação Popular tem muito a contribuir para a institucionalização da Educação Permanente, assim como o inverso também é verdadeiro. A mediação pela afetividade mobiliza o outro e a si mesmo, tendo o encontro e a sensibilidade diante de novas experiências de construção do conhecimento, em práticas efetivamente problematizadoras, despertando para uma consciência crítica, reflexiva e criativa dos profissionais da saúde, da assistência à gestão (CECCIM; FEUERWERKWE, 2004; MENESES, 2017). Processos pedagógicos movimentados pela amorosidade e diálogo, que afetam, tocam, motivam e mobilizam semeiam relações de compromisso social, ético e democrático com a saúde e com a sociedade. ‘Produzindo’ trabalhadores/pessoas “mais fortes, aptos, corajosos e potentes vindo a proporcionar mudanças significativas, em termos de saúde e exercício da cidadania frente às exigências da sociedade contemporânea” (MENESES, 2017, p. 2010). Uma proposta que faz um convite para repensar e

perceber que a educação e o trabalho na saúde através de um modelo de sociedade mais justa e igualitária, que se contrapõe ao econômico-capitalista em que os trabalhadores colocam-se de forma contra-hegemônica. [...] os educadores e as educadoras populares em saúde precisam pautar a política com vários níveis de gestão, em particular com as coordenações que cuidam das marcas da gestão e das doenças prioritárias, mas também com os movimentos sociais (SILVAN, 2013, p. 109).

A caminhada educativa (re)construída, tendo como referencial a Educação Popular, não possui um trilhar único na busca de conhecimentos a partir da formação que faça sentido, que desacomode, que se faça coerente. É uma experiência que deixa marcas que emocionam, que faz sentir verdadeiramente, na integralidade do humano em comunhão com o universo. Busca compreender o que não está visível, a instigar a procurar sempre mais, descobrindo que tem capacidade para se transformar, se refazer e, refazendo-se, transforma o mundo. Incentiva a cada um e cada uma a ter a boniteza como norte, como um horizonte, enxergando de forma diferente, com outros olhos e outras lentes. Mesmo que não exista um caminho ‘reto’ na condução desse processo educativo, há um modo de guiar e pensar essas ações educativas, tendo como foco a transformação social e o educando/sujeito/pessoa. Portanto, esse educando/educanda deve ser

estimulando a olhar para a sua própria realidade e desvelar, ele/ela mesmo, os caminhos mais adequados para agir rumo à transformação. Esse caminhar de reflexão do vivido expressa a leitura da realidade, ou seja, o aprendizado.

7 PRODUTOS TÉCNICOS

A partir do experienciado no Movimento Popular de Saúde pela pesquisadora, e com base nos resultados desta pesquisa vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde (PPG EnSau) – Mestrado Profissional na área da Saúde Coletiva, três produtos técnicos foram constituídos. Esses produtos trazem como marco referencial os fundamentos da Educação Popular em Saúde, tema central da pesquisa e foram desenvolvidos com a intenção de trazer um significado para todos os envolvidos e contribuir com a implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS), permitindo um ‘retorno político’ e ‘organizativo’ da pesquisa realizada ao município de atuação da mestranda.

Produto 1: Planejamento e realização do I Seminário para Fortalecimento do SUS: Movimentos de Resistência de Educação Popular em Saúde, em 23 e 24 de novembro de 2018 no município do Rio Grande, RS

Número de participantes: 78

Participantes (Entidades/Representações): Movimento Popular de Saúde (MOPS), Articulação Nacional de Movimentos e Práticas em Educação Popular e Saúde (ANEPS), Conselho Municipal de Saúde, Conselhos Locais de Saúde, Câmara de Vereadores do Rio Grande, Câmara dos Deputados, Agentes Comunitários de Saúde, Estratégia da Saúde da Família, Vigilância em Saúde, Pastoral da Criança, Saúde População Negra, Equipe População em Situação de Rua, Coordenadoria de Políticas Públicas para as Mulheres, Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, Povos Tradicionais de Matriz Africana, Povos Tradicionais Indígenas, Ong Mãos Unidas pela Vida, Mulheres HIV-AIDS, Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras (RENAFRO), Associação de Professores e Técnicos Administrativos da Universidade Federal do Rio Grande (APTAFURG), Central Única Riograndina (CURG) – central de bairros, Coletivo Alicerce – Pelotas, estudantes Enfermagem e Medicina – FURG, Frente Brasil Popular, Espaço SêMentes.

Programação do Seminário:

**I Seminário para Fortalecimento do SUS:
Movimentos de Resistência de Educação Popular em Saúde**
Rio Grande/RS

DIAS 23 E 24 DE NOV/2018

Local: APTAFURG Sindicato
Rua Padre Nilo Gollo, 76

Organização:
MOPS -
Movimento
Popular em
Saúde

Temáticas:
Fortalecimento da PNEPS/SUS
Fortalecimento das PICS
Fortalecimento dos movimentos
sociais e populares

CONTRUINDO COLETIVAMENTE O MOVIMENTO POPULAR EM SAÚDE!!!

**I Seminário para Fortalecimento do SUS:
Movimentos de Resistência de Educação Popular em Saúde**
Rio Grande/RS

Programação

*Certificado de participação!

***TRAGA SUA CANECA!**

Sexta-feira (23/11)

13h30 - Inscrições

14h - Mesa de abertura: A importância dos movimentos sociais e populares para a resistência na vida
Participantes: ANEPS, MOPS, COMDESCCON, FBP, ALGBT - RG, AUSSMPE, MNLM, ASSOCIAÇÕES DE BAIRRO, ONG MUPV

15h30 - SUS 30 anos Luta e Resistência coletiva
Participantes: Coletivo Alicerce, Conselhos Municipal e Estadual de Saúde

18h - Educação Popular e a Resistência no SUS
Participantes: Educador Popular Jorge Senna (Azul) e Educador Comunitário André Martins

19h30 - Cerimônia de certificação EdPopSUS (traga um lanche para compartilhar coletivamente!)

Sábado (24/11)

9h - Vidas que cuidam da vida: Práticas Populares e Tradicionais de Cuidado
- O cuidado em Saúde Mental (AUSSMPE)
- Tendas do Afeto Popular (MOPS/ANEPS)
- Saberes Indígenas (Liderança Mulher Guaraní)
- Saberes de Matriz Africana (Liderança Mulher Negra)

10h30 - A importância do diálogo na Educação Popular Ambiental (Jussara Franco - MOPS)

DIAS 23 E 24 DE NOV/2018

Local: APTAFURG Sindicato
Rua Padre Nilo Gollo, 76

Apoio:
Aptafurg Sindicato e Conselho Municipal de Saúde

Organização:
MOPS - Movimento Popular em Saúde

CONTRUINDO COLETIVAMENTE O MOVIMENTO POPULAR EM SAÚDE!!!

Imagens das atividades realizadas durante o Seminário:





Produto 2: Proposta de Curso de Formação de Educação Popular em Saúde**Título:**

Curso de Formação de Educação Popular em Saúde

Objetivo:

Formação de multiplicadores em Educação Popular em Saúde

Público Alvo:

Profissionais de Saúde, Movimento Social e Popular, lideranças comunitárias e população em geral.

Carga Horária:

80hs (total), sendo 60h (atividade de concentração) e 20h (atividades de dispersão).

Local e horário:

A ser confirmado

Número de vagas:

20

Inscrições:

Gratuitas e por e-mail mopsrg@gmail.com

Processo de seleção:

Encaminhamento e análise de uma ‘Carta de intenção’ dos inscritos, elencando a motivação para participar do curso e o tempo disponível para realizá-lo.

Metodologia:

Abordagem teórico-metodológica do campo da Educação Popular, utilizando a problematização e leitura da realidade. Utilização de metodologias ativas, como as rodas de conversa, fóruns e

debates. O curso contempla atividades de concentração – todo grupo de educandos reunidos e de dispersão – atividades de campo nas comunidades, acompanhadas pelo facilitador.

Processo de avaliação:

Os educandos serão avaliados pela presença e participação nas atividades do curso e deverão, ao final, planejar e desenvolver uma atividade comunitária de Educação Popular em Saúde. A atividade será a realização a partir de um trabalho em grupo com uma comunidade elencada pelos educandos e apresentado no seminário de finalização do curso de forma oral e artística (teatro, dança, poesia, filme).

Conteúdo Programático:

- Formação histórica da sociedade brasileira – colonialismo, capitalismo, racismo, patriarcado
- Neoliberalismo, crise da democracia e resistência popular
- Território, História e Memória
- Políticas Públicas de Saúde
- Educação Popular como estratégia contra hegemônica
- Metodologias Participativas da Educação Popular
- Educação Popular em Saúde
- Práticas Populares, ancestrais, integrativas e complementares de cuidado
- Participação Social
- Movimentos sociais e populares
- Comunicação e Saúde

Recursos didáticos necessários:

Computador, multimídia, som, papel pardo, folhas de ofício, canetas, lã, linhas, chitas, fitas, cola, tesoura.

Facilitadores/Instrutores:

Integrantes do Movimento Popular de Saúde Rio Grande – ANEPS.

Certificação:

Para o recebimento da certificação, os educandos devem cumprir pelo menos 75% da carga horária total do curso e entregar a atividades avaliativa proposta.

Bibliografia:

- BRANDÃO, C. R. **Aprender o amor:** sobre um afeto que se aprende a viver. Campinas: Papirus, 2005.
- BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. **Encontros e Caminhos:** formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular.** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Ideias e dicas para o desenvolvimento de processos participativos em Saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013.** Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da Educação Popular.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- SCOREL, S. História das Políticas de Saúde no Brasil de 1964 a 1990: do Golpe Militar à Reforma Sanitária. In: GIOVANELLA, L. (Org.). **Política e Sistema de Saúde no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.
- SCOREL, S. **Reviravolta na saúde:** origem e articulação do movimento sanitário. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.
- FIORI, J. L. Globalização, hegemonia e império. In: FIORI, J. L.; TAVERES, M. C. (Orgs.). **Poder e dinheiro:** uma economia política da globalização. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.87-147.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GALEANO, E. As veias abertas da América Latina. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências.** Tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. Brasília: MMA, 2006.
- MONKEN, M. Contexto, território e processo de territorialização de informações: desenvolvendo estratégias pedagógicas para a educação profissional em saúde. In: BARCELLOS, C. (Org.). **A geografia e o contexto dos problemas de saúde.** Rio de Janeiro: ABRASCO/ICICT/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2008. p. 141-154.
- PALUDO, C. **Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.
- PEDROSA, J. I. S. Educação Popular no Ministério da Saúde: identificando espaços e referências. **Caderno de Educação Popular e Saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

Produto 3: Proposta de diretrizes para o estabelecimento da Política Municipal de Educação Popular em Saúde

**PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA O ESTABELECIMENTO DA
POLÍTICA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE (PMEPS)**

Considerando a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências;

Considerando o Decreto nº 7.508, de 28 de junho de 2011, que regulamenta a Lei nº 8.080, de 1990, e dispõe sobre a organização do Sistema Único de Saúde (SUS), o planejamento da saúde, a assistência à saúde e a articulação interfederativa;

Considerando a Portaria nº 3.027/GM/MS, de 26 de novembro de 2007, que aprova a Política Nacional de Gestão Estratégica e Participativa no SUS (PARTICIPASUS);

Considerando a Portaria nº 2.761/GM/MS, de 19 de novembro de 2013, que institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do SUS (PNEPS-SUS);

Considerando as Conferências Municipais de Saúde, em especial a de 2015 e 2019, que expressam a demanda pela implementação da Política Municipal de Educação Popular em Saúde;

Considerando o objetivo do executivo municipal pela Secretaria Municipal de Saúde de reduzir as iniquidades em saúde por meio da execução de políticas de inclusão social, **resolve:**

Art. 1 - Aprovar a Política Municipal de Educação Popular em Saúde (PMEPS), indo ao encontro da Política Nacional de Educação Popular, reafirmando o compromisso com os princípios do SUS, como a universalidade, a equidade, a integralidade e a efetiva participação popular no SUS. Propõe uma prática político-pedagógica que perpassa as ações voltadas para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a partir do diálogo entre a diversidade de saberes, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo, a produção individual e coletiva de conhecimentos e a inserção desses no SUS.

Art. 2 - A PMEPS será orientada pelos princípios do diálogo, amorosidade, problematização, e construção compartilhada do conhecimento, emancipação e compromisso com a construção do projeto democrático e popular, conforme legislação nacional vigente

(Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013) e seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Educação Popular em Saúde (ANEXO I);

Art. 3 - Fica implantado o 'Programa Municipal de Educação Popular em Saúde', no âmbito do Município, atendendo aos termos da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS) que terá como objetivo estabelecer e implementar estratégias e ações de planejamento, monitoramento e avaliação da PMEPS construídas de forma participativa com atores da sociedade civil implicados com a Educação Popular em Saúde.

Parágrafo único. A implantação de que trata o "caput" deste artigo será feita gradativamente, de acordo com as necessidades e possibilidades do Município, observadas as formalidades intrínsecas.

Art. 4 - Institui o Comitê Municipal de Educação Popular em Saúde (CMEPS).

Art. 5 - Implementa o Plano Operativo da PNEPS-SUS a nível municipal (ANEXO II).

Art. 6 - A execução do 'Programa Municipal de Educação Popular em Saúde' deverá ser descentralizada, respeitando a vocação municipal e a estruturação da rede de competências da cadeia produtiva, programando e executando, de forma integrada, as questões, educacionais, avaliativas, diagnósticas, ambientais e científico-tecnológicas, dentro de uma ampla estratégia de desenvolvimento municipal.

Art. 7 - Caberá ao 'Programa Municipal de Educação Popular em Saúde' do Município promover, incentivar e prestar assessoria técnica para implantação e desenvolvimento de programas congêneres no âmbito do município; promover ações de ensino, pesquisa e extensão nas instituições que mantêm interface com as atividades propostas, na saúde, educação, agronomia, meio ambiente e outras possíveis áreas de interface, visando dar suporte à plena expansão das atividades do referido programa; promover o diálogo e articulação com a Política Municipal de Práticas Integrativas, ordenando as ações para que sejam respeitados e priorizados os saberes populares, tradicionais e ancestrais das pessoas e comunidades.

Art. 8 - O Poder Executivo regulamentará a presente Política no que for necessário ao seu fiel cumprimento.

Art. 9 - Esta Política entra em vigor na data de sua publicação.

ANEXO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

Os pressupostos teórico-metodológicos da Educação Popular em Saúde contemplam dimensões filosóficas, políticas, éticas e metodológicas que dão sentido e coerência à *práxis* da educação popular em saúde. A apresentação demarcada desses elementos busca promover a melhor compreensão em uma perspectiva didática, porém, destaca-se que são componentes de um todo, são partes articuladas de um processo integral e único e, como tal, configuram-se em pressupostos da Política Municipal de Educação Popular. Esses pressupostos, apresentados a seguir, baseiam-se na Política Nacional de Educação Popular e Saúde.

1. Diálogo

Trata-se de uma perspectiva crítica de construção do conhecimento, de novos saberes, que parte da escuta do outro e da valorização dos seus saberes e iniciativas, contrapondo-se à prática prescritiva. O diálogo não torna as pessoas iguais, mas possibilita nos reconhecermos diversos e crescermos um com o outro; pressupõe o reconhecimento da multiculturalidade e amplia nossa capacidade em perceber, potencializar e conviver na diversidade.

2. Problematização

O ‘Programa Municipal de Educação Popular em Saúde’ propõe a construção de práticas em saúde alicerçadas na leitura e análise crítica da realidade. A experiência prévia dos sujeitos é reconhecida e contribui para a identificação das situações-limite presentes no cotidiano e das potencialidades para transformá-las por meio de ações para sua superação. A ampliação do olhar sobre a realidade com base na ação-reflexão-ação e o desenvolvimento de uma consciência crítica que surge da problematização permite que homens e mulheres se percebam sujeitos históricos, configurando-se em um processo humanizador e conscientizador.

3. Amorosidade

A amorosidade é uma dimensão importante na superação de práticas desumanizantes e na produção de novos sentidos e motivações para o trabalho em saúde. Por meio do vínculo

afetivo, se fortalece o reconhecimento e o acolhimento do outro enquanto sujeito portador de direitos e construtor de saberes, cultura e história. A valorização da amorosidade significa a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas.

4. Construção compartilhada do conhecimento

Conhecer é um processo histórico e cultural socialmente construído. Construção compartilhada do conhecimento consiste em processos comunicacionais e pedagógicos entre pessoas e grupos de saberes, culturas e inserções sociais diferentes, na perspectiva de compreender e transformar de modo coletivo as ações de saúde desde suas dimensões teóricas, políticas e práticas.

5. Emancipação

Ter a emancipação como referencial no fazer cotidiano da saúde, pressupõe a construção de processos de trabalho em saúde onde os usuários possam se constituir sujeitos do processo saúde-doença, contrapondo-se a atitudes autoritárias e prescritivas. É um processo coletivo e compartilhado de conquista das pessoas e grupos da superação da opressão, exploração, discriminação e violência ainda vigentes na sociedade e que produzem a desumanização e a determinação social do adoecimento.

6. Compromisso com a construção do Projeto Democrático e Popular

O Projeto Democrático e Popular, promotor de vida e saúde, caracteriza-se por princípios como a valorização do ser humano em sua integralidade, a soberania e autodeterminação dos povos, o respeito à diversidade étnico-cultural, de gênero, sexual, religiosa e geracional; a preservação da biodiversidade no contexto do desenvolvimento sustentável; o protagonismo, a organização e o poder popular; a democracia participativa; organização solidária da economia e da sociedade; acesso e garantia universal aos direitos, reafirmando o SUS como parte constitutiva deste Projeto.

ANEXO II

OBJETIVOS DO PROGRAMA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE

1. Implantar e implementar a Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde (SUS), dialogando com a Política Municipal de Práticas Integrativas e Complementares (PICS).
2. Desenvolver ações de promoção, prevenção e assistência à saúde, com base no princípio da integralidade, buscando a humanização do cuidado à saúde em todos os níveis de atenção.
3. Aumentar a resolubilidade do SUS e garantir o acesso às práticas populares, tradicionais e ancestrais (PPTA) de cuidado à saúde no Município, garantindo a qualidade, a eficácia, a eficiência e a segurança na sua utilização.
4. Promover a racionalização das ações de saúde, estimulando alternativas inovadoras e socialmente contributivas para o desenvolvimento sustentável das comunidades.
5. Promover a valorização e a integração entre o conhecimento/cultura popular e ações qualificadas dos profissionais da rede SUS, na coparticipação e autonomia das terapêuticas e ações propostas, aproximando os cidadãos da gestão, dos serviços de saúde, dos movimentos sociais populares, das práticas populares de cuidado e das instituições formadoras.
6. Em relação aos processos formativos:
 - 6.1. Estruturar processos de Educação Permanente em Saúde para trabalhadores, gestores, conselheiros e atores dos movimentos sociais populares, com vistas a incorporar em seus processos de trabalho a Educação Popular em Saúde (EPS).
 - 6.2. Incentivar, apoiar, assessorar e monitorar processos formativos em Instituições de Ensino Superior e Escolas Técnicas municipais, dentre outros espaços educacionais que incluam as PPTA e a EPS, de forma a promover a integração entre experiências populares, acadêmicas e dos serviços e fortalecer as já pactuadas.
7. Promover o diálogo entre o conhecimento popular e ações qualificadas dos profissionais da rede assistencial, na coparticipação e autonomia das terapêuticas e ações propostas, aproximando os sujeitos da gestão, dos serviços de saúde, dos movimentos sociais populares, das práticas populares de cuidado e das instituições formadoras.
8. Fortalecer a gestão participativa no SUS, seja pela qualificação e efetividade dos espaços de controle social instituídos (Conselhos e Conferências Municipais de Saúde), seja pelo apoio a identificação, construção e divulgação de novos canais de participação popular e controle social

na Secretaria Municipal de Saúde, assegurando a participação popular no planejamento, monitoramento e avaliação das ações deste Programa.

9. Quanto ao fortalecimento da participação social:

9.1. Estimular a criação de associações de usuários e Conselhos Locais de Saúde.

9.2. Estimular a participação de usuários e profissionais no Conselho Municipal de Saúde.

9.3. Propor a criação da Conferência Municipal da Educação Popular.

10. Articular as ações de Educação Popular em Saúde as demais Políticas Municipais de Saúde, bem como outros municípios, além de órgãos públicos e instituições não governamentais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

NATURALMENTE¹³

Eu estou aqui
Naturalmente vim
Naturalmente sigo
Para ser feliz

Quem está aqui
Naturalmente veio
Naturalmente segue
Sem ter arroteio

Salve aqui na mata
Quem aqui chegou
Salve quem ordena
Salve quem chamou

Este é o tempo
Da sabedoria
Estou aprendendo
O que eu não sabia

O que eu não sabia
A Natureza tem
Deus está vivendo
Vamos viver também

O EdPopSUS é um processo formativo mediatizado pelos afetos, que vai transformando a todos que por ele passa. Os resultados desta pesquisa mostraram que os ACS, educandos(as) do EdPopSUS, perceberam os conhecimentos de Educação Popular como um ato criador. As práticas educativas e as vivências comuns permitiram que os ACS construíssem o conhecimento integral de si mesmos, das carências das comunidades onde atuam e, principalmente, a consciência de seu papel como profissionais da saúde.

Esta pesquisa reconhece que a potência do processo educativo oportunizado pelo EdPopSUS, trazendo os fundamentos da Educação Popular, não está em sua apresentação lírica, emocionada e proselitista, mas no poder das análises que é capaz de oferecer a todos os elementos da educação e da saúde. Trata-se de um importante instrumento, não mais como uma política a ser estudada, mas como reorientadora das práticas de saúde, na perspectiva da transformação da sociedade.

Há limitações no estudo proposto relacionadas aos participantes de pesquisa. Não foram incluídos usuários (as) do SUS, os (as) quais são agentes fundamentais para identificação e

¹³ Canção recebida por Padrinho Alfredo – Santo Daime – Nossa Irmandade.

avaliação das práticas dos ACS. Dessa forma, pesquisas futuras que deem continuidade a esta pesquisa e incluam a percepção dos usuários (as) são recomendadas. Também, cabe considerar que processos de educação permanente em saúde fundamentados na Educação Popular devem envolver não apenas uma categoria profissional e, sim, todos os integrantes das equipes de saúde, para que possam ter oportunidades compartilhadas de aprendizado.

O processo de imersão no EdPopSUS, como a construção, leitura e releitura desse trabalho emociona e afeta, porque a Educação Popular é feita desses ingredientes, um ato de amorosidade – amorosidade ‘com’ e ‘para’ a libertação. Uma sensibilidade intensa sem jamais abrir mão da criticidade, da lucidez. De sentir e não apenas ver, mas enxergar. Impulsiona a um sentimento pleno, de pensar que não estamos sós, somos ‘um com o todo’ que produz afeto e impulsiona a querer transformar, a gerar mudanças ‘com’ o outro.

Ao refletir sobre o cenário político que se vivencia no Brasil e como ele afeta a vida das pessoas, de forma contundente, falar em educação e saúde é uma pauta de luta diária que perpassa as práticas pedagógicas dos ACS. Reitera-se que é preciso avançar na construção de uma agenda de enfrentamento das desigualdades, trazendo a equidade, a justiça e dos direitos para dentro da saúde universal (global). Até porque a saúde é parte essencial do processo de construção de um projeto de país, de um mundo melhor, e a emergência de ACS que sonham essa nova realidade e lutam novas lutas para a concretização de um novo projeto de sociedade é uma realidade ‘pós-Curso’. Salientando sempre que o realismo para um educador e educadora popular é a utopia, portanto, a esperança faz parte da luta e jamais distante dela.

Escrever, reler e anunciar é uma experiência poética se não for levada apenas na dureza de chegar a uma conclusão, ou a apenas a busca incessante de ‘respostas’ para completar os objetivos propostos. Poetizar é a experiência do processo, vivido com todas as suas contradições e devaneios de quem faz da sua vida no percurso da dissertação uma obra ou um processo de Arte, assim como é necessário no cuidado em saúde. Todos que passam pelo experimentar da Educação Popular – das leituras às ações, das cirandas às vivências em comunidades – possuem mãos fortes e firmes, fazendo com que ninguém seja perdido no caminho. Ninguém soltará a mão de ninguém! As vozes caladas serão ouvidas, os sentimentos serão mais fortes do que a racionalidade sem vida. Haverá resistência viva! O EdPopSUS é uma dessas resistências.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D. P. **The psychology of meaningful verbal learning**. New York: Grune and Stratton. 1963.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARILLI, E. C. V. C; PESSÔA, L. R. A. Intersetorialidade Saúde e Educação para a Construção de Escolas Promotoras de Saúde: percepções dos Profissionais Ligados ao Curso a Distância Gestão de Projetos de Investimento em Saúde. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 121-137, 2013.
- BONETTI, O. P.; PEDROSA, J. I. S.; SIQUEIRA, T. C. A. Educação Popular em saúde como política do Sistema Único de Saúde. **Revista Atenção Primária em Saúde**, Juiz de Fora, v. 14, n. 4, p. 397-407, out./dez. 2011.
- BORGES, T. S; ALENCAR, G. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**, Salvador, n. 4, p. 119-143, 2014.
- BORNSTEIN, V. J. et al. Desafios e perspectivas da Educação Popular em Saúde na constituição da práxis do Agente Comunitário de Saúde. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1327-1339, 2014.
- BORNSTEIN, V. J. et al. **Guia do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016.
- BORNSTEIN, V. J.; STOTZ, E. N. Concepções que integram a formação e o processo de trabalho dos agentes comunitários de saúde: uma revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 259-268, jan./fev. 2008.
- BRANDÃO, C. R. Pesquisar – participar. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BRANDÃO, C. R. **Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver**. Campinas: Papyrus, 2005a.
- BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. **Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005b.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Política de educação e desenvolvimento para**

o **SUS**: caminhos para a educação permanente em saúde: pólos de educação permanente em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Referencial curricular para curso técnico de agente comunitário de saúde**: área profissional saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **A educação permanente entra na roda**: pólos de educação permanente em saúde: conceitos e caminhos a percorrer. Brasília: Ministério da Saúde, 2005a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria da Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Curso de formação de facilitadores em educação permanente em saúde**: unidade de aprendizagem – análise do contexto da gestão e das práticas de saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O trabalho do Agente Comunitário de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM no 2.488, de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, para a Estratégia de Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 out. 2011, Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013**. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Brasília: Ministério da Saúde, 2013a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando**: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da Educação Popular. Brasília: Ministério da Saúde, 2013b.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ideias e dicas para o desenvolvimento de processos participativos em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2017a.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Panorama da Educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2017b.

BRASIL. Lei nº 13.595, de 5 de janeiro de 2018. Altera a Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, para dispor sobre a reformulação das atribuições, a jornada e as condições de trabalho, o grau de formação profissional, os cursos de formação técnica e continuada e a indenização de transporte dos profissionais Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Combate às Endemias. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Universidade para Todos**. Brasília: Ministério da Educação, 2019.

CALADO, A. J. F. Educação Popular como processo humanizador: quais protagonistas? In: LINS, L. T.; OLIVEIRA, V. L. B. **Educação Popular e movimentos sociais**: aspectos multidimensionais na construção do saber. João Pessoa: Universitária, 2008. p. 225-242.

CAMPOS, G. W. S. (Org.). **Saúde Paidéia**. São Paulo: Hucitec, 2003.

CECCIM, R. B. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 9, n. 16, p. 161-177, 2005.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 41-65, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Lei nº 7.498, de 25 de Junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. **Legislação para o exercício da Enfermagem**, 1986. 6p. Disponível em: <<http://www.abennacional.org.br/download/Leiprofissional.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Decreto 94.406, de 08.06.87. Regulamenta a Lei nº. 7498/86, que dispõe do exercício da Enfermagem e dá outras providências. In: SÃO PAULO. Conselho Regional de Enfermagem. **Documentos básicos de Enfermagem**. São Paulo, 2001.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução 567, 29 de janeiro de 2018. Regulamenta a atuação da Equipe de Enfermagem no Cuidado aos pacientes com feridas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, fev. 2018.

CORTES, S. M. V. Construindo a possibilidade da participação dos usuários: conselhos e conferências no Sistema Único de Saúde. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 18-49, jan./jun. 2002.

CRUZ, P. J. S. C. **Agir Crítico em nutrição: uma construção pela educação popular**. 2015. 397 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CRUZ, P. J. S. C. A Educação Popular em Saúde: seus caminhos e desafios na realidade atual brasileira. In: ____ (Org.). **Educação Popular em Saúde: desafios atuais**. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 19-32.

CRUZ, P. J. S. C., PEREIRA, E. A. A. L, ALENCAR, I. C. Educação Popular: teoria e princípio ético-político do trabalho social emancipador. In: CRUZ, P. J. S. C. (Org.). **Educação Popular em Saúde: desafios atuais**. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 47-67.

CRUZ, P. J. S. C.; VASCONCELOS, E. M. A pedagogia das práticas de extensão em educação popular na saúde: reflexões com base em depoimentos estudantis. In: CRUZ, P. J. S. C. (Org.). **Educação Popular em Saúde: desafios atuais**. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 252-297.

DANTAS, V. L. A. Educação Popular e os diálogos possíveis com a formação no campo da saúde considerando a perspectiva popular. In: CRUZ, P. J. S. C. (Org.). **Educação Popular em Saúde: desafios atuais**. São Paulo: Hucitec, 2018, p. 228-251.

DANTAS, V. L., LINHARES, A. M. B. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. In: Brasil. Ministério da Saúde. **II Caderno de Educação Popular em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014, p. 73-76.

DAVINI, M. C. Enfoques, Problemas e Perspectivas na Educação Permanente dos Recursos Humanos de Saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. Campinas: Papius, 2001.

EDPOPSUS. **Apresentação do Programa de Qualificação em Educação Popular em Saúde**. Brasil, 2017. Disponível em: <<http://www.EdPopSUS.epsjv.fiocruz.br/o-que-e-o-projeto>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

ESCOREL, S. História das Políticas de Saúde no Brasil de 1964 a 1990: do Golpe Militar à Reforma Sanitária. In: GIOVANELLA, L. (Org.). **Política e Sistema de Saúde no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

FERNANDES, M. V. N.; PEREIRA, J. R.; SALVADOR, A. S. O significado da extensão popular para a comunidade, 2011, p.183. In: VASCONCELOS, E. M.; CRUZ, P. J. S. C. (Org.).

Educação Popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

FONTANELLA, B. J. B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 388-394, 2011.

FRANCO, J. B. **Prática social como prática pedagógica em educação popular ambiental**. Curitiba: Appris, 2015.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. São Paulo, Centauro, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

FREITAS, L. M. et al. Formação dos agentes comunitários de saúde no município de Altamira (PA), Brasil. **ABCS Health Sciences**, Santo André, v. 40, n. 3, p. 171–177, 2015.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GENTILI, P.; ALENCAR, C. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Torino: Einaudi, 1975.

GIRADE, H. A. Assim nasceu o programa de Saúde da Família. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Memórias da saúde da Família no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. p. 20-24.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**, 2017. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 nov. 2018.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LARROSA BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

LAVOR, A. C. H. O agente comunitário: um novo profissional da saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Memórias da saúde da Família no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. p. 16-19.

LINHARES, A. M. B. **Itinerários para uma reflexão sobre saúde no contexto da Educação Popular**. Fortaleza: Mimeo, 2007

MACHADO, M. H. A participação da mulher no setor saúde no Brasil - 1970/80. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 449-460, 1986.

MARTELETO, R. M.; DAVID, H. M. S. L. Almanaque do Agente Comunitário de Saúde: uma experiência de produção compartilhada de conhecimentos. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1211-1226, 2014.

MATOS, Z. B.; TOASSI, R. F. C.; OLIVEIRA, M. C. Profissões e ocupações de saúde e o processo de feminização: tendências e implicações. **Athenea Digital - Revista de pensamento e investigação social**, La Rioja, v. 13, n. 2, p. 239-244, jul. 2013. Disponível em: <<https://atheneadigital.net/article/view/v13-n2-matos-eriotti-deoliveira/1119>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

MATTHEWS, E. **Comprender Merleau-Ponty**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MELO NETO, J. F. **Dialética**. João Pessoa: UFPB, 2002.

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.

MENDONÇA, F. F.; NUNES, E. F. P. A. Necessidades e dificuldades de tutores e facilitadores para implementar a política de educação permanente em saúde em um município de grande porte no estado do Paraná, Brasil. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 15, n. 38, p. 871-882, set. 2011.

MENDONÇA, A. V. M.; SOUSA, M. F.; SANTANA, P. (Org.). **Dez anos do PSF em Camaragibe**: eis as nossas riquezas. Rio de Janeiro: CEBES, 2004.

MENESES, M. N. Tendas do Afeto Popular: a experiência(ação) de uma prática de cuidado no Extremo Sul, do Rio Grande do Sul. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.l.], p. 197-211, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6901/4526>>. Acesso em: 18 jan. 2019.

MENESES, M. N. **A Roda da Educação Permanente em Saúde dentro das Tendões do Afeto Popular**. 2016. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Permanente em Saúde) - Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde) da Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, 2008.

MONASTA, A. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MONKEN, M. Contexto, território e processo de territorialização de informações: desenvolvendo estratégias pedagógicas para a educação profissional em saúde. In: BARCELLOS, C. (Org.). **A geografia e o contexto dos problemas de saúde**. Rio de Janeiro: ABRASCO/ICICT/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2008. p. 141-154.

MONKEN, M.; GONDIM, G. M. M. Território: lugar onde a vida acontece. In: BORNSTEIN, V. J. et al. **Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde: textos de apoio**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016. p. 109-112.

MORAIS, M. S. T.; VASCONCELOS, E. M. In: CRUZ, P. J. S. C. (Org.). **Educação Popular em Saúde: desafios atuais**. São Paulo: Hucitec, 2018, p. 166-199.

MORAIS FILHO, L. A. et al. Educação Permanente em Saúde: Uma estratégia para articular ensino e serviço. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 4, n. 5, p. 1050-1060, 2013.

MORETTI, C. Z. Militância. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 316-317.

MOTA, C. M.; DOSEA, G. S.; NUNES, P. S. Avaliação da presença da Síndrome de Burnout em Agentes Comunitários de Saúde no município de Aracaju, Sergipe, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 12, p. 4719-4726, 2014.

NASCIMENTO, E. P.; CORREA, C. R. S. O agente comunitário de saúde: formação, inserção e práticas. **Cad. saúde pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 1304-1313, 2008.

OLIVEIRA, F. M. C. S. N. et al. Educação Permanente e qualidade da assistência à saúde: aprendizagem significativa no trabalho da enfermagem. **Colombia: Aquichan**, Chía, v. 11, n. 1, p. 48-65, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Declaração de Alma-Ata**, 1978. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Alma-Ata.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

PALUDO, C. **Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático Popular**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PEDUZZI, M. Trabalho em equipe de saúde no horizonte normativo da integralidade, do cuidado e da democratização das relações de trabalho. In: PINHEIRO, R.; BARROS, M. E. B. (Org.). **Trabalho em equipe sob o eixo da integralidade: valores, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, CEPESC, ABRASCO, 2007. p. 161-77.

PEDROSA, J. I. S. Educação Popular no Ministério da Saúde: identificando espaços e referências. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

PINTO, J. M. C. P. **História e Memória Coletiva**. São Paulo: Hucitec, 2017.

PIRES, E. G. Experiência e linguagem em Walter Benjamin. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 813-828, 2014.

PULGA, V. L. A Educação Popular em Saúde como referencial para as nossas práticas na saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. p. 123-146.

PULGA, V. L. As múltiplas dimensões da educação popular em saúde que emergem das experiências e dos saberes produzidos nas redes de cuidados das mulheres camponesas. In: CRUZ, P. J. S. C. (Org.). **Educação Popular em Saúde: desafios atuais**. São Paulo: Hucitec, 2018. p. 85-106.

REIS, J. R. F.; BORGES, C. F. Contribuições históricas e políticas para a formação de agentes comunitários. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 98-120, 2016.

RIBEIRO, E.; MOTTA, J. I. **Educação Permanente como Estratégia na Reorganização dos Serviços de Saúde**. Instituto de Saúde Coletiva. UFB: Secretaria Executiva da Rede Ida-Brasil, 2002.

ROVERE, M. R. **Gestión Estratégica de la Educación Permanente en salud in Educación Permanente de Personal de Salud**. OMS: EUA, 1994.

SANTIAGO, A. R. F. Pedagogia Crítica e Educação Emancipatória na Escola Pública: um diálogo entre Paulo Freire e Boaventura Santos. IX ANPED SUL. **Seminário de Pesquisa em Educação**, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/225/217>>. Acesso em 14 fev. 2019.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SILVA, J. A.; DALMASO, A. S. W. O agente comunitário de saúde e suas atribuições: os desafios para os processos de formação de recursos humanos em saúde. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 6, n. 10, p. 75-96, 2004.

SILVAN, C. **Educação Popular em Saúde**: reflexões sobre educação em saúde, trabalho em saúde e gestão participativa. Recife: Ed. do Autor, 2013.

SOUSA, M. F. Saúde da Família no Brasil: do programa à política. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Memórias da saúde da Família no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. p. 26-29.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

TOMAZ, J. B. C. O agente comunitário de saúde não deve ser um “super-herói”. **Interface comun. saúde educ.**, Botucatu, v. 6, n. 10, p. 75-94, 2002.

TONET, I. **Educação contra o capital**. Maceió: Edufal, 2007.

TORRES, R. Agentes de combate a endemias. A construção de uma identidade sólida e a formação ampla em vigilância são desafios dessa categoria. **Revista Poli: saúde, educação e trabalho**, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 16-17, 2009.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular: de uma prática alternativa à estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67-83, 2004.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular e o Movimento de Transformação da Formação Universitária no Campo da Saúde. In: VASCONCELOS, E. M.; CRUZ, P. J. S.C. (Org.). **Educação Popular na Formação Universitária: reflexões com base em uma experiência**. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. p. 362-397.

VASCONCELOS, E. M. (Org.). **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de Educação Popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2017.

VASCONCELOS, E. M. O significado da valorização da dimensão espiritual nas políticas de saúde em uma sociedade democrática e laica na perspectiva da educação popular. In: CRUZ, P. J. S. C. (Org). **Educação Popular em Saúde**: desafios atuais. São Paulo: Hucitec, 2018. p.127-152.

VASCONCELOS, E. M.; CRUZ, P. J. S. **Educação Popular na formação Universitária**: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.

WAI, M. F. P.; CARVALHO, A. M. P. O trabalho do agente comunitário de saúde: fatores de sobrecarga e estratégias de enfrentamento. **Rev. Enfermagem. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 563-568, 2009.

WONG-UN, J. A. Aprendendo - e ajudando - a olhar o mar: das muitas saúdes, culturas e artes na educação popular. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. p. 179-190.

VEPOP. **Vivências em Educação Popular**. Blog VEPOP. 2016. Disponível em: <<http://vepopsus.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXO A – TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Estado do Rio Grande do Sul
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA SAÚDE
NÚCLEO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA - NUMESC

Parecer 020/2017

Rio Grande, 30 de outubro de 2017.

Projeto: EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA:
SIGNIFICANDO UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE
SAÚDE E AGENTES DE ENDEMIAS

Autor: MICHELE NEVES MENESES

Parecer:

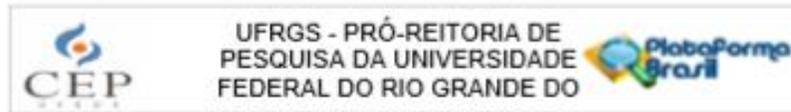
Perante a análise do colegiado do Núcleo Municipal de Educação Permanente em Saúde -
NUMESC, decidiu-se pelo DEFERIMENTO do projeto de pesquisa apresentado;



Tasso Pereira Teixeira
Coordenador do NUMESC.

Doer orgãos, doer sangue: Sobre vidas!

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DE APROVAÇÃO CEP UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: SIGNIFICANDO UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE E AGENTES DE ENDEMIAS

Pesquisador: Ramona Fernanda Ceriotti Toassi

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81167817.9.0000.5347

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.465.370

Apresentação do Projeto:

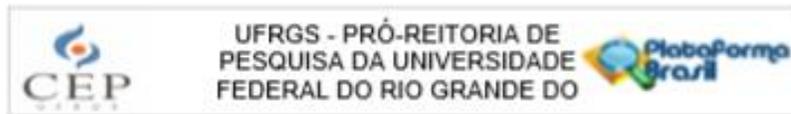
Trata-se de Projeto de Pesquisa (Proposta de Dissertação) de Michele Neves Menezes, orientada pela Profa. Dra. Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, do PPG Ensino na Saúde/UFRGS (Mestrado Profissional).

Trata-se de estudo de abordagem qualitativa (estudo de caso). A coleta de dados incluirá análise documental e entrevistas semiestruturadas, realizadas com agentes comunitários de saúde e agentes de combate às endemias, além de gestores municipais da saúde e do curso, sobre o significado da experiência do EdPopSUS.

Serão convidados a participar da pesquisa todos os 35 educandos que finalizaram o curso, em 2017, além do gestor municipal da Secretaria da Saúde (n=1) e dos gestores do curso a nível estadual e nacional (n=2), totalizando 38 participantes. O método de amostragem utilizado será o intencional por saturação.

A coleta de dados ocorrerá por meio da realização de análise documental e entrevistas semiestruturadas individuais. O material textual produzido será interpretado pela análise de conteúdo de Bardin com o apoio do software ATLAS.ti (Visual Qualitative Data Analysis).

Endereço: Av. Pedro Garcia, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Fátima **Cidade:** Porto Alegre **CEP:** 91.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@proppes.ufrgs.br



Continuação do Projeto: 3.483.373

Como critério de inclusão, os ACS e ACE deverão ter concluído o curso. Já a escolha dos três gestores (previamente definidos) justifica-se pela proximidade destes com a temática da Educação Popular em Saúde e do EdPopSUS, tendo acompanhado o desenvolvimento desse curso no município.

Serão excluídos da pesquisa ACS e ACE que não foram aprovados no curso e que estiverem afastados do trabalho devido a férias, afastamento ou licença.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender o significado da experiência de formação no Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) para Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Agentes de Combate às Endemias (ACE), participantes em turma realizada no município de Rio Grande, Rio Grande do Sul.

Objetivo Secundário:

- Analisar como se estabeleceu o processo de formação no curso EdPopSUS, na perspectiva dos educandos (ACS e ACE), facilitadores, gestores do curso e município, buscando compreender a relação do curso EdPopSUS com o trabalho dos ACS e ACE.

- Conhecer as práticas educativas/de participação popular e as práticas populares de cuidado realizadas nos serviços de saúde protagonizadas pelos ACS e ACE a partir da vivência no curso EdPopSUS.

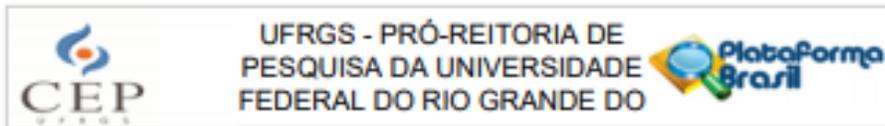
- Identificar potencialidades e desafios da formação do ACS e ACE no curso EdPopSUS.

- Verificar se a formação no curso EdPopSUS está possibilitando a implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Estão assim descritos:

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Fátima **Cidade:** PORTO ALEGRE **CEP:** 91.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3008-3738 **Fax:** (51)3008-4085 **E-mail:** etiaa@proreap.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 2.465.370

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1054019.pdf	14/12/2017 20:31:12		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Ramona_Plataforma_Brasil.pdf	14/12/2017 20:30:09	Ramona Femanda Ceriotti Toassi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Mestrado_ACS_ACE_final.pdf	14/12/2017 11:21:13	Ramona Femanda Ceriotti Toassi	Aceito
Outros	Anuencia_Secretaria_Municipal_da_Sau.de.PDF	13/12/2017 23:15:10	Ramona Femanda Ceriotti Toassi	Aceito
Outros	Parecer_aprovacao_COMPESO.pdf	13/12/2017 23:14:16	Ramona Femanda Ceriotti Toassi	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Educandos_Gestores.pdf	13/12/2017 23:13:35	Ramona Femanda Ceriotti Toassi	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 11 de Janeiro de 2018


Assinado por
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3736 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar voluntariamente de uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar da pesquisa basta preencher os seus dados e assinar esse Termo de Consentimento, que está em duas vias (uma delas fica com você e a outra com o pesquisador). Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com a responsável pela pesquisa.

Eu _____, residente e domiciliado (a) no município de _____, nascido (a) em ____/____/_____, concordo de livre e espontânea vontade em participar, como voluntário(a), da pesquisa **EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: SIGNIFICANDO UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE.** Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1º - Foram explicadas as justificativas e os objetivos da pesquisa.

O presente estudo tem como objetivo compreender o significado da experiência de formação no Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) para os educandos (Agentes Comunitários de Saúde) da turma de Rio Grande, Rio Grande do Sul.

2º - Foram explicados os procedimentos que serão utilizados.

Entendi que se concordar em fazer parte deste estudo terei que participar de uma entrevista individual, a qual será guiada por um roteiro com perguntas abertas e que, se eu estiver de acordo, será gravada. Essa entrevista levará cerca de 60 minutos para ser finalizada e será realizada no meu local de trabalho, em uma sala reservada, durante o horário de trabalho, evitando constrangimento e exposição desnecessária. Se eu concordar com a gravação, estou ciente de que haverá a transcrição da entrevista para um texto em computador e que as pesquisadoras envolvidas nesse estudo conhecerão os conteúdos, tal como foi falado, para discutir os resultados, mas essas pessoas estarão sempre submetidas às normas do sigilo profissional. Ficou claro que poderei ser contatado (se concordar) para revisar a gravação. As gravações com as entrevistas ficarão armazenadas em um *pendrive* específico por um período de cinco anos e depois serão destruídas (gravações serão deletadas do *pendrive*). O material textual das entrevistas só será utilizado para este estudo, não sendo usado em estudos futuros. Também, concordo em disponibilizar as cartas de expectativas inicial e final do curso.

3º - Foram descritos os benefícios que poderão ser obtidos.

A partir desta pesquisa será possível compreender os diferentes significados que o curso de Educação Popular em Saúde teve para os concluintes do curso, apresentando os resultados aos gestores e profissionais da saúde do município e trazendo para a discussão o tema da Educação Popular em Saúde. A pesquisa também tem potencial para trazer benefícios à implementação da Política Nacional de Educação Popular, bem como uma melhor reflexão do processo de trabalho dos atores participantes.

4º - Estou ciente de que toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e graduações variados. Nesta pesquisa, o tempo e o conteúdo da entrevista poderá causar algum incômodo. Se me sentir incomodado (a) ou desconfortável com a entrevista, posso parar de responder as

perguntas a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo para mim. Também me foi explicado que para proteger minha identificação, os dados originais da pesquisa serão utilizados somente pelas pesquisadoras envolvidas no estudo, sempre garantindo privacidade e confidencialidade.

5º - Foi dada a garantia de poder optar por aceitar ou não o convite para participar da pesquisa, recebendo resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a possíveis dúvidas acerca dos procedimentos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.

Caso você tenha novas perguntas, ou se pensar que houve algum prejuízo pela sua participação nesse estudo, pode conversar a qualquer hora com a professora Ramona Fernanda Ceriotti Toassi (pesquisadora responsável) no telefone 0XX (51) 3308-5480, endereço Av. Ramiro Barcelos 2492, endereço eletrônico ramona.fernanda@ufrgs.br ou com a estudante de Pós-Graduação Michele Neves Meneses, no telefone 0XX (53) 32337289, endereço Rua Almirante Barroso 166, das 8h às 17h, e-mail michele.sms@riogrande.rs.gov.br, ou com o Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS no telefone 0XX (51) 3308-3738.

Desse modo, acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito do que li ou do que leram para mim, descrevendo o estudo. Eu discuti com as pesquisadoras sobre a minha decisão de participar do estudo. Ficaram claros para mim quais os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes em qualquer etapa da pesquisa. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. A minha assinatura neste Consentimento Livre e Esclarecido dará autorização às pesquisadoras de utilizar os dados obtidos quando se fizer necessário, incluindo a divulgação dos mesmos, sempre preservando minha privacidade.

Rio Grande, ___/___/___

Assinatura do (a) voluntário (a)

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EDUCANDOS (ACS)

I – INFORMAÇÕES DE CONTEXTO DO PARTICIPANTE

1. Idade:
2. Sexo:
3. Ano de ingresso como ACS:
4. Escolaridade:
5. Formação complementar:
6. Tempo em que atua na Unidade de Saúde em que atua (anos):

II - QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

7. Como você percebeu a experiência de participar da formação no Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS)? (Buscar as lembranças do início do curso, expectativas e a percepção após a conclusão do curso)
8. O curso fez diferença para sua vida e processo de trabalho e nas relações com os outros trabalhadores? Fale sobre isso.
9. A investigação sobre expressões e manifestações culturais trabalhadas no curso gerou novidades para o teu trabalho? Quais? Exemplifique.
10. Sobre o conhecimento das memórias da tua comunidade, o que gerou para o seu trabalho enquanto agente?
11. Como você avalia o material didático, isto é, quanto ao conteúdo, apresentação e compreensão dos textos?
12. E o processo de avaliação, como eram avaliados no curso?
13. O que você poderia relatar como uma vivência que lhe marcou no curso?
14. Quais aprendizagens e sentimentos surgiram com o curso?
15. De forma geral, como você avalia o EdPopSUS? Falar sobre potencialidades e desafios.
16. Se tivesse que falar sobre o curso para um colega, o que diria?

APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTA PARA GESTORES DA SAÚDE

I - INFORMAÇÕES DE CONTEXTO DO PARTICIPANTE

1. Idade
2. Sexo
3. Escolaridade

II - QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

4. Como foi a experiência de formação no Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) para a gestão? (Buscar as lembranças do início do curso, expectativas e a percepção após a conclusão do curso)
5. Ao longo do curso foram observadas mudanças nas concepções e práticas dos educandos? Em qual sentido?
6. Foi possível observar também mudanças nas relações com os outros trabalhadores? Quais?
7. O que você poderia relatar como uma vivência que lhe marcou no curso enquanto gestão municipal de saúde?
8. Quais os sentimentos em relação ao curso?
9. Como você percebe o papel da Educação Popular para a gestão?
10. De forma geral, como você avalia o EdPopSUS? Falar sobre potencialidades e desafios.
11. Se tivesse que falar sobre o curso para a gestão de outro município, o que diria?

APÊNDICE D – ROTEIRO ENTREVISTA PARA GESTORES DO CURSO

I - INFORMAÇÕES DE CONTEXTO DO PARTICIPANTE

1. Idade
2. Sexo
3. Escolaridade

II - QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

4. Como foi a experiência de formação no Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) para a gestão do curso? (Buscar as lembranças do início do curso, expectativas e a percepção após a conclusão do curso)
5. Qual o papel do EdPopSUS para a formação de trabalhadores?
6. O que você poderia relatar como uma vivência que lhe marcou no curso enquanto gestão do curso?
7. Quais os sentimentos em relação ao curso?
8. Como você percebe o papel da Educação Popular para a gestão?
9. De forma geral, como você avalia o EdPopSUS? Falar sobre potencialidades e desafios.
10. Se tivesse que falar sobre o curso para um colega ou gestor público, o que diria?